

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GABRIEL JUNIO BARBOSA CAIXETA

**ETERNIZAR A ADOLESCÊNCIA:
IMPASSES QUANTO AO TORNAR-SE ADULTO**

Belo Horizonte
2022

GABRIEL JUNIO BARBOSA CAIXETA

**ETERNIZAR A ADOLESCÊNCIA:
IMPASSES QUANTO AO TORNAR-SE ADULTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira.

BELO HORIZONTE

2022

159 Caixeta, Gabriel Junio Barbosa.
C138e Eternizar a adolescência [manuscrito] : impasses quanto ao
2022 tomar-se adulto / Gabriel Junio Barbosa Caixeta. - 2022.
116 f.
Orientadora: Márcia Maria Rosa Vieira Luchina.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise - Teses.
3. Adolescência - Teses. 4. Sexo - Teses. I. Vieira, Márcia Maria Rosa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE GABRIEL JÚNIO BARBOSA CAIXETA

Realizou-se, no dia 01 de julho de 2022, às 09:00 horas, Plataforma Zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *ETERNIZAR A ADOLESCÊNCIA: IMPASSES QUANTO AO TORNAR-SE ADULTO*, apresentada por GABRIEL JÚNIO BARBOSA CAIXETA, número de registro 2020653774, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Márcia Maria Vieira Rosa Luchina - Orientador (UFMG), Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha (Faculdade de Medicina/UFMG), Prof(a). Carla Almeida Capanema (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Maria Rosa Vieira Luchina, Servidor(a)**, em 07/07/2022, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Almeida Capanema, Usuário Externo**, em 07/07/2022, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane de Freitas Cunha Grillo, Professora do Magistério Superior**, em 07/07/2022, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1561632** e o código CRC **58CE47F8**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, pela acolhida do meu trabalho possibilitando que hoje este produto pudesse ser apresentado.

Agradeço à minha orientadora Márcia Rosa, por me receber em seu grupo de orientandos, pela leitura rigorosa, cuidadosa e bem-humorada, tanto de meu trabalho como dos meus impasses durante a produção da pesquisa. Sem suas intervenções sutis e pontuais, com toda certeza, a pesquisa não teria caminhado. Sem seu humor, e sua aposta em meu percurso, não teria sido possível o tornar-se neste contexto.

Agradeço ao meu analista que, em sua presença marcante, seu silêncio e seu humor singular, possibilitou-me caminhar rumo à travessia das fantasias que me fixavam numa posição adolescente diante do novo que vinha surgindo a cada passo dado. Sua sutileza e pontuações bem-humoradas me possibilitaram avançar.

Agradeço a Cristiane Barreto, pelos encontros de supervisão dos casos que forneceram o material clínico aqui apresentado. Nossa interlocução foi fundamental para que fosse possível extrair e localizar os pontos que indicavam os desdobramentos de minha pesquisa.

Agradeço a Raquel, Cláudia e Rosilene, colegas de caminhada que me apoiaram e apostaram, cada uma a sua maneira, em meu percurso de formação e na construção desta pesquisa.

Agradeço a Fernanda do Valle, pelas várias conversas e discussões que, com muita leveza, permitiram inventar nosso “tive notícias”. Sua leitura, seus comentários e sua escuta das minhas elaborações foram fundamentais.

Agradeço a Camila e ao Marcelo, amigos, psicanalistas, queridos. Vocês se fizeram presentes em um momento crucial da produção de minha pesquisa. Estiveram lá e me ajudaram a enlaçar sozinho, mas não sem vocês, aquilo que por vezes ameaçava desenlaçar. Gratidão.

Agradeço ao Thiago Vasconcellos, amigo que sempre me incentivou a tentar o mestrado; e a Bianca, minha querida amiga que, embora não tenha trânsito na psicanálise, sempre me encorajou a seguir, mostrando que meus impasses eram comuns ao processo.

Agradeço aos meus colegas da Pós, em especial a Heloisa, com quem estabeleci um laço de trocas de mensagens e muitos desabafos. Obrigado, minha querida, nossas conversas foram fundamentais.

Agradeço, por fim, à psicanálise que atravessou meu percurso, e, tornando-se causa de meu desejo, colocou-me a trabalho. Agradeço a todos aqueles que, com seu saber, estiveram em interlocução comigo, mesmo sem se darem conta.

RESUMO

CAIXETA, G. J. B. (2022). Eternizar a adolescência: Impasses quanto ao tornar-se adulto (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte.

A experiência clínica do pesquisador foi a mola propulsora para o desenvolvimento desta pesquisa que tem como objeto principal a delicada transição da adolescência. A investigação parte da escuta dos sujeitos adolescentes embaraçados quanto à sua posição no mundo e do impasse quanto ao tornar-se adulto, seja homem ou mulher. A escrita da dissertação se sustenta nos princípios da metodologia em pesquisa teórico-clínica em psicanálise, para se perguntar, inicialmente, sobre o conceito de adolescência em psicanálise e se interrogar sobre os impasses experimentados por tais sujeitos, no que diz respeito ao seu despertar sexual e o tornar-se adulto. O trabalho se divide em dois capítulos distintos que não deixam de se entrelaçar. No primeiro capítulo, desdobra-se o conceito de adolescência para a psicanálise, tendo como norteadores as formulações de Freud e o ensino de Lacan. A pesquisa se respalda também nos comentadores e nos pesquisadores da área. A leitura da peça de teatro *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind, foi usada como recurso adicional, por dar suporte a muitas das leituras psicanalíticas sobre o tema da adolescência e do despertar sexual. Buscou-se ainda cernir a adolescência não como uma fase do desenvolvimento, tal como propõe a sociologia e a psicologia do desenvolvimento, mas como um sintoma, uma resposta construída, por cada sujeito, diante do novo que se apresenta e implica em operar com os impasses do laço social. No segundo capítulo, com base na clínica do pesquisador, desdobra-se os impasses desses sujeitos, principalmente no que diz respeito à saída da adolescência rumo ao tornar-se adulto, homem ou mulher. Buscou-se cernir esses impasses a partir das formulações lacanianas a respeito da alienação e da separação, operadores na constituição do sujeito, servindo-se de dois fragmentos clínicos que demonstram que esses processos não são lineares e não ocorrem sem embaraços. Pautado no que se apresentou na clínica, foi proposta uma elaboração a respeito da hipótese da procrastinação da adolescência, nos servindo de dois fragmentos clínicos de sujeitos que se fixavam no sintoma da adolescência como resposta diante do impossível de tornar-se adulto, e a relação disso com seus impasses quanto à partilha sexual. Assim, foi possível verificar que a transição da adolescência vai além de uma leitura edípica, pautada na construção de uma posição atrelada unicamente nos ideais paternos, abrangendo um impasse que se apresenta ao sujeito, e do qual, às vezes, não se encontra um amparo nos ideais. Trata-se aqui de ir além do Édipo para uma leitura pautada nas formulações de Lacan, na década de 1970, a respeito do gozo. Em última instância, a pesquisa buscou demonstrar como o encontro com um analista

pode possibilitar que tais sujeitos, a partir do espaço em que se pode valer de seus próprios modos de dizer, podem vir a construir novos modos de lidar com o (im)possível de sua delicada transição.

Palavras-chaves: psicanálise, adolescência, tornar-se, adulto, homem, mulher.

ABSTRACT

CAIXETA, G. J. B. (2022). *Eternalizing the adolescence: Impasses as to becoming an adult* (Masters dissertation). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte.

The researcher's clinical experience was the driving force for the development of this research, which has as its main object the delicate transition of adolescence. The investigation starts from the hearing of the adolescent subjects tangled about their position in the world and the impasse about becoming an adult, being a man or a woman. The dissertation writing underpins itself on the principles of methodology in theoretical-clinical research in psychoanalysis, to ask, initially, about the concept of adolescence in psychoanalysis and interrogate about the impasses experimented by these subjects, regarding their sexual awakening and becoming an adult. The work is divided into two distinct chapters that do not fail to connect. In the first chapter, the concept of adolescence for psychoanalysis is unfolded, having as north Freud's formulations and Lacan's teaching. The research is also underpinned by the area's commenters and researchers. The reading of the play *Spring awakening*, by Frank Wedekind, was used as an additional resource, as it backs many psychoanalytical readings about the adolescence and sexual awakening topic. It was sought to sort the adolescence not as a development stage, but as a symptom, a constructed answer, by each subject, before the new that presents itself and implies operating with the impasses of the social bond. In the second chapter, based on the researcher's practice, these subjects' impasses are unfolded, especially regarding the exit of adolescence towards the becoming an adult, man or woman. It was sought to sort these impasses from Lacanian formulations regarding alienation and separation, operators on the subject constitution, using two clinical fragments which demonstrate that these processes aren't linear and do not happen without hindrances. Guided on what was presented in the clinic, an elaboration about the hypothesis of procrastination of adolescence was made, using two clinical fragments of subjects that fixed on the adolescence symptom as an answer towards the impossible of becoming an adult, and this relationship with their impasses regarding sexual sharing. Thus, it was possible to verify that the transition from adolescence goes beyond an Oedipal reading, lined on the construction of a position linked only in the paternal ideals, embracing an impasse that presents itself to the subject and which, sometimes, does not find support on the ideals. Here, we go beyond Oedipus, to a reading based on Lacan's formulations, in the 1970s, about *jouissance*. At least, the research aimed to demonstrate how the encounter with an analyst might enable these subjects, from the space where they can count on their ways of saying, to build new ways of dealing with the (im)possible of their delicate transition.

Keywords: psychoanalysis, adolescence, becoming, adult, man, woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS	20
2.1 Introdução ao tema de pesquisa	20
2.2 A teoria freudiana da puberdade	23
2.3 O ensino lacaniano: uma leitura sobre o real da puberdade	32
2.4 O despertar da primavera	36
2.5 A difícil tarefa do tornar-se e a adolescência como sintoma	43
3 COORDENADAS E APOSTAS CLÍNICAS	52
3.1 Adolescência, uma construção (im)possível, e seus contornos	52
3.1.1 <i>A Princesinha do papai</i>	57
3.1.2 <i>Ser um homem diferente e a impossibilidade de abordar uma mulher</i>	60
3.2 Tornar-se homem ou mulher, coordenadas teóricas	62
3.2.1 <i>A distinção anatômica e o Édipo: primeiras coordenadas freudianas</i>	62
3.2.2 <i>O Édipo em Lacan: momento de abertura para o tornar-se</i>	68
3.2.3 <i>Tornar-se homem ou mulher: do semblante à sexuação</i>	70
3.2.3.1 <u>O semblante</u>	70
3.2.3.2 <u>A sexuação</u>	74
3.2.3.3 <u>Lado homem da sexuação (lado esquerdo da tábua): o apego ao falo</u>	79
3.2.3.4 <u>Lado mulher da sexuação (lado direito da tábua): o embaraço quanto à inexistência da mulher</u>	82
3.3 Adolescência eternizada: uma solução para o impossível de tornar-se	85
3.4 Fragmentos clínicos	94
3.4.1 <i>“Não me vejo como uma mulher. Para mim, ainda sou uma adolescente.”</i>	95
3.4.2 <i>“Onde eu errei?” Quando ser um homem não dá certo</i>	98
4 CONSIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS: NOVAS PERSPECTIVAS QUE SE ABREM	101
REFERÊNCIAS	110

1 INTRODUÇÃO

“A mais delicada das transições”, é assim que Lacadée (2011, p. 26) nomeia aquilo que se passa na puberdade — tema que atravessa nossa investigação. É também o que podemos verificar no texto de Freud (1905/1996l) *Três ensaios sobre a teoria sexualidade*, quando ele nos apresenta as transformações na puberdade, que é considerada uma transição, pois é o momento em que irrompe algo novo — um despertar —, que ocorre, muitas vezes, de maneira inesperada, e para o qual não há um saber prévio que permita ao sujeito dar sentidos.

Esse algo novo concerne à irrupção das transformações do corpo que implica em não se reconhecer mais como uma criança, à satisfação que já não mais se sustenta no autoerotismo infantil, precisando agora passar pelo outro sexo, ao posicionar-se como ser sexuado, e, por fim, mas não menos importante, à tarefa enigmática quanto ao tornar-se adulto, algo para o qual não há coordenadas que apresentem uma verdade inequívoca. Portanto, a adolescência diz dessa transição, da saída da infância, período no qual o sujeito se situaria no campo da alienação, rumo ao torna-se adulto, homem ou mulher, o que independe da identificação de gênero, que implica em algo da separação, e conseqüentemente no encontro com a solidão.

Assim sendo, tomo este mesmo significante — transição — para representar o que se passou durante a produção desta pesquisa, cujo fruto recebeu o título *Eternizar a adolescência: impasses quanto ao tornar-se adulto*. Sem dúvida, tratou-se aqui de uma transição, que se deu a partir de um despertar — outro significante recolhido ao longo destas páginas que buscaram escrever os impasses dos sujeitos aqui cernidos, os quais, por meio da escuta analítica do pesquisador, propiciaram o material de trabalho clínico aqui apresentado.

Contextualização: o projeto de pesquisa aceito no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tinha como tema principal a transferência e seus impasses na clínica contemporânea. Tal projeto compreendia de maneira exaustiva, e pouco possível, contemplar os aspectos que dissessem dos impasses quanto à prática psicanalítica com alguns sujeitos, o que, por si só, trazia em seu escopo a dimensão do encontro com o impossível. Assim, como apontado por Stevens (1998/2004, p. 28) ao estabelecer uma definição para adolescência como o encontro entre todos os possíveis e o impossível, o anteprojeto, que trazia fragmentos clínicos de sujeitos adolescentes, já apontava que era desse impasse que se tratava a questão pela qual o pesquisador caminharia.

Assim, o corte que visava uma delimitação no que tange a esse tema inicial foi feito. Com base nos fragmentos clínicos que seriam trabalhados pelo pesquisador, delimitou-se uma pesquisa que teria como sustentação clínica a adolescência — tema no qual o pesquisador nunca

havia se debruçado, mas que se mostrou ser o que lhe convocava a investigar aquilo que era seu enigma clínico. O despertar se fez, precipitando uma transição quanto ao objeto de investigação.

Escolhemos, a partir desse despertar, investigar as questões concernentes à adolescência e fazer disso o tema de pesquisa, que, no instante de ver, colocou uma interrogação: “*Do que se trata a adolescência para a psicanálise, visto que ela é um termo cunhado pela psicologia do desenvolvimento?*”. Assim, foi dado o ponto de partida que lançou o pesquisador à investigação em torno de seu impasse clínico, que também apontava um furo em seu saber.

As primeiras investigações, que buscavam cernir a adolescência para além dos atravessamentos da psicologia, fizeram com que o pesquisador se deparasse com os textos freudianos sobre a sexualidade, dentre eles *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996l), que o ensinou que a adolescência buscava representar aquilo que ocorreria na puberdade. Portanto, logo de saída, embora fossem termos distintos, ambos — adolescência e puberdade — se encontravam entrelaçados. Nesse texto, Freud apresenta as “transformações da puberdade”, fenômenos que ocorrem no momento de saída da infância, representada pelo autoerotismo da pulsão, e que dizem respeito às transformações no corpo biológico, o despertar para a questão sexual e a incidência do enigma da diferença sexual, que, embora já se delineasse na infância, reapareceria na puberdade provocando alguns impasses. Tal formulação ainda podia ser encontrada nos fragmentos de casos trabalhados por Freud, nos quais verificamos que a incidência dos sintomas neuróticos, embora não tivessem seu núcleo na puberdade, muitas vezes, irrompiam nesse momento.

Assim, tomando Freud (1905/1996l) como ponto de partida, marcou-se que se a puberdade concernia ao que Lacadée (2011) apontava como um novo que surge para o sujeito na saída da infância, sendo a adolescência uma nomeação ofertada pelo Outro da sociologia, da antropologia e da psicologia, para representar isso. Esse novo, ao qual o autor se refere, foi trabalhado por Lacan (1974/2003e) em seu único texto sobre o tema, com base na peça de teatro *O despertar da primavera*, escrita por Frank Wedekind em 1890, como aquilo que da sexualidade faria furo no real, e que Miller (2020) e Stevens (1998/2004) localizam como o saber que escapa à sexuação. Sobre ser adulto, homem ou mulher, não há saber previamente determinado. Esse achado, inclusive, foi o que provocou um novo despertar, que veio delimitar um pouco mais o interesse do pesquisador na questão da adolescência, e se tornou o objeto de investigação privilegiado na presente pesquisa — *os impasses quanto ao tornar-se adulto, homem ou mulher*.

Portanto, se a puberdade, e as transformações inerentes a ela, concerniria para o sujeito como um real, enquanto aquilo que escapa a qualquer apreensão simbólica e no qual o sujeito

se encontra embaraçado em dar sentido, caberia interrogar como os sujeitos poderiam encontrar soluções para isso. Assim, encontrou-se nos trabalhos de Stevens (1998/2004; 2013) que a adolescência seria o que vem contornar o real da puberdade — real que incide a partir do enigma sexual — o que foi extremamente relevante, pois esse autor a toma como um sintoma. Lembremos que o sintoma diz justamente de uma resposta que o sujeito pode construir para a incidência de um real impossível de ser significantizável. Então, para o real da puberdade, cada sujeito construiria sua própria adolescência com contornos únicos.

A questão sobre o tornar-se adulto, homem ou mulher, foi ainda reforçada pela escuta clínica do pesquisador a respeito dos impasses desses sujeitos na adolescência. O ponto de virada se deu com base na escuta de uma analisante — cujo fragmento é apresentado no trabalho — que disse: “É estranho escutar você dizendo que já sou uma mulher, pois eu ainda me sinto uma adolescente”. Essa fala capturou o pesquisador e o fez localizar que alguns sujeitos escutados, cada um à sua maneira, diziam da sua dificuldade de atravessar a puberdade e seguir rumo à vida adulta, fosse como homem ou mulher. Era disso que se tratava o impasse desses sujeitos, e que estaria posto e teria sido trabalhado por Freud (1905/1996I), Stevens (1998/2004), Lacan (1974/2003e), Lacadée (2011) e Miller (2020), a difícil tarefa do tornar-se adulto, pois quanto ao que seria ser um adulto, homem ou mulher, não haveria nenhuma coordenada sólida o suficiente que apontasse um “caminho certo”, ou seja, quanto ao ser sexuado, cada sujeito precisaria inventar seu caminho de forma solitária, mas não sem o Outro, o analista, por exemplo.

Este encontro com o impossível, frente ao momento de todos os possíveis, tal como apresentado por Stevens (1998/2004), configurava para os sujeitos adolescentes um impasse do qual nenhum sairia sem embaraço, e, ainda, verificou-se que havia aqueles que pareciam ficar capturados e impossibilitados de seguir. Como ser adulto, homem ou mulher, quando a vastidão de possibilidades colocava o sujeito no vazio de garantias. Esse foi um impasse apresentado por alguns sujeitos, que, embora não mais situados cronologicamente na puberdade, mantinham-se fixados em sua adolescência. Portanto, ali estava o que se tornou a pergunta e a hipótese de pesquisa: *“Pode-se pensar a eternização da adolescência, enquanto sintoma, frente aos impasses encontrados por alguns sujeitos quanto ao torna-se adulto, homem ou mulher?”*.

Dito isso, podemos afirmar que, convergindo à questão de pesquisa — puberdade e adolescência — e à escuta clínica do pesquisador — que colocava em questão seu próprio inconsciente — a pesquisa caminhou por conta própria, amparada nas mãos que digitavam e no desejo de saber do pesquisador, rumo a tornar-se este produto.

Assim, os dois significantes que representam o processo de investigação do tema desta pesquisa — “transição” e “despertar” — indicam a metodologia privilegiada no trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho de pesquisa teórico-clínica em psicanálise. Tomamos como premissa orientarmo-nos pelas formulações teóricas propostas por Sigmund Freud, Jacques Lacan, alguns de seus leitores e comentadores, bem como alguns autores de dissertações e teses que se debruçaram sobre a questão da puberdade e da adolescência. Ainda, privilegiamos alguns fragmentos de casos recolhidos da prática clínica do pesquisador, que serviram como pontos de interrogação à teoria e permitiram trabalhar a hipótese de nossa investigação: os contornos (im)possíveis quanto ao ser adulto e à eternização da adolescência.

De acordo com os trabalhos de Mezêncio (2004) e de Limeira, Costa e Rodrigues (2017), a respeito da metodologia de pesquisa em psicanálise, seria preciso marcar uma distinção fundamental entre a pesquisa teórica orientada pela psicanálise e àquela estabelecida em outros campos do saber. A pesquisa em psicanálise é a única que leva em conta a relação do inconsciente do próprio pesquisador com seu objeto de pesquisa. Isso bem se verifica no presente, quando a escolha manifesta pelo tema da transferência culminou na tradução e na revelação de sua escolha inconsciente pelo que de fato era a questão do pesquisador (a adolescência e o tornar-se), seja em sua clínica, seja em sua própria análise.

De acordo com Guerra (2001), ao tratar da relação do pesquisador com o objeto de pesquisa:

se a psicanálise, portanto, produz um saber que decorre de seu próprio campo a partir das incidências do inconsciente . . . não é possível pensar um método que exclua essa singularidade radical do sujeito na realização da pesquisa. Assim, a forma de produção de conhecimento em psicanálise é determinada e regida, ela também, pela existência do inconsciente. (p. 87)

Diniz (2018) corrobora ao afirmar que em uma pesquisa psicanalítica, seja ela teórica ou clínica, não se pode desconsiderar que há um atravessamento do próprio inconsciente do pesquisador na escolha e no interesse pelo objeto de pesquisa, e que seria um erro pensar uma metodologia psicanalítica que apostasse no distanciamento pesquisador/objeto. Os significantes “despertar”, “transição” e “tornar-se” mostram ser aqueles que faziam uma junção entre o objeto e a implicação do inconsciente do pesquisador. Portanto, a pesquisa teórica em psicanálise levaria em conta a posição do sujeito pesquisador, na medida em que sua transferência com o objeto pesquisado — a adolescência — inclui o próprio desejo e o inconsciente.

Buscou-se, aqui, pautado na metodologia de investigação teórica, caminhar pelas referências bibliográficas que cerniam nosso objeto de pesquisa, até o ponto em que elas se

mostravam suficientes para responder os enigmas colocados de saída. Porém, na medida em que a clínica incidiu sobre a investigação, um obstáculo foi colocado: “*Seriam, estes sujeitos com mais de 20 anos, embaraçados com o tornar-se adultos, homens ou mulheres, ainda adolescentes, tendo em vista que a adolescência vem responder ao enigma da sexuação?*”.

Tal condução encontra respaldo nas coordenadas propostas por Mezêncio (2004) ao colocar que em uma pesquisa psicanalítica, o pesquisador deveria levar a interrogação teórica até o ponto de obstáculo ou até o ponto no qual o obstáculo pode ser avistado, de forma a não simplesmente repetir saberes já postos, mas de fazer uma reinvenção, apontar um mais além, um algo a mais, baseando-se nos pontos de tropeços que se apresentaram em relação ao saber.

Os fragmentos clínicos aqui apresentados tiveram como respaldo as orientações de Castro (2010) sobre a utilização desse recurso em pesquisas. De acordo com a autora, sua utilização se justifica pela possibilidade de fazer avançar a psicanálise pelo exame das exceções implicadas no particular do caso e a verificação do que, nesses casos, confirmam ou contrariam a regra do universal da teoria, de modo que o psicanalista-pesquisador poderá fazer da discussão algo além de uma metodologia usual de pesquisa, incluindo aí seu estilo singular de escrita.

O caso, portanto, serve-nos não como um exemplar, pois a eternização da adolescência não estaria no para todos, mas justamente, e é nisso que o método psicanalítico se diferencia daqueles que sustentam a produção científica dos outros campos do saber, como problematizador da generalização necessária à teoria (Vorcaro, 2018).

Nesse sentido, Marcos (2018) ainda argumenta que não devemos pensar o caso como uma simples parcela da verdade universal, pois ele se constitui justamente naquilo que rejeita a universalidade que pretende governá-lo, e os fragmentos apresentados nos apontam exatamente isso: que a adolescência não é algo universalmente situado nos jovens que estariam numa idade cronológica correspondente à puberdade, e que nem sempre sua saída respeita o tempo posto pelo Outro social.

Assim, o que se apresenta em cada fragmento e não remete à identificação no campo do Outro revela o real em jogo na prática clínica, portanto, “o caso clínico em psicanálise leva em conta essa lógica do singular, a partir da qual podemos nos distanciar das classificações identificatórias. É nesse sentido que a noção do não-todo fornece sustentação à dimensão singular do caso clínico” (Marcos, 2018, p. 103).

Como forma de apresentar nossa investigação e seus resultados, com base na metodologia escolhida, optamos por construir este trabalho em dois momentos distintos, demarcados por dois capítulos que se entrelaçam. Denominamos o primeiro capítulo como “Perspectivas teóricas”, e o segundo capítulo como “Coordenadas e apostas clínicas”. Nosso

objetivo com isso foi demarcar, de um lado, nosso percurso de pesquisa bibliográfica (pesquisa teórica) e, de outro, nossas articulações clínicas (pesquisa clínica), para, ao fim, apresentar nossas “Considerações (não tão) finais”, nas quais, ao sinalizar nosso momento de concluir, apontamos o novo, o mais além, no qual podemos nos lançar.

No primeiro capítulo, “Perspectivas teóricas”, começamos por situar o termo adolescência com base nas distinções entre a psicanálise e os outros campos de saber, e, para tanto, caminhamos desde seu uso na história, passando pela psicologia e sociologia até chegar às formulações psicanalíticas apresentadas por Freud. Fundamentados em Freud, estabelecemos um percurso, servindo-nos, inclusive, de dissertações e teses para sustentar a diferença entre a adolescência e a puberdade, tendo em vista que Freud, em seus trabalhos, deteve-se na puberdade enquanto fenômeno inerente à saída da infância.

Ainda nesse capítulo, verificamos que a questão da puberdade, em relação à incidência do sexual, não é algo que ocorreria somente nesse período, tendo seu primeiro aparecimento na infância. Para tanto, servimo-nos dos textos sobre as teorias sexuais infantis (Freud, 1907/2018e; 1908/2018d), para apontar como isso se daria e qual recurso privilegiado na infância para dar conta disso. Também verificamos que, embora Freud (1896/1996a) situe o núcleo da neurose nas questões infantis, seria possível constatar que, na puberdade, tais questões, ao serem potencializadas pelas novas experiências dos sujeitos, podem irromper nos sintomas neuróticos, tal como se verifica em alguns casos de histeria. Em outras palavras, Freud nos ensina que o que ocorre na infância, embora não faça necessariamente surgir um sintoma, deixa um traço que faz marca no inconsciente e mais tarde encontra seu envelope formal.

Feito isso, passamos às formulações propostas pelo ensino de Lacan, de alguns comentadores e autores de dissertações e teses a respeito de nosso tema de trabalho. A utilização dos comentadores e autores se deu pela constatação de que o próprio Lacan pouco trabalhou a questão da adolescência, havendo poucas indicações em seus seminários, e um único texto no qual explorou a peça de teatro *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind. Portanto, ele não deixou de dar bases teóricas para que possamos ler aquilo que Freud apresentou sobre os fenômenos que se passariam na puberdade.

Assim sendo, caminhamos, aqui, pelas formulações lacanianas a respeito do objeto pequeno *a*, do gozo, do real, do saber e do grande Outro, que nos permitiram pensar a relação do sujeito adolescente com o saber, com a sexualidade e a relação com o Outro. Servimo-nos também dos textos de Miller e de outros autores para cernir em que aspectos a adolescência poderia se apresentar como desafiadora na contemporaneidade, tendo em vista as transformações das subjetividades de nossa época. Aproveitamos, ainda, para trazer dois

fragmentos de situações recolhidas na prática do pesquisador que situam tais mudanças na subjetividade, e conseqüentemente na maneira como esses sujeitos, desprovidos de um saber preexistente que lhes diga como operar no mundo, podem vir a funcionar em nossa contemporaneidade.

Ainda nesse capítulo, privilegiamos o texto lacaniano *Prefácio para o despertar da primavera*, no qual Lacan (1974/2003e) escreve um prefácio para a peça teatral que consiste em seu único escrito sobre o tema desta pesquisa. Como já mencionado, na peça *O despertar da primavera*, escrita em 1890 pelo dramaturgo alemão Frank Wedekind, verifica-se o desamparo que toma corpo na puberdade, o que nos convida a pensar também em um tempo de descobertas para cada sujeito no que diz respeito a sexualidade. Ainda nos servimos de autores de trabalhos que se debruçaram sobre os personagens apresentados na peça e que nos ajudaram a entender a formulação lacaniana de que a sexualidade é aquilo que faz furo no real, bem como a compreender esse tempo singular de cada adolescente frente ao novo que surge na puberdade.

Por fim, como ponto que se lança rumo ao segundo capítulo, buscamos trabalhar a difícil tarefa quanto ao tornar-se, e a adolescência como um sintoma da puberdade. Para tanto, servimo-nos principalmente de autores tais como Lacadée, Miller e Stevens. Nessa seção, apresentamos e sustentamos a hipótese proposta por Stevens de que a adolescência seria, ao contrário do que pensa a psicologia ao colocá-la como momento do desenvolvimento, como uma resposta do sujeito na puberdade diante dos impasses concernentes à transição que implica em uma desconexão entre o ser de criança e seu ser de homem ou de mulher. Portanto, um sintoma, uma invenção que o sujeito constrói para dar conta do real que se impõe, enquanto a inexistência de algo que possa dizer sem equívocos como ser um homem ou mulher adultos, e que visa contornar os impasses encontrados nos chamados “ritos de passagem”.

No segundo capítulo, nossa orientação foi pensar as “Coordenadas e apostas clínicas”, com base na escuta de casos atendidos pelo pesquisador. Nossa proposta foi buscar na literatura o arcabouço teórico que nos possibilitasse, de um lado, ler o que esses casos ensinavam, e, do outro, encontrar possibilidades de avançar, ir mais além, nos aspectos em que os casos interrogavam a teoria.

Começamos pela construção das formulações que visam sustentar que, diferente da psicologia, se a adolescência implicaria em um tempo, esse tempo não seria cronológico, ligado ao desenvolvimento do indivíduo, mas um tempo da construção de uma resposta sintomática para o indizível do ser adulto, o qual necessita de alguns contornos. Lançamos mão das formulações lacanianas das duas operações de constituição do sujeito do inconsciente — alienação e separação — para sustentar a hipótese de que a construção da adolescência

consistiria na separação do sujeito de seu lugar no desejo do Outro familiar, tendo em vista que ocorreria aí uma quebra das identificações estabelecidas na infância, rumo à possibilidade de construção de seus próprios ditos e de apropriação de seu desejo.

Para tanto, trouxemos dois fragmentos clínicos: “A Princesinha do papai” e “Ser um homem diferente”, ambos apontam que a entrada na puberdade e a construção da adolescência não seriam algo que se daria de forma linear e sem embaraços, justamente porque a alienação e a separação não são operações lineares e sucessivas. Os dois fragmentos apontam que a transição do “ser de criança” para o “ser de adulto” convoca o sujeito adolescente a dar novos contornos aos significantes ofertados pelo Outro familiar, de quem recolhe suas primeiras coordenadas quanto ao ser adulto, e, na impossibilidade disso, os sujeitos se deparam embaraçados com o próprio desejo e com o Outro sexo.

Avançando um pouco mais, e tendo em nosso horizonte a ideia de que o “tornar-se adulto” implica em construir alguns contornos para o enigma da diferença sexual e inventar modos de se posicionar quanto ser sexuado, buscamos coordenadas teóricas, tanto em Freud quanto em Lacan, que nos ajudassem a ler os impasses que se apresentaram já nos fragmentos clínicos mencionados anteriormente. Portanto, estabelecemos um percurso que se iniciou nas coordenadas edípicas postas por Freud, bem como na leitura feita do tema por Lacan, seguindo rumo ao ensino lacaniano da década de 1970, quando propõe a noção dos semblantes e a construção das fórmulas da sexuação.

Se no Édipo reencontramos que as coordenadas quanto ao ser adulto, homem ou mulher, dependeriam da maneira como cada sujeito se arranja com a alienação e a separação, servindo-nos da noção dos semblantes e da sexuação, estabelecemos a hipótese de que, quanto a isso, não seria possível quaisquer recursos que não fossem aqueles sustentados, de um lado, pelo discurso, e, do outro, pela maneira como cada sujeito irá se situar quanto ao seu modo de gozo.

Assim, o que Lacan nos propõe é que quanto ao ser homem ou mulher, e podemos acrescentar o ser adulto, o máximo que temos como forma de dar contornos são os semblantes construídos a partir da incidência da linguagem e do discurso. Portanto, não se trataria aqui simplesmente dos semblantes recolhidos na alienação, mas da maneira como cada sujeito pode se apropriar deles, a partir da separação, e inventar um modo de operar com isso. E, ainda, como cada sujeito poderá situar-se na partilha sexual, seja na posição feminina, seja na posição masculina, e sustentar a maneira como irá gozar na parceria com o Outro. Desse modo, não se trata de uma resposta inequívoca, que possa ser generalizada, mas uma solução que implica um “cada um por si”, e uma posição ética por isso que se inventa, o que implica que, diante dessa

tarefa, cada adolescente encontra-se só, porém não completamente só, pois há o encontro com um analista que pode dar espaço às suas invenções.

É diante da incidência do ponto da solidão quanto ao tornar-se adulto que a última parte desse capítulo se desenrola. Se o “tornar-se” implica em algo da separação, do servir-se dos semblantes, da abertura para o desejo e da construção dos próprios ditos do sujeito adolescente, trata-se então de um tornar-se que se faz sozinho, uma transição que se faz de maneira solitária. Portanto, a dimensão da solidão é embaraçosa aos sujeitos, pois ela implica a ausência de garantias quanto ao que virá a ser. O tornar-se implica o abalo das identificações e a responsabilidade pelo próprio sintoma e modos de gozo, o que para muitos é tarefa que beira o impossível.

Tomamos, primeiro, alguns fragmentos clínicos recolhidos dos textos freudianos, para acompanhar as formulações que já são consenso nas investigações psicanalíticas, concernentes à relação da puberdade e da adolescência, e declaram que, quanto ao sexual, não há um saber inequívoco, e que a adolescência é uma resposta que visa estabilizar este encontro com o indizível.

Servimo-nos das coordenadas de Lacan (1955-1956/1988) no *Seminário 3* e de Miller (2012), a respeito da definição do abalo do sentimento de vida, quando ambos fazem uma leitura sobre o que se passa na psicose, para sustentar, junto com Stevens (2013), que o real da puberdade também provocaria esse abalo, de tal forma que seria o sintoma e a fantasia, ao menos na neurose, o que proporcionaria uma amarração possível para os sujeitos. Portanto, o sintoma da adolescência serve como momento de reorientação para que o sujeito construa um sentimento de vida enlaçando real, simbólico e imaginário — corpo, imagem e linguagem.

Nesse ponto, mais uma vez, recorreremos à clínica como um artifício que interroga a teoria, e nos servimos de dois fragmentos clínicos: “Não me vejo como uma mulher” e “Onde eu errei”, que ensinaram ao pesquisador, em sua prática clínica, que tal amarração nem sempre é possível de ser feita sozinha, e que, para tanto, seria no encontro com um analista que alguns sujeitos podem encontrar balizas para fazer de sua delicada transição algo menos impossível.

Ambos os fragmentos interrogam a teoria e fazem uma torção, uma virada que nos impulsiona ao mais além, na medida em que apontam que a separação nem sempre é possível e o encontro com a dimensão da solidão, aquela que impõe que cada sujeito precisará inventar um arranjo próprio para reenlaçar a desorientação provocada pelo abalo no sentimento de vida do sujeito, pode vir a ser algo que deixa o sujeito à mercê do discurso patológico de nossa época.

A pesquisa se fecha neste ponto em que para alguns sujeitos, mesmo aqueles que já têm mais de 20 anos e portanto não estariam mais dentro da chamada “adolescência, fase do

desenvolvimento humano”, fixar-se numa posição adolescente, nomeada pelo discurso médico com diagnósticos psiquiátricos, configura-se a única solução possível, porém não menos sofrida, frente ao impossível de tornar-se homem ou mulher adulto.

Assim, como ponto de chegada e considerações (não tão) finais, constatamos que, quanto ao tornar-se adulto, a tarefa vai muito além de servir-se dos semblantes ofertados pela cultura, implica, mais ainda, em lidar com as transformações em seu corpo, com o enigma do desejo do Outro sexual, com a invenção de um novo modo de gozo e o autorizar-se, de maneira ética, quanto a seu lugar no mundo, o que muitas vezes é uma tarefa que pode se prolongar para além da cronologia. Verificamos que, em alguns casos, o encontro com o analista é algo que pode fazer frente às nomeações patológicas que, em vez de impulsionar o sujeito em direção a uma saída, deixam-no fixado na posição adolescente e alienante. Verificamos que no encontro com um analista, na medida em que há espaço para os ditos dos sujeitos, abre-se as portas para suas invenções singulares.

Consideramos, portanto, que quanto ao tornar-se adulto, homem ou mulher, seria necessário que cada sujeito pudesse, tal como Lacan (1974/2018, p. 188) adverte, autorizar-se de si mesmo, o que não se dá completamente só. Quanto a isso, a passagem de Lacan “o ser sexuado não se autoriza senão de si-mesmo . . . e de alguns outros”, é inclusive aquela que nos lança a um novo instante de ver, um novo instante de investigação, com base em uma nova questão que incide também por meio da clínica do pesquisador: “Como autorizar-se enquanto ser sexuado, quando os semblantes oriundos do Outro já não garantem coordenadas quanto ao sexual?”, e mais ainda: “Como pensar a autorização quanto ser sexuado em tempos de inexistência de ‘alguns outros’? E, em tempo, quais respostas encontramos na contemporaneidade que visam possibilitar ao sujeito uma amarração no mais íntimo sentimento de vida?”. Questões que serão desenvolvidas a seguir.

2 ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O trabalho clínico possibilitou o recorte de investigação desta pesquisa. Na clínica, com alguns sujeitos, a interrogação “Como operar com sujeitos que pareciam nunca se desvincular de uma posição adolescente” se fazia presente. Esses sujeitos que, embora cronologicamente, se pensássemos nas exigências do Outro social, já estariam no tempo de operar no mundo como “adultos” demonstravam que tal lugar lhes era impossível. Havia ali a ausência de um saber “O que é ser adulto”, e tudo o que se implica nesse lugar. Tais sujeitos se encontravam embaraçados com o encontro sexual, o que se desdobrava na dificuldade de assumir a responsabilidade por seus modos de satisfação e formas de operar com as contingências da vida. Permaneciam estagnados no lugar que, socialmente falando, era nomeado como adolescência. Assim, uma pergunta se interpôs: “Seria possível pensar uma eternização da adolescência?”, e, se assim fosse o caso, “Qual a relação deste modo sintomático de operar com os impasses que surgem na entrada da puberdade?”.

Assim, começar a escrita pela adolescência, se justifica pela premissa de que foi esse o ponto recolhido do trabalho clínico, sustentado a partir da psicanálise e da orientação lacaniana, que impôs ao analista/pesquisador o enigma tratado nesta pesquisa.

2.1 Introdução ao tema de pesquisa

Quanto ao próprio uso do termo “*adolescência*”, cabe lembrar que, segundo Stevens (1998/2004), esse não é um conceito psicanalítico, sendo sim um termo sociológico, que, sob o suporte da biologia, foi tomado pela psicologia, principalmente a do desenvolvimento, para descrever o período entre a infância e a vida adulta. Nesse sentido, o autor nos orienta que, quanto à psicanálise, o termo adolescência seria um termo “anticlínico” (p. 27), e se ater a ele como uma categoria classificatória nos levaria a vários impasses uma vez que “há, na adolescência, uma certa dificuldade em localizar as estruturas, em localizar as diferenças sintomáticas, em localizar um autêntico desencadeamento psicótico, por oposição a uma brusca desestabilização histérica” (p. 27).

Para Le Breton (2017, p. 19), “A adolescência não é um acontecimento, mas antes uma questão que atravessa o tempo e o espaço das sociedades humanas”. Tal afirmação nos coloca em contato com a complexidade que abarca o tema, uma vez que há uma ausência de consenso na forma de abordar a adolescência nas diversas culturas. De acordo com o autor, as sociedades se diferem, de maneira precisa ou difusa, na forma de percepção e de definição desse período intermediário entre a infância e a maturidade social.

Portanto, seria necessário que pudéssemos apreender melhor do que se trata a nomeação “adolescência” empregada pela sociologia, pela antropologia e pela psicologia, e ao que ela vem responder, já que em psicanálise o que nos interessa é o que dá clínica, não sem a incidência da cultura, podemos recolher.

O termo “adolescência” é formulado com base nos estudos de Stanley Hall de 1904 (Cole & Cole, 2004; Melvin & Wolkmar, 1993), que se desenvolveram nos séculos XIX e XX, fundamentados nos acontecimentos sociais, demográficos e culturais que permitiram que o termo fosse descrito como um período distinto do desenvolvimento humano (Kimmel & Weiner, 1998). No que tange a esse significante, pode-se extrair dos campos teóricos seu uso como forma de demarcar este momento da vida do sujeito em que não se é mais criança, mas também não se é adulto. Tal concepção, embora seja empregada de forma universalizante, é carregada de significações a partir da perspectiva teórica que a toma como objeto de estudo, mas, se pensarmos teóricos como Cavalcanti (1988) e Castellar (1989), concordaremos que tal definição visa representar a incidência desses sujeitos na civilização.

Ainda, para Peres e Rosenburg (1998) a adolescência seria um paradigma que representa uma fase do desenvolvimento pela qual todos passam, e que corresponde à fase de travessia, o que ocorreria entre os dez e os vinte anos de idade, e que se caracteriza por transformações biológicas, ligadas à puberdade, bem como por questões psíquicas e sociais que fazem dela um período crítico e crucial no que tange às definições de identidade. Portanto, para além deste ponto de vista sociológico no qual falaríamos de adolescências, a partir do momento político, social e cultural ao qual esses sujeitos se constituem, há ainda o aspecto biológico para o qual se designa o termo puberdade (Cavalcanti, 1988; Castellar, 1989). Podemos considerar que puberdade e adolescência são dois termos que designam a transição, ou travessia, experimentada pelo sujeito, sem se excluírem ou mesmo se complementarem.

Tal concepção vai ao encontro daquela estabelecida pela psicologia, cujo primeiro autor a discuti-la, como já mencionado, foi Stanley Hall, seguido de Erik Erikson e Aberastury e Knobel, que se basearam no referencial psicanalítico para pensar a adolescência como fase do desenvolvimento marcado por crises, desequilíbrios e instabilidades (Aguar, Bock, & Ozella, 2007), e que, não ao acaso, é nomeada por Lacadée (2011, p. 33) como “a mais delicada das transições”.

É interessante notar que, conforme esses autores que se inspiraram na psicanálise, o período da adolescência seria marcado por crises típicas, que estariam no para todos, o que possibilitou surgir a chamada “Síndrome da adolescência normal”. Definida por Aberastury e Knobel (2003), tal síndrome é apresentada como uma aparente patologia correspondente à

realidade do adolescente que passa por desequilíbrios e instabilidades externas, bem como por momentos de audácia, timidez, urgência, desinteresse ou apatia relacionados aos conflitos afetivos, crises religiosas e, ainda, por condutas sexuais dirigidas para o heterotrofismo e até a homossexualidade ocasional.

Aliás, podemos perceber que, ao longo da história, a adolescência sempre foi colocada no campo dos conflitos psíquicos que apareciam concomitantemente às mudanças biológicas dessa fase. Os estudos de Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, e Silvares (2010) demonstram que, desde a Antiguidade, a adolescência tem sido vista pela impulsividade e excitabilidade, a tal ponto que, na Grécia, a educação e a pedagogia, que na leitura de Freud (1913/1996h; 1914/1996b) buscariam educar a pulsão, o que é impossível, tinham um caráter de adestramento, cujos fins seria regular a rebeldia e inscrever virtudes cívicas e militares.

É importante destacar, conforme o trabalho de Millot (2001) *Freud Antipedagogo*, que, embora Freud tenha dito que há na educação uma tentativa de educar a pulsão, é justamente aí que a psicanálise se distingue. Enquanto a educação visaria um trabalho de profilaxia, estabelecendo uma regulação da pulsão pela via do Ideal, trabalho no qual a família e a civilização também se orientam, a psicanálise caminha em outro sentido. A ela — a psicanálise — interessa ler o que do pulsional incide sobre o ser falante, e a partir daí permitir que o próprio sujeito possa inventar um arranjo para dar conta disso.

Assim, a distinção entre educação e psicanálise se daria no fato de que, a primeira visa um “para todos”, sustentando-se no Ideal civilizatório, buscando uma adequação do sujeito, e a segunda busca encontrar como cada sujeito pode vir a se arranjar com o que há de singular, ou seja, como cada sujeito pode se arranjar com aquilo que agita seu corpo, e que, resistindo a qualquer adestramento, por vezes, manifesta-se em comportamentos tidos como disfuncionais pela sociedade.

Verificamos o pulsional que resiste ao controle, por exemplo, em trabalhos que investigam o tema desde antes da psicologia. Assis et al. (2003), analisando os textos de Platão (séc. IV a.C.), demonstram que Platão descreveu características negativas dos jovens, chamando atenção para o excesso de bebida alcoólica, enquanto Sprinthall e Collins (2009) e Cole e Cole (2004) ressaltam que Aristóteles (séc. IV a.C.) descreveu os jovens, no século IV a.C., como apaixonados, irascíveis e capazes de se deixar levar por seus impulsos. O excesso, a paixão e os impulsos são manifestações do pulsional que se opõem à regulação e à educação.

Há ainda o trabalho de Grossman (1998) a respeito de Rousseau (séc. XVIII), que, em seu tratado sobre a natureza humana e a educação, sugeriu características da adolescência, as quais continuam influenciando o pensamento atual a respeito desse período. Para Garrod et al.

(1995), Rousseau considerava que a adolescência seria um período de instabilidade e de conflito emocional mais intenso que a infância e a vida adulta, e que tais fenômenos eram provocados pelas mudanças que esses sujeitos sofriam em seu corpo biológico. Para ele, tanto as mudanças biológicas quanto as sociais eram acompanhadas por uma modificação nos processos psicológicos, o que já nos mostra que há algo que acontece nessa transição, diante da qual o sujeito adolescente não possui recursos para dar um contorno simbólico, e a que ele vai responder pela via do sintoma.

Assim, é possível constatar que, ao longo da história, a adolescência sempre foi reconhecida como um momento crítico da existência do sujeito, e colocada como uma fase de risco para o próprio sujeito e para a sociedade como um todo (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silves, 2010). Tais recortes de apreensão da adolescência, que têm foco na crise, no conflito e no risco, sustentam a definição da “Síndrome da adolescência normal”, proposta por Aberastury e Knobel (2003), marcada por sintomas aos quais, ao menos teoricamente, todos os adolescentes estariam sujeitos, e que tendem muitas vezes a mortificá-los, traduzindo seus impasses como “crises de identidade”, as quais passariam à medida que fossem chegando à fase adulta.

A problemática dessa generalização, e banalização das questões inerentes a puberdade, consiste nas consequências que recolhemos ainda hoje, e que deixam os impasses da adolescência segregados, desqualificando os sintomas que cada adolescente constrói para tentar responder o real que surge a partir das mudanças que ocorrem no corpo, e da sua inserção no mundo que os convoca a um lugar diferente ao que lhe era familiar enquanto uma criança. Tais sujeitos, que diante de seus impasses são nomeados como “adolescentes em crise”, muitas vezes ficam desprovidos de um lugar onde se é possível construir um saber fazer com esta delicada transição e a tarefa do tornar-se adulto.

2.2 A teoria freudiana da puberdade

O próprio Freud, ao longo de sua obra, não apresenta um trabalho sistematizado a respeito da adolescência, contudo, podemos recolher em alguns de seus textos tais como *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (Freud, 1914/1996b), *Um estudo autobiográfico* (Freud, 1925[1924]/1989), *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (Freud, 1910/1996e), *Fragmento da análise de um caso de histeria* (Freud, 1905[1901]/1996f), dentre outros, nos quais ele faz algumas articulações, apresentando o tema pela perspectiva do árduo trabalho psíquico que a puberdade exige, fazendo-a presente ao longo de suas formulações sobre o trauma, a neurose, e suas consequências para a formação dos

sintomas. Tal constatação, que podemos recolher também no trabalho de Vieira e Vorcaro (2014) sobre o tema, fundamentado em Freud, permite-nos verificar que a puberdade consiste na emergência de um real que atravessa o corpo, com o qual o sujeito se vê embaraçado.

Dessa forma, embora a adolescência não seja, em si mesma, um conceito psicanalítico, bem como Stevens (1998/2004) afirma, é inegável sua importância e sua complexidade para a psicanálise, na medida em que tanto ela quanto a puberdade implicam no objeto de estudo da psicanálise: o inconsciente (Viola e Vorcaro, 2015).

Freud (1905/1996l) em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, mais precisamente no capítulo “As transformações da puberdade”, não fala sobre a adolescência, mas estabelece uma pertinente discussão acerca da puberdade. Nesse texto, a puberdade é referenciada como um marco que culminará na “configuração normal definitiva” (p. 196) da vida sexual, uma vez que a pulsão sexual, até então autoerótica, tenderia a encontrar um objeto de satisfação. O que Freud faz é designar a puberdade como um marco da abertura do sujeito ao campo do Outro com o qual precisará estabelecer uma relação de troca visando a satisfação pulsional, bem como o momento em que a pulsão transita da autoerótica para enfim contornar o objeto, e o sujeito precisará se haver com sua posição sexuada.

Ainda nesse texto, Freud (1905/1996l) estabelece que na puberdade, embora na infância isso já se apresente, há o estabelecimento da separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, que vão se tornando cada vez mais evidentes no próprio corpo. Em suas palavras, “É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.)” (p. 207), porém o caráter autoerótico da pulsão tende a suprimir a subjetivação da diferença sexual. É isso o que ele vai lembrar no texto *A organização genital infantil*, ao dizer que, na infância, o sujeito ignora a diferença sexual devido à primazia do falo (Freud, 1923/2018c). Para Freud, a questão “consiste no fato de que para ambos os sexos somente um órgão genital entra em consideração: o masculino; o que está presente, desta feita, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (Freud, 1923/2018c, p. 158), o que significaria dizer que o falo está para todos, o que só começará a mudar com a incidência do complexo de Édipo e a ameaça de castração, chegando à diferenciação do sexo na puberdade (Freud, 1924/2018b; 1925/2018a).

No que tange à relação da criança com o sexual, há dois textos freudianos que nos ajudam a pensar em como o sexual se apresenta a elas, bem como seus recursos para dar conta disso. São eles: *Sobre o esclarecimento sexual das crianças* (Freud, 1907/2018e) e *Sobre as teorias sexuais infantis* (Freud, 1908/2018d).

Em 1907, Freud escreveu uma carta aberta endereçada ao médico Moritz Furst, que havia lhe pedido um pequeno texto para a *Revista de Medicina Social e Higiene*, da qual era editor na época. Nesse pequeno texto, o objetivo de Freud era tecer um comentário sobre o esclarecimento sexual das crianças, com base em algumas questões que lhe foram colocadas, tais como a necessidade de esclarecer às crianças os fatos da vida sexual, em que idade e como isso deveria ocorrer.

Freud (1907/2018e) considera pertinente uma discussão sobre as duas últimas questões, mas quanto à primeira — a necessidade do esclarecimento — mostra-se surpreso, pois não compreende por que ela haveria de se tornar objeto de opiniões divergentes. Chega a formular, um tanto ironicamente, algumas questões quanto ao que levaria ao ocultamento desse assunto às crianças, que se sustentam numa possível tendência dos responsáveis à domesticação da pulsão, que é também relegada depois à educação (Freud, 1914/1996b).

Para Freud (1907/2018e), seria insensato e não mereceria comentários que refutassem a pertinência do encobrimento do sexual para às crianças; para tanto, serve-se dos estudos do filantropo Multatuli para dar uma resposta.

Em geral, certas coisas são, ao meu entender, demasiadamente veladas. É justo manter pura a fantasia [Phantasie] das crianças, mas essa pureza não será conservada com ignorância. Antes, acredito que esconder algo do menino ou da menina leva muito mais a suspeitas da verdade. Por curiosidade depreendemos coisas que teriam despertado pouco ou nenhum interesse, se nos tivessem sido comunicados sem muita cerimônia. Se fosse possível preservar essa ignorância, então eu poderia me dar por satisfeito com ela, mas isso não é possível; a criança entra em contato com outras crianças, às suas mãos chegam livros que levam à reflexão; o próprio ato de fazer segredo dos pais quanto ao que, no entanto, já foi entendido aumenta o anseio de saber mais. Esse anseio, satisfeito apenas em parte, de maneira furtiva, aborrece o coração e estraga a fantasia; a criança então já está pecando e os pais ainda acreditam que ela não sabe o que é pecado. (p. 83)

A partir disso, Freud (1907/2018e) acrescenta sua hipótese de que o único motivo que levaria ao encobrimento das questões sexuais para as crianças, por parte dos pais, não seria “nada além da pudicidade habitual e da própria consciência pesada a respeito de assuntos sobre a sexualidade” (p. 83), mas que também seria provável que houvesse certo não saber dos pais, mas que isso seria resolvido com o esclarecimento dos adultos.

Quanto à falta de esclarecimento dos adultos, Freud (1907/2018e) afirma que se costuma pensar que faltaria às crianças a pulsão sexual “e que ela só se instala na puberdade, com a maturação dos órgãos sexuais” (p. 83), o que é “um erro grosseiro” (p. 83), pois, se retomarmos seu texto de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* — e essa é a sua recomendação —, localizaríamos que ela já está na criança.

O fato é que, com base no seu texto de 1905, Freud (1907/2018e) sustenta que “os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que proporcionam sensações de prazer e que a natureza, de maneira bastante impositiva, dispôs as coisas de tal modo que mesmo os estímulos dos genitais são inevitáveis durante a infância” (p. 84). É isso que Freud (1905/1996l) apresenta no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, com a formulação das zonas erógenas e do desenvolvimento psicosssexual. A pulsão já está lá demandando satisfação, mesmo que não seja, ainda, no caso das crianças, pela via do órgão sexual.

Freud (1907/2018e) defende então que na puberdade o que ocorre é que há o primado dos genitais como forma de satisfação da pulsão, “e com isso, obriga o erotismo a servir à função de reprodução, um processo que, naturalmente, pode sofrer certas inibições” (p. 84).

Retomada sua hipótese de que há pulsão nas crianças, Freud (1907/2018e) vai tecendo alguns comentários de como isso se apresenta a elas. Ele afirma que há, por exemplo, o próprio “interesse intelectual da criança pelos enigmas da vida sexual, sua sede de saber sexual manifesta-se em uma época da vida inimaginavelmente precoce” (p. 85), e segue apresentando um exemplo do pequeno Hans, garoto de 4 anos de idade, cujos pais teriam desistido de reprimir uma parte de seu desenvolvimento.

O pequeno Hans, que certamente não sofreu nenhuma influência sedutora por parte dos cuidadores, demonstra, já há algum tempo, o mais vivo interesse por aquela parte de seu corpo que ele costuma chamar de “fazedor de pipi” [Wiwimacher]. Já com 3 anos ele perguntou à sua mãe: “Mamãe, você também tem um fazedor de pipi?”. Ao que a mãe respondeu: “É claro, o que foi que você pensou?”. A mesma pergunta ele dirigiu repetidas vezes ao pai. Na mesma idade, levado pela primeira vez a um estábulo, ele viu uma vaca sendo ordenhada e então exclamou maravilhado: “Olha, está saindo leite do fazedor de pipi”. Aos 3 anos e três quartos ele está em vias de descobrir, de maneira independente, as categorias corretas através de suas observações. Vê água saindo da locomotiva e diz: “Olha! A locomotiva está fazendo pipi; onde é que está o fazedor de pipi dela?”. Mais tarde, depois de pensar um pouco, acrescenta: “Um cachorro e um cavalo têm um fazedor de pipi; uma mesa e uma poltrona, não”. Recentemente, ao observar sua irmãzinha de uma semana ser banhada, comentou: “Mas seu fazedor de pipi ainda é pequeno. Quando ela crescer, ele vai ficar maior”. (Freud, 1907/2018e, pp. 85–86)

Outra forma de isso se apresentar às crianças “é a pergunta sobre a origem das crianças, que está ligada frequentemente ao aparecimento indesejado de um novo irmãozinho ou irmãzinha” (Freud, 1907/2018e, p. 86). Quanto a esse enigma, sustenta que a frequente resposta que as crianças recebem, aquela que geralmente recobre a questão sexual relacionada à procriação, tende a inibir a pulsão investigativa da criança, bem como “quase sempre sua confiança em seus pais é abalada pela primeira vez; a partir daí, ela geralmente começa a

desconfiar dos adultos e a deles manter secretos seus interesses íntimos” (Freud, 1907/2018e, p. 86).

Para sustentar sua formulação, Freud apresenta uma carta de uma criança, de 11 anos de idade, que revela o quanto o desejo de saber sobre o sexual pode ser torturante para uma criança. Nessa carta, a jovem Lili se dirige à sua tia Mali, que é a única pessoa a quem ela pode se endereçar, para sanar suas questões sobre as origens dos bebês, uma vez que começa a encontrar furos na resposta de que eles viriam pela cegonha.

Feito tais considerações que demonstram a presença da questão sexual desde muito cedo na vida das crianças, Freud (1907/2018e) então declara: “Não creio que haja apenas um único motivo para recusar às crianças o esclarecimento exigido por seu desejo de saber” (p. 87), e insiste, em casos em que haja a tendência à repressão da pulsão, ou mesmo tentativa de domesticá-la, que:

É claro que se for intenção do educador sufocar, preferencialmente bem cedo, a aptidão das crianças ao pensamento independente, em favor do tão apreciado “bom comportamento”, isso não pode ser mais bem alcançado do que através da indução ao erro no campo sexual e através de intimidação no campo religioso. As naturezas mais fortes resistirão a essas influências e se tornarão rebeldes à autoridade dos pais e, mais tarde, a qualquer outra autoridade. Se as crianças não recebem os esclarecimentos a partir dos quais se voltaram para os mais velhos, continuam se martirizando em segredo com o problema e conseguem chegar a tentativas de solução, nas quais o que pensavam estar correto se mistura da forma mais notável com o grotesco incorreto, ou elas cochicham entre si informações, nas quais, em consequência da consciência de culpa do jovem investigador, imprime-se à vida sexual a marca do assustador e repugnante. Essas teorias sexuais infantis mereceriam ser coletadas e examinadas. (Freud, 1907/2018e, pp. 87–88)

Para finalizar, Freud, então, sugere que seria importante que os segredos sobre a vida sexual não sejam mais relevantes do que qualquer outro que ainda não seja possível para ela ser entendido. E “para conseguir isso, é necessário que o sexual seja tratado, desde o início, da mesma maneira que outros assuntos dignos de conhecimento. Sobretudo, é tarefa da escola não se abster de mencionar o tema do sexual” (p. 89), chegando, inclusive, a dizer que tais esclarecimentos teriam importância social e deveriam ser introduzidos antes mesmo da idade de 10 anos: “Por último, a época da confirmação seria, mais do que qualquer outra, particularmente apropriada para apresentar à criança — previamente esclarecida sobre tudo o que é da ordem do corporal — as obrigações culturais associadas ao exercício da pulsão” (Freud, 1907/2018e, p. 90).

Se, nesse texto, Freud se ocupa de comentar que não haveria a necessidade de privar as crianças de certos esclarecimentos quanto à questão sexual que se apresenta desde a tenra idade, sustentando mais uma vez sua hipótese contida em seus *Três ensaios sobre a teoria da*

sexualidade, em 1908, ao escrever *Sobre as teorias sexuais infantis*, ele está interessado em esclarecer como essas questões surgem na infância e quais os tratamentos elas lançam mão para dar conta do enigma sexual.

O autor recolhe material das observações do que dizem e fazem as crianças, pelas recordações dos neuróticos em análise, com base no que se lembram da infância e nas construções e recordações traduzidas para o consciente por meio do resultado de uma análise, e toma uma posição cautelosa a respeito desses achados por acreditar que seria difícil supor que tais achados estejam no campo do universal, chegando a dizer que há fenômenos (pressão educacional e intensidade variável da pulsão) que provocam oscilações na conduta sexual da criança e influenciam o interesse sexual infantil. Nesse momento, está convencido de que nenhuma criança deixaria de se ocupar com os problemas sexuais antes mesmo de se chegar à puberdade, ou seja, ele não recua diante de sua formalização de que há algo do sexual que aparece ao sujeito desde a tenra idade.

Um achado interessante desse texto é o esclarecimento de como a questão sexual, esta que seria tratada pela construção das teorias infantis, surgiria para as crianças. Freud (1908/2018d) nos fala que a questão não surge da constatação da diferença sexual, localizada no corpo, mesmo que isso seja algo com o qual elas precisarão se virar mais para frente, mas que o enigma sexual surgiria para a criança quando as “pulsões egoístas que a dominam” (p. 98) fossem ameaçadas, por exemplo, pela chegada de um irmão ou pela observação dessas crianças em outros lares. Aqui, é interessante notar como a presença de um terceiro que ameaçaria um lugar primordial que a criança ocuparia na vida dos pais “tem por efeito despertar a vida afetiva [Gefuhlsleben] da criança e aguçar sua capacidade de pensar” (Freud, 1908/2018d, p. 99). Assim, seria a partir desta contingência, que provoca uma rachadura no narcisismo, que a criança poderia se deparar com o que poderíamos chamar de um primeiro enigma: o de sua origem.

O autor ainda estabelece alguns comentários sobre o que ele identifica como “teorias infantis”. Segundo o psicanalista, elas advêm da questão “de onde vêm os bebês?”, enigma que surge e evidencia a preocupação com o outro que chega. Tal enigma passa a ser dirigido aos pais que até então são a fonte de saber, mas “recebe uma resposta evasiva ou uma reprimida por sua curiosidade, ou é despachada com aquela de cunho mitológico que . . . é a seguinte: a cegonha traz as crianças que tira da água” (Freud, 1908/2018d, p. 100). É por causa desse tipo de respostas que elas alimentam “uma desconfiança em relação aos adultos, adquirem o pressentimento de algo proibido que lhes é negado pelos ‘maiores’ e, por isso, mantêm em

segredo suas investigações posteriores” (Freud, 1908/2018d, p. 100). Esse é, inclusive, o mesmo ponto trabalhado por ele no ano anterior.

Assim, se o que a criança recebe é uma resposta que, em vez de esclarecer e de localizar minimamente um saber sobre seu lugar no desejo dos pais, traz mais dúvida, gerando, inclusive, desconfiança, ela vai passar a desenvolver algumas falsas teorias sexuais fundamentadas em sua constatação de que as crianças cresceriam dentro do corpo da mãe. Nas palavras de Freud:

Apesar de grotescamente equivocadas, cada uma delas contém um fragmento de legítima verdade, nesse aspecto, análogo às assim chamadas ‘geniais’ tentativas de solução dos adultos para os problemas do mundo, os quais são supercomplexos para a razão humana. O que é correto e bem fundamentado nessas teorias se explica por sua proveniência dos componentes da pulsão sexual já ativos no organismo da criança. (Freud, 1908/2018d, pp.101–102)

De acordo com Freud (1908/2018d), a primeira dessas teorias ditas “típicas” está ligada “à negligência das diferenças sexuais . . . ela consiste em atribuir um pênis a todos os humanos, inclusive aos do sexo feminino, tal como o menino o conhece a partir de seu próprio corpo” (p. 102). Destaca a prevalência desse órgão como objeto sexual autoerótico, a tal ponto de ser teorizado pelas crianças como se estivesse presente em todos, e de elas não conseguirem pensar um outro semelhante sem ele. Isso também estaria posto para as meninas, a ponto de desenvolver “grande interesse por essa parte do corpo do menino, interesse que é logo comandado pela inveja” (Freud, 1908/2018d, p. 104).

A segunda teoria estaria relacionada ao desconhecimento da vagina, ao passo que, segundo Freud (1908/2018d), “Se a criança cresce no corpo da mãe e é dali retirada, isso só pode acontecer pelo único caminho possível da abertura do intestino. A criança precisa ser evacuada como um excremento, uma evacuação” (p. 105). É interessante notar que essa segunda teoria está inteiramente ligada à primeira, ou seja, ao fato de que o pênis estaria presente em todos. Desse modo, a diferença sexual ainda não estaria posta enquanto enigma para o pequeno ser vivente, pois, “se as crianças nascem pelo ânus, o homem pode tão bem parir quanto a mulher. Portanto, o menino também pode fantasiar que ele próprio pode ganhar filhos, sem que por isso precisemos atribuir-lhe inclinações femininas” (p. 106).

Quanto à terceira teoria, o autor diz que “Surge nas crianças quando, por quaisquer das circunstâncias domésticas, elas testemunham a relação sexual dos pais, da qual só conseguem receber percepções muito incompletas” (Freud, 1908/2018d, p. 107), tal constatação provoca na criança uma “concepção sádica do coito: veem nele algo que a parte mais forte impõe violentamente à parte mais fraca e o comparam, principalmente o menino, a uma briga como a que conhecem a partir de seu relacionamento infantil” (p. 107). Freud acrescenta que, mesmo

que tal teoria seja equivocada, ela porta uma certa verdade, “a essência do ato sexual e a ‘guerra dos sexos’ que o precede” (p. 109). Seria interessante notar que é nesse ponto em que algo do enigma sexual parece se desenhar para a criança, de tal modo que passa a se interrogar sobre o casamento e a constatação de que, nele, há algo de uma satisfação prazerosa.

Após apresentar as três típicas teorias sexuais da criança, que têm em comum a origem a partir da chegada de um outro que abale o narcisismo infantil, Freud (1908/2018d) diz que elas “têm muita importância para a sintomatologia dos adoecimentos neuróticos posteriores” (p. 109), e explica que não acha pertinente levar tais observações aos desempenhos posteriores para solucionar os enigmas sexuais, pois são insuficientes quanto à sua importância patogênica. Entretanto, afirma que tal tema é interessante e difícil de se esgotar, mais ainda quando se refere à “investigação sexual tardia das crianças ou adolescentes que permaneceram no estágio infantil” (p. 112).

É inegável o interesse de Freud pela questão sexual e pelas experiências infantis. Ao longo de seu percurso, como bem localiza Vieira e Vorcaro (2014), Freud vai concluindo que haveria na infância experiências sexuais específicas relacionadas ao que ele denominou de autoerotismo, ou seja, aos estímulos que atravessavam seu próprio corpo e serviram como base para sua teorização sobre a sexualidade infantil e sua importância na etiologia da neurose — o que de fato era o seu interesse na época.

Se visitarmos os textos de Freud, tal como os trabalhos de Vieira e Vorcaro (2014) e Viola e Vorcaro (2015), vamos acompanhar o criador da psicanálise buscando ir além dos sintomas neuróticos, para investigar o que surge para tais sujeitos, que, ao embarçá-los, conduzem à formação do sintoma e à etiologia da neurose. Assim, interessa à clínica psicanalítica menos o fenômeno manifesto e mais o conteúdo sexual do inconsciente. É sabido que o interesse de Freud (1886-1889/1996i), desde suas publicações pré-psicanalíticas, estava em apreender o que se passava com as histéricas — esse foi seu interesse inicial —, o que o levou a localizar aquilo que era da ordem do sexual como seu fator determinante, apresentando seus primeiros sinais evidentes no período da adolescência, chegando a dizer que “a juventude, dos quinze anos em diante, é o período no qual a neurose histérica, na maioria das vezes, se mostra ativa em pessoas do sexo feminino” (Freud, 1888/1996g, p. 88).

É interessante constatar que se nos autores que trabalham a adolescência pelo ponto de vista psicológico e sociológico, encontramos a adolescência relacionada aos comportamentos de risco, na psicanálise, partindo dos pressupostos freudianos, ela está centrada na relação da puberdade com o sexual, o que nos permitiria logo de partida pensar, junto com Lacadée (2011), que tais comportamentos seriam respostas sintomáticas construídas pelo sujeito na puberdade.

Vieira e Vorcaro (2014) explicam que a relação temporal do aparecimento dos sintomas histéricos e a puberdade estaria relacionada à ideia freudiana de período de incubação e de latência da cena traumática. Haveria algo que se inscreveria na infância, mas que irromperia sob a máscara dos sintomas na puberdade, e ele busca evidenciar isso a partir de uma série de casos clínicos, tais como aqueles destacados nos trabalhos que desenvolve sobre a histeria (Freud, 1905[1901]/1996f; Freud, 1896/1996a).

É importante destacar que mesmo que ao longo de suas formulações Freud tenha retrocedido a momentos anteriores à puberdade, para identificar que o que estaria em jogo nos sintomas neuróticos era uma cena traumática primordial, a qual a criança não poderia significar, ele não deixou de considerar que era na puberdade que isso parecia se manifestar. Em suas palavras:

É verdade que essas experiências, descobertas com tanta dificuldade e extraídas de todo o material mnêmico, e que pareceriam ser as experiências traumáticas máximas, têm em comum as duas características de serem sexuais e ocorrerem na puberdade; mas em todos os outros aspectos, elas diferem muito entre si, tanto em espécie como em importância. (Freud, 1896/1996a, p. 197)

Dessa forma, embora chegue a constatar que são as experiências sexuais infantis que estão na base da escolha da neurose, e que são elas que, a posteriori, contribuem para a formação dos sintomas, ele deixa claro que isso não ocorre de imediato, e que inicialmente permanecem “sem efeito e só exercendo uma ação patogênica depois, ao serem despertadas, após a puberdade, sob a forma de lembranças inconscientes” (Freud, 1896/1996a, p. 207). Mesmo que ele coloque a infância como determinante na etiologia da neurose, ele não deixa de considerar as experiências oriundas da puberdade apontando que “todos os casos de histeria apresentam sintomas determinados não por experiências infantis, mas por experiências posteriores, muitas vezes recentes” (p. 209). Freud nos ensina que o que ocorre na infância, embora não faça necessariamente surgir um sintoma, deixa um traço que faz marca no inconsciente e mais tarde encontra seu envelope formal.

Mais tarde, na puberdade, quando as reações dos órgãos sexuais se desenvolvem num nível desproporcional a seu estado infantil, esse traço psíquico inconsciente é de algum modo despertado. Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual. (Freud, 1896/1996a, p. 152)

Fica então evidente que não podemos negar que os impasses da adolescência têm estreita relação com o sexual, e se tornam mais problemáticos quando a puberdade irrompe para o sujeito, pois o que ela vem apontar é um novo para o qual o sujeito não estaria preparado.

2.3 O ensino lacaniano: uma leitura sobre o real da puberdade

Lacan, leitor de Freud, também não desenvolveu um trabalho sistemático sobre a adolescência, mas, tal como seu antecessor, estabeleceu formulações importantes que nos ajudam a ler o que se passa na puberdade. Encontramos, por exemplo, algumas formulações da década de 1950, em referências como *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (Lacan, 1938/2003d), *O Seminário, livro 4, a relação de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995) e *O Seminário, livro 5, as formações do inconsciente* (Lacan, 1957-1958/1999). O percurso estabelecido por Lacan, até esse momento, visa a releitura dos conceitos freudianos: desejo, objeto, complexo de Édipo, bipartição da sexualidade humana e função do ideal do Eu, como aquilo que se configura na saída do Édipo.

É ainda interessante destacar que nos anos 1960, na época em que Lacan (1962-1963/2005) formulou seu seminário sobre a angústia, ele fez um único comentário sobre a puberdade que, embora não tenha sido desdobrado por ele, parece nos dar pistas da relação do sujeito adolescente com sua abertura ao mundo externo. Nessa passagem, Lacan trabalha a relação da pedagogia, da apreensão dos conceitos e da angústia de castração. Esse seminário, conforme nos lembra Viola e Vorcaro (2015), é o momento do ensino de Lacan em que o problema da corporeidade, do corpo como organismo, é privilegiado no percurso que conduz às suas formulações sobre a angústia, e ao objeto *a* como um resto da operação de corte.

Lacan (1962-1963/2005) toma a formulação da pedagogia, de que o acesso aos conceitos só se daria a partir da puberdade, para apontar que, na verdade:

Há milhares de indícios sensíveis de que o momento em que realmente começa o funcionamento do conceito . . . poderia ser situado de maneira totalmente diversa, em função de um vínculo a ser estabelecido entre a maturação do objeto *a*, tal como eu a defino, e a idade da puberdade. (p. 282)

O que parece ser possível extrair desse único comentário de Lacan nesse seminário, é que haveria, na adolescência, uma relação estreita entre o que se passa na puberdade, aquilo que Freud (1905/19961) nos apresentou quanto à abertura do sujeito aos objetos do mundo externo, e sua noção de objeto *a*, como aquilo que escapa à operação de entrada na linguagem que se articula à própria noção de angústia de castração e abre campo para a articulação entre o desejo e o gozo.

Conforme Viola e Vorcaro (2015) a formulação do objeto *a* tem grande importância para apreendermos a puberdade, na medida em que ela oferece uma nova leitura do desenvolvimento sexual e de sua relação com a castração, principalmente com relação ao

acréscimo feito por Freud (1923/2018c), em *Organização genital infantil*, da fase fálica às outras já denominadas por ele em 1905.

Para Lacan (1962-1963/2005), o objeto *a* é o que vem como resto da constituição subjetiva, é o vazio que a linguagem não consegue contornar no tempo lógico da subjetivação, e é com ele que o sujeito precisará se virar ao longo da vida, bem como com o seu impasse em atingir o conceito enquanto forma de “apreender o real por um significante que comande esse real” (p. 323). O real, nesse momento do ensino de Lacan, aparece sob o nome de vazio, à medida que a linguagem falha em dizer tudo sobre a posição do sujeito no mundo. Ainda de acordo com Lacan (1962-1963/2005), ao entrar na linguagem, há marcas que surgem sob a forma de trauma que correspondem a tudo o que não se é possível dar sentido, que é, em si, a questão sexual.

Se o sexual é em si traumático para o sujeito desde sua entrada na linguagem, por ser em si algo com o qual o sujeito não pode, a priori, lidar, isso lhe deixa à mercê desse vazio apresentado por Lacan (1962-1963/2005) no seminário sobre a angústia, uma vez que há aí uma marca, algo de irrepresentável para ele. Dessa forma, se Freud (1907/2018e; 1908/2018d) centra a importância dos pais como mediadora do inapreensível do sexual enquanto algo traumático, em *Nota sobre a criança*, Lacan (1969/2003b) destaca a irreducibilidade da transmissão dada com um desejo que se mostra singular, não anônimo, encarnado pelo par parental. Em *alocução sobre as psicoses da criança*, Lacan (1967/2003a) sublinha a importância da função da família para refrear o gozo, ou seja, é inevitável que haja o choque do sujeito com o que é da ordem do sexual, isso chega para todos, mas a maneira como cada sujeito irá se haver com isso, seja na infância, ou mais tarde na puberdade, é atravessado pela incidência da função familiar enquanto reguladora do gozo.

Entretanto, o que encontramos hoje no que se refere a esse papel das famílias como suporte para os adolescentes, nas palavras de Viganó (1998) é que:

Havia um ideal que produzia significado. Hoje, na sociedade globalizada, o ideal não está mais na moda; é mais fraco. Não que não existam mais pais ou autoridades, mas eles se tornaram muitos, excessivos. Existem muitos pais para um sujeito! Em outras épocas, existia um pai com muitos filhos; atualmente, há um filho com muitos pais. Não apenas na sua própria família, mas na sociedade: é o médico, o pediatra, o professor, o professor de inglês, o instrutor de ginástica etc. . . . Quando uma autoridade se multiplica, ela se enfraquece — o pai funciona se é único. (Transcrição da conferência pronunciada em 1998, inédito)

Com essa multiplicidade do pai, tais atribuições que são conferidas à família encontram, na atualidade, alguns desafios: a sociedade se apresenta desvinculada dos antigos referenciais simbólicos e da tradição e, bem como se vê, às voltas com o imperativo de gozo imposto pelo discurso capitalista por meio de uma avalanche de objetos de consumo ofertados pelo mercado

(Gomes, 2018). Mendonça (2017) nos ajuda a entender esse fenômeno sobre a perspectiva da inexistência do Outro no ensino de Lacan e do declínio da ordem simbólica que presenciamos na atualidade. É preciso lembrar que dizer da inexistência do Outro supõe pensar justamente este momento de nossa civilização no qual os ideais se encontram esvaziados de sentido. Nas palavras da autora:

Na atualidade estamos na era da inexistência do Outro, não acreditamos mais em seus ideais para orientar nossas vidas, vivemos a queda dos ideais e a pluralização dos objetos. O mundo é guiado pelos objetos de consumo a uma velocidade equiparada ao mundo digital. Nessa pluralização há uma multiplicação de produtos oferecidos, um discurso do “mais e mais”, e objetos com a “promessa” de satisfazerem a pulsão, privilegiando as sensações corporais. (Mendonça, 2017, p. 59)

Tendo então esse Outro, pelo qual se funda o inconsistente, como inexistente, ele passa a não poder ofertar um “saber que se possa presumir, digamos, que um dia seja absoluto” (Lacan, 1968-1969/2008b, p. 61), e, portanto, “Se em parte alguma do Outro é possível a consistência do que é chamado verdade, onde está ela, a verdade, a não ser naquilo a que corresponde a função de a?” (p. 24). Assim, destaca-se que o Outro passa a não ser o portador da verdade do sujeito, uma vez que ele começa a ser questionado, degradado e banalizado.

Retomando o objeto, Lacan (1968/1969/2008b) introduz uma dimensão extremamente contemporânea, e da qual Miller (2020) parece se servir para formular a relação do adolescente com a internet e o objeto enquanto customizado. Lacan recorre à leitura de Marx, mais precisamente na estrutura do capital e do mercado estabelecida por esse autor, para pensar e formalizar a noção de mais-de-gozar e do discurso capitalista, que, podemos dizer, atravessa a adolescência. O conceito de mais-de-gozar, é, para Lacan, homólogo ao conceito de Marx de mais-valia como produto do discurso capitalista; assim, o mercado passa a ser entendido como o campo do Outro. É esse Outro — o mercado — que passa a deter o saber e a determinar o valor das coisas no mundo, bem como os meios de gozo, ou seja, os meios pelos quais a satisfação se dá. O mais-de-gozar, como efeito desse discurso, terá em seu cerne a própria ideia de repetição, uma vez que, como localizado no seminário sobre a angústia (Lacan, 1962-1963/2005), o discurso promove a perda de um objeto, que deverá então ser recuperado. Assim, para o psicanalista, tenta-se recuperar o gozo que foi perdido pela incidência da linguagem pela via do objeto como mais-de-gozar.

Mendonça (2017) ainda esclarece que:

O termo “mais-de-gozar”, delimitado por Lacan, explica a incidência do significante sobre o corpo do sujeito; com a introdução, melhor dizendo, com o corte feito pela linguagem sobre o corpo, há uma perda de gozo que deve ser compensada. Em busca de compensar a perda, o sujeito persegue esse objeto, nunca encontrado, pois o objeto é perdido para sempre, é “insubstituível”. Entendemos, então, porque os objetos que o

“substituem” entram numa série infinita, pois é sempre uma tentativa de encontrar o objeto perdido para sempre. Uma tentativa fadada ao fracasso. (p. 60)

No *Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise*, ao retomar esses pontos, Lacan (1969/1970/1992) estabelece uma discussão sobre a relação do saber, do gozo e da repetição. A repetição estaria, aqui, relacionada com a busca de um saber verdadeiro, uma vez que a cada encontro o que se constata é um “talvez não seja o verdadeiro” (p. 14). Esses objetos customizados, conforme diz Miller (2020), que podemos entender como objetos mais-de-gozar, visam produzir um saber perdido pela entrada no discurso.

Esta virada quanto ao saber coloca em pauta a noção do saber não mais no campo do Outro como tesouro dos significantes, mas no campo do Outro enquanto capital produtor dos objetos mais-de-gozar. Conforme Lacan (1969/1970/1992), o saber passa a ser gozo, na medida em que ele está localizado nos objetos. Quanto a isso, Miller (2020) ainda afirma que “A incidência do mundo virtual . . . faz com que o saber, antes depositado nos adultos, esses seres falantes que eram os educadores, esteja, agora, automaticamente disponível mediante uma simples demanda formulada à máquina” (p. 16). Dito de outro modo, o discurso capitalista atrelado ao imperativo da ciência, sempre disposto a oferecer um saber todo, potencializa para os adolescentes o enfraquecimento do lugar do Outro (Viganó, 1998), colocando a internet, os *gadgets*, como a autoridade de nossa época, o que não é sem consequências para esses sujeitos, que ficam desbussolados diante de tanta informação.

Miller (2020) reforça que tais questões de nossa cultura, provocam, para além de uma sublimação, tal como era esperado na puberdade, a queda do grande Outro do saber, o que acarreta, segundo Miller, servindo-se do comentário de Marcos Focchi, psicanalista de Milão, uma realidade cada vez mais degradada e imoral, presentificada na proliferação das teorias de complô, que os adolescentes constroem frente à presença do Outro que passa a ser evocado como nocivo e degradado.

É cada vez mais constante nas instituições educacionais — nas quais se encontra ainda o Outro do saber, o professor, que tenta se fazer uma presença bem-demarcada — fenômenos que parecem dizer que, para além do pensar o Outro enquanto saber, ou capital, é preciso considerar a leitura que se faz dele. Esse é o ponto contido no texto de Miller (2020). É interessante considerar que o Outro não deixa de existir enquanto pautado na autoridade paterna — alguns professores estão aí para nos ensinar isso —, mas é a interpretação conferida a ele pela adolescência marcada pelo capital que sofre uma mudança. Esse Outro já não é, para alguns casos, um Outro com quem se barganha o saber, mas é aquele interpretado como nocivo e contra quem é necessário se defender.

É isso que parece ser possível situar quando recolhemos notícias de adolescentes, durante as aulas remotas em tempos de pandemia. Ao assistir uma aula sobre ética e moral, de forma remota e gravada, interpretam um exemplo fictício, embora em primeira pessoa por um professor, como uma confissão de interesse sexual por menores. Tais alunos, que em sua história já haviam tido outros conflitos com o mesmo professor, que sustentava sua posição de autoridade em sala de aula como aquele que detém o saber, ao mesmo tempo em que tentava se posicionar como um amigo, recortam o exemplo do contexto da gravação e o colocam no mundo virtual sob a *hashtag pedofilia não*, degradando a imagem do Outro do saber e reduzindo-o à uma encarnação de imoralidade.¹

Outro relato² do qual tivemos notícias, e que nos faz pensar justamente na brecha que alguns adolescentes encontram para escancarar o furo no Outro do saber, é de um jovem do ensino médio que, durante as aulas remotas, passou a se incomodar com a ausência de uma das professoras, que saía de atestado constantemente. No retorno às aulas semipresenciais, essa professora chegou na sala assumindo, como foi dito, “um lugar de autoridade de professor”. Esse jovem, então, cria um perfil *fake* de WhatsApp e faz uma cena em que, passando-se por ela, começa a justificar que suas ausências haviam se dado pelo falecimento de seu filho. Quando a situação foi descoberta, a qual o aluno chama de “Brincadeira”, a resposta que oferta é que isso se deu porque “Ela sempre faltava as aulas, e agora, no presencial, quer dar uma de durona!?”

Assim, o que se evidencia é que o lugar do adulto entra em declínio, não oferecendo, muitas vezes, coordenadas aos adolescentes quanto à sua delicada transição, fazendo com que, nesse tempo lógico que é a adolescência, cada um precise inventar saídas para lidar com o mal-estar decorrente do encontro com o real do sexo. Na atualidade, eles encontram-se sozinhos nessa empreitada, sem se servir do amparo de um Outro, a não ser, quem sabe, de um analista.

2.4 O despertar da primavera

Uma obra importante para falarmos do despertar sexual na adolescência é a peça para a qual Lacan (1974/2003e) escreve um prefácio, e que consiste em seu único escrito sobre o tema. A peça, cujo título é *O despertar da primavera*, foi escrita em 1890 pelo dramaturgo alemão Frank Wedekind, precursor do movimento expressionista, que se interessava por estabelecer uma exposição dramática de determinado tema, no caso, o despertar da puberdade (Barreto,

¹ Este relato foi extraído da escuta em consultório.

² Este relato foi extraído da escuta em consultório.

2004). Ramírez (2014) nos localiza que tal peça foi estudada tanto por Freud quanto por Lacan, e serviu como base para a construção da concepção psicanalítica da adolescência. Nas palavras de Ramírez (2014) a respeito da obra, “o dramaturgo antecipa literariamente através de seus personagens algumas profundas observações e descrições psicológicas sobre a adolescência, que em seguida, pelo rigoroso caminho da psicanálise, Freud e Lacan explicitariam em seus breves comentários” (p. 1).

De acordo com Silva e Marcos (2020) pensar na primavera nos convida a refletir sobre esse momento de desamparo que toma corpo na puberdade, mas, acima de tudo, convida-nos a pensar também em um tempo de descobertas para cada sujeito. Dessa peça, como bem afirmam os trabalhos de Barreto (2004), Capanema (2018) e Silva e Marcos (2020), o que se pode recolher da trajetória dos jovens personagens, todos no auge de sua puberdade, é o momento lógico em que cada um se depara, de maneira embaraçosa, com a questão sexual, bem como as soluções encontradas para lidar com isso.

Para Lacan (1974/2003e, p. 558), em seu texto que leva o título da peça, o que provocaria o despertar de um sujeito seria, em suas próprias palavras, o fato de que é a “sexualidade que faz furo no real”. Seria o encontro faltoso com o real, ou seja, o próprio encontro com o sexual que para ele é traumático. Quando Lacan trata do encontro sexual na adolescência, ele o faz sob a perspectiva da lógica do impossível e da não existência da relação sexual. Isso pode parecer um paradoxo, uma vez que é nesse momento no qual os ideais viris e de feminilidade apontam para o possível do encontro que ele surge como impossível (Barreto, 2004).

Até a puberdade, poderíamos dizer que isso não era problemático, pois, retomando os trabalhos de Freud (1907/2018e; 1908/2018d), a questão sexual era tratada pelas crianças como fantasia. É quando a irrupção da puberdade surge, acompanhada das mudanças no corpo, que o sujeito é convocado à abertura para o encontro sexual. Capanema (2018) explica que o traumático desse momento é o fato de que aquilo que havia sido adquirido na infância já não consegue mais responder “às questões essenciais de todo sujeito humano: como se desligar de seus pais, como encontrar o outro sexo, como assumir sua própria sexualidade, o que é o amor?” (p. 60).

Nas palavras de Marcos e Silva (2020), o que se pode ainda recolher da peça é que:

O real do gozo que irrompe na vida dos personagens da peça é causa de múltiplos efeitos e passagens ao ato. Cada um vai, a seu modo, confrontado com a questão sexual, inventar uma resposta. Lacan também indica que pelo fato da sexualidade fazer furo no real, é preciso do recurso da fantasia para que o sujeito adolescente possa saber fazer com a sexualidade. (p. 5)

Podemos extrair da peça passagens que nos mostram como o despertar da primavera, que é, em si mesmo, o despertar da sexualidade na puberdade, é embaraçosa para o sujeito, e que ele surge a partir de um enigma cujas respostas que até então lhes eram fornecidas falham.

Primeiro, podemos recolher os recortes das cenas da personagem Wendla. A cena um, que ocorre às vésperas de seu aniversário de 14 anos, constrói-se em torno de um diálogo entre a personagem e sua mãe, durante a experimentação de seu novo vestido. A jovem demonstra seu descontentamento em ter que usar um vestido mais longo, pois, segundo sua mãe, meninas da sua idade não poderiam usar roupas curtas. Esse vestido, que é maior e tampa as pernas da jovem, é nomeado como “fato de penitência” (Wedekind, 1973, pp. 38–39), o qual ela tenta procrastinar o uso ao dizer: “Estou sempre a tempo de usar esse fato de penitência com catorze ou mesmo quinze anos. Vamos guardá-lo até ao ano que vem; se o vestisse agora andava sempre a pisar-lhe a batinha” (p. 38). Wendla, de saída, já deixa claro seu desinteresse quanto ao que lhe vem enquanto “penitência” com a irrupção da puberdade que lhe convoca às obrigações de uma jovem mulher.

Sobre essa passagem, Marcos e Silva (2020) tecem um comentário interessante que nos indica o embaraço da jovem quanto sua entrada na adolescência, rumo ao tornar-se uma mulher adulta.

A mãe percebe a transformação do corpo de menina e oferece à filha um vestido longo, tal como uma mocinha deve se vestir. Wendla, ao mesmo tempo em que mostra um desejo de saber sobre a questão sexual, quer continuar menina, de vestido curto. Ao seu desejo de saber, a mãe responde com o silêncio e com motivos dissimulados para o vestido longo. Wendla permanece irredutível na sua posição de recusa dos semblantes femininos. (p. 5)

Mais à frente, na cena três, na conversa entre amigas, o diálogo se desenrola quanto à dificuldade de ser menina, passando pela impossibilidade de decidir sobre os cabelos, as roupas etc. Falam sobre casar e ter filhos. A personagem Thea ignorando, ao que parece, a distinção sexual, diz que, quando tiver filhos, irá vesti-los todos de cor de rosa, “chapéus cor-de-rosa, vestidinhos cor-de-rosa, sapatos cor-de-rosa” (Wedekind, 1973, p. 58). Thea ainda questiona Wendla se, quanto aos filhos, ela gostaria de ter meninos ou meninas. Wendla responde que gostaria de ter rapazes. Enquanto Martha diz que gostaria, inclusive, de ser um rapaz se pudesse, o que revela nessa jovem o mal-estar quanto ao ser mulher. Wendla vai dizer que gosta de ser menina, mas que, quanto a ter filhos, preferia ter só rapazes, o que mostra que, para essa moça, há algo do lado do homem que a captura, a saber: o falo, pois, conforme anuncia Barreto (2004), “ser uma moça e ter um filho homem” (p. 135).

Em outra passagem, na cena dois do segundo ato da peça, há um diálogo entre Wendla e sua mãe. Elas conversam sobre Ina que acabara de ter um filho. A mãe de Wendla, ao anunciar a nova criança, diz: “A cegonha foi lá esta noite e deixou um menino” (Wedekind, 1973, p. 93), Wendla, feliz com a notícia da chegada de um menino, associa a gravidez a uma gripe que nunca acabava. Pergunta à mãe se ela estava lá quando a cegonha deixou a criança e, quando a mãe diz que não, fica brava, pois, segundo ela: “gostaria tanto de saber se a cegonha entrou pela janela ou pela chaminé” (p. 94). Wendla, então, tomada pela angústia diante do não saber a origem dos bebês, reivindica um saber da mãe, demarcando para isso que ela não seria mais uma criança como antes.

Ora tenho eu uma irmã que está casada há dois anos e meio, eu própria sou tia pela terceira vez e não faço a mais pequena ideia do que se passa... Não te zangues, mãezinha! Não te zangues. A quem é que eu hei-de perguntar se não a ti? Por favor, mãezinha, conta-me tudo! Diz-me como é, mãezinha! Eu tenho vergonha de mim própria! Peço-te, mãezinha, diz-me! Não me ralhes por eu te perguntar uma coisa destas. Responda-me — como é que é isso tudo? — Tu não podes exigir a sério que eu aos catorzes anos acredite em cegonha. (Wedekind, 1973, p. 96)

A mãe de Wendla é tomada pelo mal-estar de ter que revelar à filha o segredo da origem dos bebês e dar-lhe acesso ao que marcaria a transição da criança para a mulher, mas decide contar diante das súplicas da filha:

Para se ter um filho — é preciso amar o homem — o homem com quem se casou — amar, disse eu — como só pode amar um homem! É preciso amá-lo tanto, de alma e coração, — como nem sequer se pode dizer com palavras! É preciso amá-lo, Wendla. Com a tua idade, não sabes amar... Agora já sabes . . . Agora já sabes as provas por que terás de passar. (p. 99)

Com essas palavras, a mãe de Wendla oferece as coordenadas quanto a algo da sexualidade e da maneira como as mulheres devem se orientar quanto à sua posição sexuada: amar um homem e ter um filho homem, tal como sua irmã, desse homem que se ama. Quanto a essa frase dita pela mãe, Barreto (2004) recorta as expressões “não sabes amar” com o “agora já sabes”, sobre o sexo, para dizer que isso funciona como uma indicação ou “um consentimento, numa rápida travessia, como num ritual de passagem” (p. 136).

Essa coordenada, essa prova, essa penitência, é o que orienta a jovem nas suas parcerias, por exemplo, a que irá levá-la ao seu primeiro encontro sexual com Melchior, na busca de *um a mais* para a explicação fornecida pela mãe, e que marcará para ela o escancaramento da inexistência da relação sexual, uma vez que, enquanto ela buscava interrogar o amor, o rapaz estaria interessado no gozo. Tal (des)encontro, irá culminar em uma gravidez indesejada e seu falecimento durante o aborto.

Quanto a esse encontro sexual de Wendla com Melchior, Ramírez (2014, p. 11) explica que “O encontro heterossexual de dois adolescentes na peça de teatro ratifica seu desencontro, quando uma aspirava o amor e o outro somente o gozo, em virtude da divisão subjetiva entre a corrente terna e a sensual. Trata-se da encenação da não-relação sexual”. Como Capanema (2018) salienta, essa passagem, esse encontro fracassado que coloca em cena a divisão entre amor e gozo, mostra-nos que na adolescência, embora haja as transformações no corpo, há um mais além que diz respeito à própria verificação da não-relação sexual. Isso revela o paradoxo da adolescência, já anunciado por Barreto (2004) e Stevens (1998/2004), quanto ao encontro do possível — o encontro com o Outro sexual — com o impossível — da relação sexual.

Outra passagem que nos ajuda a pensar a questão do despertar da primavera, trata-se, no primeiro ato, da cena dois, da conversa que se desenrola entre os dois amigos Melchior e Moritz. Após um encontro com os amigos, em que todos jogavam e falavam sobre a escola, ao se despedirem, ficam Moritz e Melchior a conversar. A conversa se inicia com Melchior se interrogando sobre sua existência no mundo, o que não é levado a diante. Vão dar uma volta, conversam sobre gatos, agouros e religião, até que se sentam sob uma árvore, e Melchior, o mesmo que havia se perguntado sobre o sentido da vida, diz: “Neste momento gostaria de ser uma jovem dríade na floresta, lá em cima, uma dríade que se deixa embalar e baloiçar nos píncaros mais altos durante toda a longa noite” (Wedekind, 1973, p. 43).

Depois, falam sobre o sentimento de pudor e a relação disso com a educação, até que Moritz, amigo que se sustenta do lado do saber, diz que, se um dia tivesse filhos, iria acostumá-los, desde cedo, a dormirem juntos na mesma cama, e que deixaria que eles se ajudassem a se vestir, “e no tempo quente rapazes e raparigas só hão-de usar uma túnica de lã branca, curta, apertada na cintura com um cinto de cabedal. Dá-me a ideia de que, se crescerem assim, eles têm de ser depois mais calmos do que nós somos em geral” (Wedekind, 1973, p. 44).

É interessante notar que, nesse recorte da conversa, a questão da diferença sexual, embora já esteja mais ou menos delimitada para esses jovens, a partir da própria incidência da educação e da cultura, ainda não faz um enigma. É curioso constatar nas falas desse jovem encarnado na peça de teatro como há uma tentativa, já aqui, de apagar a diferença sexual e do mal-estar que agita o adolescente, inerente a ela. Para esse jovem rapaz, se meninos e meninas se acostumassem, desde cedo, a dormir juntos e a se vestir iguais, seriam mais calmos, pois não haveria o mal-entendido do sexo.

Seguindo a cena, a conversa caminha com Melchior colocando a questão sobre a espera dos bebês nas “raparigas”, e endereça seu enigma “como é que isso é?” (p. 44) para seu amigo

Moritz. Interpelado sobre o próprio enigma, Melchior tenta contornar seu impasse sobre a diferença sexual pela tentativa de estabelecer o paralelo entre o homem e o animal. Ele diz:

É que quanto a isso eu acredito num certo instinto. Acho que, por exemplo, se se fechar um gato com uma gata, desde pequeninos, e se eles não tiverem qualquer contacto com o mundo exterior, ou seja, se eles estiverem totalmente e unicamente entregues aos seus próprios instintos — eu acho que a gata acaba por ficar prenhe, embora nem ela nem o gato tivessem alguém cujo exemplo lhes pudesse abrir os olhos . . . Eu acho que também com os homens! Ouve lá, Moritz, se os teus rapazes dormem na mesma cama com as raparigas e de repente lhes vem o primeiro sinal gostaria de apostar com quem quer que fosse. (Wedekind, 1973, pp. 44–45)

Nesse ponto, após dar crédito a Melchior, Moritz diz que teria uma pergunta a fazer, e busca garantias de que o amigo a responderá. É nesse momento que Moritz começa a tecer um comentário sobre os semblantes viris, e diz que seus filhos não dormiriam em colchões moles como os deles. Justifica dizendo: “Nós estamos terrivelmente efeminados. Acho que não se sonha quando se dorme num colchão duro” (Wedekind, 1973, p. 46). É nesse ponto que o impasse com o sonho aparece na cena, quando Melchior diz que não dorme em colchão por conta de um sonho terrível, e Moritz pergunta se ele já tinha tido “o primeiro sinal” (p. 47).

Para Capanema (2018), o despertar da sexualidade no jovem Moritz lhe provoca angústia, fazendo-o despertar dos sonhos, deixando-o embaçado, “pois ele não sabe o que fazer, não tem representações que possam ligar-se a esse gozo” (p. 68), que lhe aparece como opaco e sem sentido. Aqui evidencia-se a afirmação feita por Lacan (1974/2003e) sobre a sexualidade fazer furo no real. Há algo que surge para Moritz, no sonho, que lhe deixa embaraçado. É um segredo, uma pergunta que não pode ficar sem resposta. É algo que lhe atravessa e do qual os recursos que tem no imaginário — dormir em colchão mole, estar efeminado — não conseguem dar respostas.

De acordo com Silva e Marcos (2020), é evidente a angústia do personagem Moritz diante de sua divisão entre as obrigações de bom aluno, para não decepcionar seus pais, e a curiosidade em relação ao sexo, do qual ele nada sabe. Em busca de uma resposta, procura nos livros e lá encontra apenas palavras que não contornam o real do gozo, o que indica que, quanto ao sexo, não há significação que forneça um dizer inequívoco. Diante da “ausência de um saber prévio” sobre a sexualidade, o jovem se endereça ao amigo, suposto saber sobre o tema, que lhe retorna: “Eu já sei há muito o que isso é! Já há quase um ano” (Wedekind, 1973, p. 47), o que demarca que o tempo da adolescência é um tempo lógico, um tempo singular para cada sujeito.

Melchior pergunta a Moritz se ele já tinha sonhado, e ele se põe a contar seu sonho, que foi para ele mais do que o remorso, foi “um medo de morte!” (p. 48). Sobre o sonho, ele faz a seguinte narrativa:

com meias azul-celeste, que iam a subir por cima da secretária do professor — para ser franco, pensei que elas queriam ir lá pra cima. Só as vi de fugida. Pensei que não tinha cura. Pensei que tinha uma doença interna. Mas só acabei por ficar mais calmo quando comecei a apontar as minhas memórias. É verdade, é verdade, meu caro Melchior, as três últimas semanas foram um calvário para mim. (pp. 48–49)

Quanto a Melchior, que é um ano e meio mais novo que Moritz, o despertar foi mais brando, só lhe causando vergonha, pois esse jovem “estava mais ou menos preparado” (p. 49). Para esse personagem, o enigma recai sobre o campo feminino, uma vez que sua questão gira em torno dos motivos de sua amiga Wendla ajudar os necessitados. Se a questão de Moritz é sobre a diferença dos sexos, a questão de Melchior seria sobre o que se passa no sexo oposto (Silva e Marcos, 2020).

É interessante localizar que ainda nesse diálogo entre os dois jovens, há um momento que Melchior que se apresenta como aquele que sabe sobre o sexo, e demarca para o amigo que a adolescência é um tempo lógico. Um comentário que vai ao encontro com a própria maneira como a psicanálise lê a adolescência:

Eu não me preocupava com isso, Moritz. Segundo todas as minhas experiências, não há uma idade certa para a primeira vez que se dá esse fenômeno. Conheces o Lammermeier, grande, louro, e com o nariz de papagaio? Tem mais três anos do que eu. O Hanschen Rilow diz que ele até hoje não sonhou senão com tortas e geleia de pêssego. (Wedekind, 1973, p. 49)

Entretanto, Moritz não se apazigua com a explicação do colega. Para ele, não é saber que o tempo não é universal, que o outro mais velho que ele ainda não passou por isso, que faz com que o trauma do sexual se apazigue. Ele retoma e nos conta mais um pouco sobre o insuportável do sonho de despertar, pois não sabia como isso teria lhe surgido, ou como ele mesmo vai dizer, “na maneira como caímos neste redemoinho” (Wedekind, 1973, p. 50).

Mas como é que eu havia de saber? Vejo que as galinhas põem ovos, e disseram-me que a mamã me trouxe perto do coração. Mas isto chega? Também me lembro de que quando tinha cinco anos ficava perturbado quando alguém punha na mesa a carta da dama de copas com um decote enorme. Isto acabou por desaparecer. Mas entretanto hoje quase não posso falar com uma rapariga sem pensar em coisas indecentes e... juro-te, Melchior, não sei o quê. (Wedekind, 1973, pp.50–51)

Conforme Barreto (2004), esse sonho do personagem que o faz despertar, provocando embaraços, é o “real de um gozo que provoca uma ruptura, apontando que os recursos que o sujeito tinha para lidar com ele não funcionam mais” (p. 132). Trata-se então da incidência, no caso do adolescente, do sexual, que faz enigma e do qual ele não tem nenhuma resposta prévia

para dar. O sexual surge aqui como a *tiquê*, o encontro com o real denominado por Lacan (1964/2008a) no *Seminário, livro 11*, que faz estremecer os automatismos do sujeito, faz estremecer as coordenadas simbólicas que até então o fixavam na realidade, ou mesmo as teorias sexuais infantis construídas na infância.

Para Barreto (2004):

A adolescência é um tempo em que o sujeito tem uma chance de despertar, pois a puberdade irrompe e esse encontro com o sexo provoca marcas que exigem do sujeito uma resposta. É o tempo do despertar dos sonhos. É o momento de retorno, do “é chegada a hora”, quando o sujeito é chamado a gozar do objeto de amor e a se posicionar na partilha dos sexos. (p. 132)

É interessante notar que, no texto de Lacan (1974/2003e) sobre a peça, ele localiza que é notável como é privilegiada a questão da irrupção do sexual nos jovens, principalmente, “por demonstrar que isso não é satisfatório para todos, chegando a confessar que, se é malsucedido, é para todo mundo” (pp. 557), o que coloca em questão o quanto o despertar da primavera é embaraçoso para tais sujeitos, justamente por colocar em evidência o que não existe: a relação sexual.

Ramírez (2014) ainda acentua que:

Esse encontro malogrado também tem suas variações sociais e culturais, mas é ao mesmo tempo profundamente subjetivo. As palavras falham em se articular ao gozo sexual em jogo. A irrupção de gozo, na ausência de um saber fazer frente ao outro sexo, produz um despertar traumático para o fato de que não há harmonia sexual entre os humanos. A isso cada um responde à sua maneira, como pode; sempre, entretanto, de modo falho. Isso configura sua adolescência, como sua resposta social, mas com sua fantasia ou seu sintoma singular. Cabe a cada sujeito inventar uma resposta própria menos catastrófica, reduzindo o dano, por si mesmo inevitável, pois na puberdade ocorre que a sexualidade fura o real e, quando se trata para os rapazes e as moças de fazer amor, têm que se deparar com isso. É um despertar que inclui o corpo, já não unicamente como imagem, mas também como sede de gozo. Ali acontece uma passagem entre o menos de gozo na infância para um mais de gozo na puberdade. Para esse passo obrigatório que é a sexuação, as respostas são diversas. (pp.11–12)

Assim, se o sexual é um problema para o sujeito adolescente, o é, pois, o que está implicado aí é a convocação para que o encontro com o parceiro sexual aconteça. Isso não é sem embaraços — os adolescentes se embaraçam com a questão sexual e principalmente com o que vem com esse despertar —, o servir-se dos semblantes rumo ao tornar-se adulto, homem ou mulher.

2.5 A difícil tarefa do tornar-se e a adolescência como sintoma

Fernando Sabino, em *O grande mentecapto*, escreve:

No dia que virou homem, um sentimento novo se apossou dele. Porque Geraldo Viramundo virou homem de repente, num dia em que, às quatro horas da tarde, olhou para o mundo e surpreendeu um de seus mistérios. Era uma tarde de sábado, e ele estava deitado debaixo de uma mangueira no quintal de sua casa. Havia silêncio em tudo, pairando sobre as árvores e as coisas ao redor. O sino da igreja tinha acabado de bater. Então Geraldo Viramundo apoiou nos cotovelos e estendeu o olhar, meio para longe, meio para cima. Centenas de vezes tinha estado ali, naquela mesma posição, era uma paisagem conhecida e tão familiar como o seu próprio modo de viver, que nela se completava. Mas naquele mesmo instante uma buzina de automóvel soou na estrada, um boi mugiu no pasto, uma menininha de vermelho passava correndo lá longe, na ponte, um vento leve começou a sacudir a ramagem das árvores. O momento assim surpreendido parecia conter um significado qualquer que lhe escapava, e a tudo se subordinava como as notas de uma música. Geraldo Viramundo se sentiu mais só do que quando mergulhava no rio, mas era uma solidão feita de desamparo e de saudade da infância — quando, minutos mais tarde, se ergueu e caminhou em direção à casa, percebeu que não era menino mais. (1979, p. 17)

Dessa delicada escrita do escritor Fernando Sabino, poderíamos recortar o momento em que Geraldo Viramundo virou homem de repente e percebeu, minutos mais tarde, que não era mais menino, para discutir aquilo que Lacadée (2011) chamou de a mais delicada das transições. Esta, que diz respeito justamente à passagem da criança para o adulto, ao tornar-se homem ou mulher, envolve um árduo trabalho psíquico para o sujeito, uma vez que o que está em jogo aí é o próprio real que surge na puberdade.

Acompanhando os textos freudianos sobre a relação do sexual com a etiologia da neurose, fica evidente que o sexual deixa suas marcas ao ser falante. Na infância, diante de seu aparecimento, a criança, impossibilitada de acessar um saber sobre isso, formula suas teorias como tentativa de resposta. Na adolescência, com a irrupção da puberdade, esse novo, não tão novo assim, aparece fazendo com que o sujeito precise inventar um modo de se posicionar na partilha sexual.

Quanto às consequências da questão sexual na adolescência, os trabalhos de Viola e Vorcaro (2015) e Capanema (2018) nos apresentam, de maneira sucinta, que poderíamos destacar três aspectos principais nas obras freudianas: a importância fundamental dos fatores orgânicos na determinação dos aspectos psíquicos, o caráter delicado e complexo desse período e o papel essencial da fantasia inconsciente, estreitamente relacionada aos processos sublimatórios e à pulsão epistemológica, elementos definidores da latência. Em outras palavras, o que Freud faz é pensar o que acontece no corpo desses sujeitos e sua relação com os traços infantis deixados pela incidência do sexual, bem como o trabalho que tais sujeitos precisam realizar para se haver com que há de vir.

Stevens (1998/2004) ainda nos lembra, com base no texto freudiano, que “após a infância, certas escolhas são feitas, mas de maneira não definitiva, e elas são reatualizadas na

adolescência. São as escolhas de objeto, hetero ou homossexuais, e as escolhas de posição quanto à sexuação” (p. 27). Isso se estende à nossa atualidade, o impasse diante dessas escolhas que levam cada sujeito a se servir da adolescência de uma maneira singular, na tentativa de inventar um modo de lidar com a estranheza inerente à puberdade.

Assim, para Miller (2020) quando se trata de pensar a adolescência, seria importante nos atermos a três questões importantes: a saída da infância, a diferença dos sexos e a imiscuição do adulto na criança, o que coloca em questão os semblantes como aqueles que darão consistência à identificação sexual viril ou feminina (Roy, 2019), questões que são presentificadas na puberdade. Dessa forma, de acordo com Lacadée (2011) “a adolescência seria o momento lógico em que opera uma desconexão para o sujeito entre seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher” (p. 64). Nesse sentido, o autor ainda nos diz que o termo “adolescência” seria um significante provindo do Outro que buscaria dar contorno a esse tempo que é para cada um, e que demarcaria a diferença entre o passado, tempo da infância e do autoerotismo, e o presente, marcado pelo imediato, pelo instante (Lacadée, 2011).

Ainda quanto à definição da adolescência, Stevens (1998/2004) recorre a duas expressões recolhidas de um trabalho assistido por ele, e que bem se articulam ao tema, são elas: “a idade de todos os possíveis e o encontro com um impossível” (p. 28). Pensar a adolescência enquanto a idade de todos os possíveis, e como o encontro com um impossível, parece nos introduzir um paradoxo interessante, que não deixa de gerar conflitos. Como esses sujeitos se organizam entre o todo e o impossível, tendo em vista que, em certa medida, poderíamos considerar que a segunda expressão “impossível” seria oposta à primeira “todos os possíveis”?

De acordo com Stevens (1998/2004) poderíamos localizar, nessas duas expressões, a lógica da variedade das respostas que esses sujeitos podem construir diante do encontro com o impossível, ou seja, com o real da puberdade. Para entender a incidência desse real, Lacadée (2011) retoma o que em Freud (1905/19961) podemos chamar de incidência da pulsão, ou melhor, o que da pulsão sofre um giro nesse tempo. O autor nos diz que haveria um silêncio da pulsão que se manifestaria pelo “lá onde isso não fala, a paixão nascente murmura alguma coisa que agita o ser” (p. 68). É disso que se trata o giro da pulsão na puberdade, há algo que se transforma na saída do autoerotismo e coloca o sujeito em direção ao que está no Outro, a pulsão passa a ser endereçado a isso que é o Outro corpo, e que deixa os sujeitos agitados sem conseguir se localizar quanto ao seu lugar no mundo.

Nas palavras de Lacadée (2011):

Tal pulsão não é simples réplica das pulsões da infância na puberdade. O despertar da pulsão pelo real biológico se acompanha do recalçamento do objeto paternal, que se vê definitivamente condenado como objeto sexual. É por isso que a puberdade é um traumatismo no sentido do que faz furo no real. (p. 68)

Ele ainda prossegue retomando a definição dada por Freud (1905/1996l) “metamorfose da puberdade”, esclarecendo que há aí uma reatualização das escolhas da infância concernente aos objetos da pulsão, sejam eles hetero ou homossexuais, bem como à escolha de posição em relação ao sexo, o que deixa o sujeito dividido entre situar-se a serviço da pulsão parcial e se pôr a serviço da vontade de gozo (Lacadée, 2011, p. 68). Assim, se antes tínhamos o discurso, representado inclusive pela função da família, como algo importante e que poderia servir como suporte para o que do gozo agita os adolescentes, o que vemos hoje é que esse não consegue ajudá-los, e eles ficam imersos em seus significantes desconexos (Lacadée, 2011).

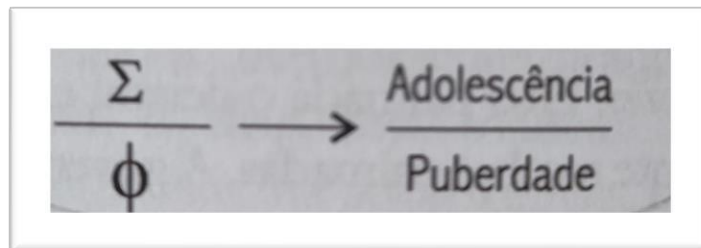
Aqui, seria possível afirmar que quando dizemos que na puberdade tratar-se-ia de um despertar, dizemos de um despertar da pulsão que provoca estranheza ao adolescente, lançando-o ao trabalho de construir alguma coisa que dê conta disso. Dessa forma, parece pertinente pensar tal como Miller (2020) propõe em seu texto *En dirección a la adolescencia*, que diante desse novo — o despertar da pulsão que convoca o sujeito a se haver com sua posição subjetiva diante da diferença sexual — que é escancarado pelo real da puberdade, que a pensássemos como uma construção.

De acordo com Pimenta Filho (2004), a questão da sexualidade é central na puberdade, pois esse despertar da pulsão corresponde a uma iniciação, mas não apenas para a relação sexual. Assim, para o adolescente, o problema se centra na iniciação de sua posição sexuada, e por isso ela é “o problema real da sexualidade, o que Lacan nos ensinou a pensar com essa fórmula ‘Não existe relação sexual’. Pois hoje a relação sexual não é regulada pelo saber. Não existe um saber que garanta que uma relação funcione” (Pimenta Filho, 2004, p. 125). Assim, como não há esse saber prévio, como esse saber não é transmitido pelo Outro familiar, ou mesmo pelo Outro da cultura, o impasse quanto à sexualidade persiste, o que faz com que o sujeito precise construir uma resposta.

Quanto a isso, Silva e Marcos (2020) ainda argumentam que não há, na perspectiva freudiana, uma separação evidente entre puberdade e adolescência. São os autores contemporâneos a Lacan que fazem essa distinção ao considerar que a adolescência seria uma resposta do sujeito às mudanças advindas com a puberdade a tal ponto de pensá-la como um sintoma. Isso implica pensar que, diante do real da puberdade, cada adolescente encontrará uma resposta sintomática para esse encontro.

Isso nos impulsiona a considerar as invenções que cada um pode fazer para dar contorno ao real, o que nos conduz a pensar os “conceitos”, como proposto por Lacan (1962-1963/2005), como significantes que façam uma apreensão do real da puberdade. Nesse sentido, Stevens (1998/2004) se remete ao matema do sintoma como uma metáfora do impossível da relação sexual, proposto por Miller, para equivaler, de um lado, o real da puberdade à inexistência da relação sexual, e, de outro, a adolescência ao sintoma que faz metáfora a tal inexistência.

Figura 1 *Matema da adolescência como sintoma da puberdade*



Fonte: Stevens, 1998/2004, p. 27.

Nas palavras de Stevens (1998/2004):

A inexistência da relação sexual é a dificuldade de saber o que fazer quanto ao sexo; é a ausência de um saber constituído *a priori* sobre isso. No lugar dessa ausência da relação sexual, o sujeito elabora um sintoma que vem, então, para ele, como uma resposta possível a esse real impossível de circunscrever, que é a ausência da relação sexual. Proponho simplesmente retomar a relação puberdade-adolescência com o matema de Jacques-Alain Miller. A puberdade seria um dos nomes da inexistência de relação sexual. A puberdade é, em todo caso, um dos momentos em que, mais do que nunca, a não-relação sexual aparece para o sujeito, e a adolescência seria, então, a resposta sintomática possível que o sujeito vai dar a isso. É o arranjo particular com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e sua relação com o gozo, no lugar, portanto da relação sexual. (p. 30)

Pensar a adolescência como sintoma da puberdade, parece concordar com o que Lacadée (2011) postula quanto às invenções do sujeito adolescente.

O adolescente deve inventar sua própria abertura significativa em direção à sociedade, a partir do ponto de onde ele não se vê mais como a criança que foi, aprisionado no desejo do Outro, ou seja, de onde pode perceber, de maneira contingente, certa visão de si mesmo e do mundo. (p. 32)

Tais formulações nos orientam a pensar menos a adolescência como uma fase ligada ao desenvolvimento, como a psicologia nos ensina, e mais como um arranjo, como um sintoma, que cada sujeito irá construir para dar conta da inexistência da resposta sobre a questão sexual. Assim, a adolescência seria uma nomeação livre de significação, e cada sujeito irá lhe dar substância a seu próprio modo. Diante do não saber sua posição sexuada, de não saber a escolha de objeto, a adolescência seria, nessa orientação, um sintoma, “a enumeração de uma série de

escolhas sintomáticas em relação a esse impossível encontrado na puberdade . . . Esse impossível é uma das fórmulas do real; essa ausência de saber, no real, quanto ao sexo; é a não relação sexual” (Stevens, 1998/2004, p. 31).

Nesse sentido, caberia menos dizer “A” adolescência, enquanto universal, para pensá-la no caso a caso, ou seja, enquanto adolescências, construída de forma singular por cada sujeito, o que nos leva, segundo Stevens (1998/2004), a considerar a clínica da adolescência mais próxima a uma clínica do sintoma por “tratar-se de uma resposta individual como escolha e resposta de um sujeito, levando-se em conta que há diferenças, conforme as escolhas já colocadas pelo sujeito, entre neurose e psicose” (p. 32).

Quanto ao real da puberdade, ao qual a adolescência vem como uma tentativa de resposta, Stevens (1998/2004) nos lembra que mais do que a questão orgânica, trata-se do novo para o qual o sujeito não tem uma resposta pronta, ou seja, trata-se da eclosão, a qual a fantasia infantil falha em contornar, possibilitando que o sujeito possa construir sentidos e metáforas. É importante destacar que a fantasia, segundo nos ensinou Lacan (1967/2003a, p. 259), seria uma “janela para o real”, aquilo que enquadraria o real, retirando um pouco da sua consistência avassaladora — na medida em que ele impõe o sem sentido e o vazio de significações — e servindo como anteparo para o sujeito, fixando-o no campo da realidade. É a fantasia, como o recurso que possibilita ao sujeito construir explicações para o que lhe acontece, que permitiria certa segurança diante da emergência desse novo.

Poderíamos localizar esse novo justamente na subjetivação do sexo, na relação do sujeito com seu corpo, com o Outro e com o gozo. Esse novo “mais do que o órgão, é o reaparecimento, para o sujeito, de sua falha de saber no real” (Stevens, 1998/2004, p. 33). E quanto a esse real sobre o qual o saber falha, há sempre um saber a saber, que se constrói, por exemplo, no encontro com um analista. E, quando falamos disso, poderíamos dizer que, frente ao não saber no real, é cada um por si, não sem o encontro com um Outro, o analista, por exemplo.

É um novo que resiste ao enquadramento da fantasia, que surge da discordância entre o imaginário e o simbólico, encarnado na modificação da imagem que escancara o fato de que não se “é mais uma criança como as outras, mas que se vai tornar-se um homem ou mulher” (p. 34), deixando o sujeito à mercê do não saber “tornar-se”, que faz vacilar também as identificações sustentadas no laço com o Outro.

Lacadée (2011) toma a adolescência como uma transição, a mais delicada delas, e se serve desse significante “transição” para dizer daquilo que já encontramos em Freud (1905/1996l) quanto à puberdade. Para Lacadée, a transição especifica “a mudança que advém

na criança a partir de um real, mudança marcada pela dificuldade experimentada pelo sujeito em continuar se situando no discurso que, até então, dava a ele uma ideia de si mesmo” (p. 33). Tal comentário deixa como norteador o fato de que, quanto ao tornar-se, isso só se dá pela via da construção, de um lado do sintoma, e, do outro, dos semblantes possíveis quanto ao ser homem ou mulher, que são apreendidos da cultura e da relação do sujeito com o lado do adulto, no qual o gozo sexual se encontra solidário de um semblante (Roy, 2019). O que se evidencia é que não há um saber preexistente no qual cada sujeito pode se amparar, que diga inequivocadamente como “tornar-se” — não há um manual, portanto o que há é a não relação sexual.

O que se encontra, na adolescência, como marco dessa transição, dessa passagem que pode conduzi-lo quanto à sua posição sexuada, são os ritos de passagem. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1974) afirma que todo jovem deve se separar de sua família e, nessa tarefa, ele será auxiliado pela sociedade através dos ritos de passagem e de iniciação.

Podemos compreender o rito de passagem, com base na referência proposta por DaMatta (2009), como uma resposta obrigatória que visa a adaptação dos indivíduos que não têm outra escolha senão mudar de posição dentro de um sistema. Nessa perspectiva, os ritos “seriam elaborações secundárias, com a função de apagar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada como inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana” (p. 11).

Esses ritos de passagem assumem para o adolescente o segundo momento da vida. Se o primeiro seria a entrada na puberdade, o segundo seria a saída, que “implica uma série de questões históricas, políticas e sociais, mas, sobretudo, diz respeito, e está intimamente ligado, a um sistema simbólico. Portanto, a saída está ligada a quando determinado sujeito deve aceder a certos lugares, a certas responsabilidades diante do Outro social” (Pimenta Filho, 2004). Contudo, mesmo que haja ritos de passagens, esses são para cada um, pois não há uma saída universal, essas fazem parte das invenções singulares que são, inclusive, construídas durante o processo analítico.

Viganó (1998) explica o que impulsiona esse ponto de saída do sujeito em direção ao tornar-se da seguinte maneira:

Há um momento no desenvolvimento humano em que a dependência do Outro, dos cuidados familiares, não é mais suficiente para o sujeito viver. Ele quer mais. Esse é o momento da puberdade, ou seja, do desenvolvimento genital do organismo humano; quando o sujeito não se contenta mais em nomear os objetos maternos como fazia quando criança. Quando criança, podia usufruir o corpo da mãe porque, como se diz, a criança é ingênua, não é genital, portanto, não faz uso do corpo da mãe de forma real, sexual. Na puberdade, a relação com os objetos vinculados à mãe muda. Os nomes de

fantasia, da infância, não valem mais naquele momento em que, em termos genitais, já se é maduro, ou já se está a caminho de tal. A proibição do incesto torna-se real, requisito para que o sujeito se articule bem no mundo da civilização humana. O sujeito adolescente tem agora que se afastar, mesmo, definitivamente, do objeto mãe — aquela que era encarnada como um grande Outro, responsável pelos cuidados mínimos necessários para sua existência. (Transcrição da conferência pronunciada em 1998, inédito)

Dessa forma, Miller (2020) demarca a adolescência como momento de abertura aos objetos de desejo, dentre eles o corpo do Outro. Seria, então, o momento em que o sujeito, separando-se da autoridade familiar, lançaria-se em direção ao Outro, encontrando nele novos modos de satisfação. A respeito desse aspecto, Lacadée (2011) comenta que “algo o impele a ultrapassar os muros da casa da família, pois, para ele, é fora de seus domínios que se encontra a vida verdadeira” (p. 32). É o momento, também, em que a diferença do sexo se torna uma questão, na medida em que cada sujeito, seja menina ou menino, precisará se interrogar sobre o que fazer com seu sexo, e seguir rumo ao tornar-se adulto.

Contudo, segundo Pimenta Filho (2004), se não há algo da autoridade paterna, se não há a presença de um Outro que forneça para os adolescentes coordenadas quanto à sua passagem, “os ritos nos dias de hoje têm uma tendência à falência, porque são ‘autogestionáveis’. O rito, para que ele se cumpra, para que tenha sucesso, deve ser feito apenas uma vez e carece da figura de um Outro que o reconheça, que dê chancela a essa passagem” (p. 127), porém, o que se encontra hoje é uma virada do rito, o que compreende a presença e a existência do Outro, para os “modos de auto-iniciação” (p. 127), tal como verificamos nas tatuagens, piercings, violências de grupo, uso de drogas, interesse pela pornografia na internet etc.

Tais modos, conforme nos diz Pimenta Filho (2004):

não são para separar o sujeito de um significante-mestre. Aqui, como o significante funciona, não se produz essa separação. O sujeito se encontra em posição muito distinta, está fechado em si mesmo . . . essa auto-iniciação não produz uma verdadeira separação. Não produz um sujeito que se separou do Outro. Do Outro que poderia ter vindo interiorizado como o Outro do inconsciente. O sujeito acredita que está se separando do outro social (da família, dos pais), mas, de fato, ele se mantém dependente do Outro social: este é o paradoxo desses sintomas. (p. 127)

Quanto a essa aparente separação, podemos citar o caso de uma jovem de 15 anos que vêm dizendo que não sente que há autorização por parte da família para falar de suas questões sexuais, o que faz com que, para ela, seja proibido construir uma articulação significativa que passe pelo Outro familiar. Essa jovem é nomeada pelo pai como “sua princesinha” por ser a única que não o condena por seu uso de bebidas. A jovem começa a namorar e passa a se interrogar sobre o sexo, e, por não poder falar com os pais, busca, por conta própria, formas de

“fazer coisas de mulher”, tal como usar o absorvente interno para dar conta do real que irrompe seu corpo a partir de sua menstruação. Conta que ao usá-lo sentiu muita dor, e, ao perguntar para as amigas o que teria ocorrido, torna-se alvo de piadas e brincadeiras quanto a ter perdido a virgindade para o absorvente. Numa determinada ocasião, a mãe, ao ler um bilhete enviado a ela pelas amigas, deixado em cima da mesa de seu quarto, passa a dizer que ela teria feito sexo com o namorado. Tal acusação provoca nela desespero, pois, sem poder duvidar de suas amigas, que já usavam absorvente, passa a ter medo de realmente ter perdido a virgindade usando o absorvente. Diante da fala dos pais, que disseram que ela seria uma vergonha para a família por ter feito sexo com o namorado, responde desenvolvendo uma compulsão alimentar, que assume para essa jovem a função de apaziguar o mal-estar de ser segregada pela família.³

³ Recorte extraído de um caso atendido em consultório.

3 COORDENADAS E APOSTAS CLÍNICAS

Se fizermos uma aproximação entre esses pontos elencados na teoria e a realidade cotidiana de nossa clínica, sem dúvida constataremos que a puberdade não é um marco tão simples assim. A adolescência se mostra como uma resposta que não deixa de ter impasses, e que apresenta, com base na cultura na qual ela se organiza, a dimensão do mais além que nos mostra que nem sempre a teoria é suficiente para responder à subjetividade de cada um. Se a adolescência é um sintoma frente a este real da puberdade, ela é um sintoma que pode vir a ser problemático, e que, para além de amarrações, pode desembocar em desestabilizações.

Dessa forma, mais do que escutar a adolescência como período do desenvolvimento do sujeito, a orientação psicanalítica se sustenta em poder escutar, e ler, o sintoma da adolescência naquilo em que ele comporta de resposta, de arranjo diante do novo que se apresenta a partir do despertar sexual, e para o qual o sujeito não está previamente preparado. Trata-se, em suma, de uma aposta nas invenções singulares que cada sujeito pode vir a construir enquanto homem/mulher adulto.

3.1 Adolescência, uma construção (im)possível, e seus contornos

A adolescência é uma construção, e, como Miller (2020) assinala, toda construção “é um artifício significante” (p. 38). Miller desmonta e critica o fato de pensar a adolescência apenas como uma construção. Pensá-la como um artifício significante remete à noção dada por Stevens (1998/2004) de que a adolescência seria um sintoma da puberdade, um sintoma que não tem apenas a vertente de um artifício significante. Assim, as adolescências, no plural, tendo em vista que cada sujeito toma essa construção de forma singular, que são, em si, uma resposta às transformações inerentes da puberdade, dizem respeito à maneira como cada um pode vir a fazer uso dos significantes disponíveis para construir sua posição no mundo, bem como suas respostas sintomáticas diante de tudo o que se implica aí.

Enquanto delicada transição, a mais delicada delas, como pontuado por Lacadée (2011), a puberdade é esse momento em que o sujeito, saindo de sua posição autoerótica, precisará se haver com um novo que surge, e que se apresenta nas formas de se estabelecer o laço social, bem como com o seu próprio corpo que sofre mudanças e passa a exigir novos arranjos (Recalcati, 2004). De acordo com Cunha e Lima (2012), a adolescência é um momento em que desatam-se os nós dos registros que sustentam os sujeitos na realidade enquanto criança, pois com a irrupção do real do sexo “a consistência imaginária do corpo é desfeita, e o simbólico mostra-se insuficiente para significar essa experiência” (p. 799), o que faz com que haja, para

tais sujeitos, um saber ausente — aquele que dirá como explicar o novo que surge, já que não se é mais uma criança, e, então, como seguir daí em diante.

Como já trabalhado nesta dissertação, na adolescência, há um gozo que emerge das transformações que se passam principalmente no corpo, impondo que o sujeito construa novos arranjos para as identificações que até então lhe sustentavam na realidade. De acordo com Recalcati (2004), existiria duas maneiras pelas quais o sujeito estabeleceria sua relação com o Outro e com a linguagem. Enquanto criança, haveria uma identificação com os significantes vindos do Outro, de tal modo que podemos recorrer ao próprio Lacan (1969/2003b), em *Nota sobre a criança*,⁴ quando propõe pensar a relação dos sintomas das crianças com o par parental.

Lacan (1969/2003b) localiza duas posições que a criança ocuparia com relação a família, logo, em relação à linguagem. Na primeira, “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (p. 369), de tal forma que seu sintoma representaria a verdade do casal familiar, o que seria “o caso mais complexo, mas também o mais acessível a nossas intervenções” (p. 369). A outra se centraria na posição ocupada pela criança na subjetividade materna, o que seria correlato a “uma fantasia que a criança é implicada” (p. 369). De acordo com Lacan, nesse texto, estando em cena o desejo da mãe, “quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o ‘objeto’ da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade deste objeto” (p. 369). Desse lugar, ficaria a cargo da criança realizar a presença do objeto *a* na fantasia, e “satura, substituindo-se a esse objeto, na modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica” (p. 370).

Recalcati (2004) recorta essa proposta de Lacan para dizer que a criança recolheria, desses lugares, significantes que lhe possibilitam construir uma identidade subjetiva. É do campo do Outro que advêm os significantes com os quais irá se identificar, para se fixar na realidade, e que vão lhe servir de representantes na construção dos semblantes recolhidos. Já no tempo da adolescência, haveria, segundo Recalcati (2004), uma retificação desse encontro com o Outro, sendo o momento de separação e de construção de novos ditos e modos de fazer que lhe serão próprios. O tempo da adolescência é, assim, o momento em que o sujeito passa a questionar os significantes familiares e a localizar que eles já não mais fornecem uma garantia de seu lugar no mundo.

⁴ Esse texto, de duas páginas, escrito em 1996, consiste em uma nota redigida por Lacan, de próprio punho, endereçada a Jenny Aubry, pediatra que se tornou psicanalista, com quem trabalhava na Escola Freudiana de Paris.

Essa hipótese apresentada por Recalcati (2004) se sustenta no ensino de Lacan (1964/2008a), mais precisamente em seu *Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, a respeito da alienação e da separação, como operações constituintes do sujeito do inconsciente, na medida em que são “as operações da classificação do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro” (p. 202), e também da premissa de que “se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p. 199). Cabe lembrar que esse seminário marca um novo tempo do ensino de Lacan, na medida em que, após sua excomunhão da IPA, ele passa a proferir seu seminário, a próprio risco, restituindo ao lugar de privilégio os conceitos fundamentais da psicanálise — Inconsciente, Repetição, Pulsão e Transferência —, bem como marca o afastamento gradativo da lógica estruturalista e a aproximação com a lógica matemática e a teoria dos conjuntos.

Logo, Lacan trabalha, nesse seminário, a repartição que fará em relação ao inconsciente, baseado em dois campos, a saber: o do sujeito (inconsciente) e o do Outro (linguagem). O que se justifica, pois “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo o que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (p. 200).

De acordo com Pisetta e Besset (2011), ao se servir da lógica no *Seminário 11*, Lacan (1964/2008a) busca marcar, com a operação de alienação, a impossibilidade do sujeito se constituir fora do campo do Outro, do campo do sentido, bem como o fato de que não se pode também pensar o sujeito inteiramente no campo do Outro, uma vez que isso implicaria uma identificação consistente e totalitária, que diria o que é o sujeito, num apagamento de seu ser.

De saída, Lacan (1964/2008a) aponta a ideia de que aquilo que constitui o sujeito se dá a partir de sua relação com a linguagem. Assim, num primeiro momento, seria preciso uma alienação fundamental para que a criança possa ser inserida no mundo simbólico. Ao nascer, a criança já está inserida em uma cadeia de significantes, representada por aquilo que é falado sobre ela, mesmo antes de nascer, as nomeações que, antes mesmo de sua existência, já representam seu lugar no desejo dos pais.

O que Lacan (1964/2008a) acentua ao mostrar a incidência do significante é justamente a ideia de que “um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (p. 203), e, dessa forma, tais nomeações representam os primeiros significantes mestres, com os quais a criança poderá contar para construir suas identificações no mundo e, só depois, ter a possibilidade de construir seus próprios ditos. O que nos permite localizar e justificar as duas

posições, que a criança pode ocupar em relação ao Outro familiar, apresentadas por Lacan (1969/2003b).

Em suma, o que Lacan (1964/2008a) nos apresenta é que não há sujeito sem o Outro, não há inconsciente sem a linguagem, e nos adverte:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito. (p. 203)

O que se extrai, aqui, é a cena proposta por ele: “*A bolsa ou a vida!*”. “Se escolho a bolsa, perco as duas, se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (Lacan, 1964/2008a, p. 207), e, portanto, uma vida na qual uma perda instaura uma falta radical. Isso evidencia que, embora a operação alienante sirva para possibilitar ao sujeito sua inscrição na linguagem e na cadeia significante que poderá representá-lo, essa operação não é sem consequências, tendo em vista que faz dele nada mais do que um significante representado a partir do Outro. Aqui, há a escolha pela dimensão do sentido — escolha alienante — sempre ofertado pelo Outro, portanto, uma petrificação pela identidade constituída pela alienação ao significante.

Entretanto, conforme apontam ainda Pisetta e Besset (2011), tal escolha implica em que algo se perde, pois toda escolha é sempre desfalcada e o que se encontra é sempre uma perda intrínseca pela qual o sujeito se estrutura. Conforme as autoras, se o sujeito se identifica com um significante que lhe confira sentido sobre sua existência, por outro lado, produz-se uma afânise, ou seja, um desaparecimento desse sentido na medida em que o sujeito é sempre mais do que isso. E é aí que o sujeito pode se constituir, nessa definição que é sempre parcial, não-toda.

É disso que se trata a operação de separação proposta por Lacan (1964/2008a), que visa a apontar o sujeito constituído nessa insuficiência alienante, que se manifesta em um segundo tempo, a partir de uma impossibilidade de a mãe dizer tudo sobre a criança. Assim, nesse momento em que o Outro se mostra desprovido de um saber inequívoco, ele se revela enquanto barrado, furado, e, por sua vez, evidencia-se a dimensão da perda, aquela que Lacan (1964/2008a) toma para formalizar sua noção de objeto *a*, e que ocupa, na lógica dos conjuntos, o que é faltante nos dois campos — o do sujeito e o do Outro —, a partir da constatação da impossibilidade de o significante representar tudo do sujeito.

Assim, conforme Lacan (1964/2008a), “Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável — *ele me diz isso*,

mas o que é que ele quer?” (p. 209). O trecho nos possibilita entender que não é mais a dimensão do saber que está em jogo, mas o desejo, o desejo do desejo do Outro.

Pisetta e Besset (2011) entendem que a esquematização de Lacan, com base nas operações, demonstra que o sujeito se encontra dividido entre o ser e o sentido, e é nessa divisão que ele advém — há um mal-entendido em sua constituição, uma vez que o sentido não pode dizer tudo de uma existência, e, tampouco, a existência pode ser encontrada totalmente pelo sentido. É, então, neste paradoxo da separação — que evidencia a divisão entre ser e sentido — que Lacan (1964/2008a) aponta a extração do objeto *a* como o que demarca a distinção entre os campos do sujeito e do Outro. O objeto *a*, é resto desse encontro, resto da divisão subjetiva. Essa extração aponta para uma perda, que constitui uma falta: do lado do Outro e do sujeito. O objeto *a* presentifica que tem alguma coisa que não é nem do Outro, nem da criança. Isso implica em considerar que, seja no campo do sujeito, seja no campo do Outro, há sempre um significante faltando, há sempre a inexistência de algo que possa servir de representante para a existência, há sempre algo por se construir. A tarefa da adolescência é, portanto, a construção de algo que venha a dar contornos à esta falta estrutural e fundante à qual está submetido.

Sendo assim, seria a partir deste enigma, que marca a separação — a insuficiência do saber do Outro — e revela a inconsistência do Outro, que o sujeito, separando-se dele, poderá vir a se servir da linguagem, utilizando-se dela e não sendo apenas utilizado por ela. É importante ainda destacar que, tal como Lacan (1964/2008a) deixa claro, as operações de alienação e de separação são circulares, o que significa dizer que o sujeito sai da alienação pela via da separação, e, na medida que o que encontra é a dimensão da falta, ele retorna à alienação na busca de um significante, para novamente separar-se ao se deparar com a insuficiência do que foi encontrado na primeira. Assim, não há alienação ou separação total no campo da neurose, é na psicose que o sujeito ficaria preso na alienação.

Dessa forma, servindo-se dessas operações, Stevens (1998/2004) elege a adolescência para mostrar que, nesse momento, a separação fica mais evidente. Na adolescência, evidencia-se a quebra das identificações estabelecidas na alienação. Há as transformações no corpo que rompem com a identificação imaginária, e a consistência que ele oferecia é abalada exigindo uma reconstrução, que implica em saber fazer uso desse corpo. Paralelamente a isso, há também a separação das figuras simbólicas dos pais, que passam a não ser mais os portadores do saber, e, para tanto, o adolescente precisará se lançar na busca de outras identificações, na medida em que vai se inserindo no laço social, o que evidencia o movimento circular das operações.

Tais formulações ajudam a sustentar e a corroborar a definição de Lacadée (2011) sobre a adolescência, ao pensá-la como a mais delicada das transições, uma vez que a entendemos

como o período no qual o sujeito precisará se haver com uma nova rede significativa, recolhidos do campo do Outro, que lhe é solidário nesse aspecto (Roy, 2019), e com os quais poderia construir uma posição sexuada e o tornar-se adulto, seja como homem ou mulher.

Na puberdade, é preciso que o sujeito responda de um outro lugar, não mais como uma criança, mas implicado de sua posição no mundo. É aí que ele passa a se ocupar das mais diversas tarefas exigidas pela ordem simbólica de sua época: a formação acadêmica, a responsabilidade da entrada no mercado de trabalho e sua posição diante do sexo e do outro sexo. Aqui, os significantes dos quais poderá vir a se servir funcionam como um ponto de organização subjetiva, e cada sujeito se apoiará neles de um modo próprio (Lacan, 1955-1956/1988), uma vez que, na adolescência, os significantes que estavam até então disponíveis se encontram esvaziados do caráter de significação quanto a esse novo momento.

Dessa forma, somos advertidos, na clínica, de que tal transição, aquela que implica na separação do campo do Outro e na assunção de sua própria posição singular no mundo, não é tarefa simples, por isso poderíamos nos interrogar sobre os embaraços vivenciados por tais sujeitos e as soluções possíveis. Dois fragmentos clínicos servirão de ponto de leitura dos embaraços e soluções encontradas por sujeitos adolescentes numa análise.

3.1.1 A Princesinha do papai

Esta jovem, nomeada aqui de “Princesinha” — significante atribuído pelo pai —, encontra seu ponto de embaraço na construção de sua posição adolescente, aos 17 anos, quando é tomada pelo enigma em relação ao Outro sexo. Formula, diante disso, a pergunta: como se separar do Outro familiar e dirigir-se rumo a uma vida adulta?

Durante a infância, era tratada como a “Princesinha” do pai. Filha única de sua mãe, uma gravidez que “escapou” no encontro sexual com seu pai quando ainda namoravam. Porém, é filha mais nova de seu pai, que anteriormente foi casado e teve um filho com deficiência. “Princesinha” teve uma criação privilegiada, pois seu pai, homem de boas condições financeiras, sempre desejou uma filha.

Sua mãe, mulher “forte, mas muito dependente do marido”, foi sua parceira, apoiava todas as suas escolhas, inclusive encobrendo suas saídas com amigos e ficantes. Uma infância e início da puberdade “feliz”, sem impasses, mas marcada por sua posição “dependente”, o que a impedia de fazer qualquer coisa sem o amparo paterno e materno, e não lhe causava qualquer enigma, pois encontrava, nesse lugar infantil, a proteção das exigências de uma posição adulta. Ela procrastinava sua adolescência para manter-se alienada aos significantes familiares e não precisar se responsabilizar por seu próprio gozo.

Aos 16 anos, passou a trabalhar na empresa dos pais e a guardar todo o dinheiro que recebia. Apegada ao dinheiro, essa jovem tenta se defender do “jeito de ser” do pai, “que gasta tudo o que tem”, e é “péssimo em administrar dinheiro”; e de sua mãe, mulher “boa para ganhar dinheiro, mas que dá tudo para o pai e sempre fica sem nada”.

Aos 17 anos, começa a pensar em fazer faculdade na área de humanas em outra cidade, algo que contraria seu pai. É nessa época também que o embaraço quanto a seu lugar na partilha sexual, ao tornar-se mulher, surge para ela, atordoando a consistência imaginária na qual ela se amparava até então.

Mesmo na adolescência, sempre teve o corpo magro, com os caracteres femininos pouco aparentes, o que a deixava sempre parecendo “uma menininha”. As transformações de seu corpo não operaram de forma a marcar nitidamente a diferença entre o corpo da criança e o corpo de uma mulher. O interesse dos rapazes por ela, e dela por eles, não era amparado nas transformações da imagem de seu corpo.

Porém, quando começa a sair com os amigos de escola e a transitar por espaços onde os jovens flertam, ela começa a ser localizada como causa de desejo de alguns rapazes. Diante disso, passa a se interessar pelos garotos, e decide entrar na academia para que seu corpo tome “forma de corpo de mulher”, chamando cada vez mais atenção dos rapazes. Convocar o olhar do Outro pela via do corpo que vai “tomando forma” é sua primeira invenção para dar consistência ao seu ser, bem como demarcar seu novo lugar no mundo.

Esse novo espaço — o espaço de uma jovem mulher — e seu interesse cada vez mais constante pelas saídas à noite, pela experimentação de bebidas e desejo pelos meninos, incide sobre seu pai deixando-o com ciúmes. “Ele me persegue, eu saio à noite e ele pega o carro e fica passando perto dos lugares onde estou para ver o que estou fazendo e se estou ficando com alguém. Ele não me dá espaço”.

Cabe ainda considerar que, na tentativa imaginária de se separar desse lugar do falo paterno, “Princesinha”, acobertada pela mãe, sai escondida do pai. Suas “escapadas” são sempre fracassadas, tendo em vista que a própria mãe revela ao marido o paradeiro da filha, fazendo com que ele encarne o lugar do “perseguidor”, deixando-a envergonhada diante dos pretendentes e amigos.

Outras vezes, a jovem sai acompanhada do pai para bares onde há “os pagodes”, e por ter um corpo “que atrai os homens”, provoca o olhar buscando, segundo ela, “fazer raiva no meu pai, para ele entender que é muito pior me levar com ele”, o que o deixa com ciúmes. Suas estratégias imaginárias que visam a separação, acabam por deixar mais evidente seu lugar de falo paterno, o que lhe causa angústia por se manter fixa na alienação. Se, por um lado, o olhar

dos homens é o que ela busca, o que acaba por encontrar é o olhar ciumento do pai que não consente em deixá-la crescer.

A jovem passa a questionar sua nomeação “Princesinha” e a se incomodar com esse lugar, pois passa a perceber que, para ocupar um lugar no desejo dos meninos, precisa deixar de lado o lugar do amor paterno. A questão que surge para ela pode ser formulada nos seguintes termos: Como deixar de ser princesinha do pai para construir um lugar de mulher? Ou dito de outra maneira, como separar-se dos significantes provindos do Outro paterno, e do modo de gozo, “dependente de homem”, transmitido pela mãe, para que ela possa encontrar seus próprios ditos?

Como primeiro arranjo, ela presta vestibular para uma Universidade Federal em outra cidade, e passa. Decide ir e morar sozinha, para tanto, precisa confrontar o reinado do pai, que recusa a decisão da filha. Ele, então, lança mão de diversas tentativas de barganha, oferecendo objetos para que ela permaneça no lugar infantil e dependente, mesmo lugar ocupado pela mãe. O pai promete lhe dar um carro, propõe a ida para outra capital onde tem casa e ele estaria constantemente presente, acrescentando, inclusive, o argumento de que o dinheiro que sobraria ficaria para que ela pudesse gastar em suas saídas noturnas.

Ela não cede aos apelos paternos, inaugurando um confronto, mas equaciona uma solução. Ela, que já não mais consente com a nomeação de “Princesinha”, diz: “Eu irei para outra cidade, e, se ele não me ajudar, eu mesma vou trabalhar e estudar. Muita gente faz isso. Eu guardei todo o dinheiro que recebia de salário, posso usar ele até me organizar”. Então, o analista aponta que, para sair do lugar da princesinha do pai, era preciso muito além de uma separação física. Realizar uma separação subjetiva fará parte do trabalho analítico.

No encontro com o analista, essa jovem moça constrói, de um lado, sua identificação ao lugar materno e, de outro, a satisfação encontrada em se manter no lugar de falo paterno. Constata que, sendo a “Princesinha”, seria difícil tornar-se adulta. Diante de suas estratégias imaginárias, em que o analista vai marcando o privilégio que ela parecia dar ao olhar do pai, a jovem começa a esvaziar suas atuações que capturavam esse olhar privilegiado, passando a buscar na palavra uma maneira de apontar para o pai a importância de mudar de cidade. Foi quando ela pôde dizer ao pai “Não é porque vou embora que deixarei de ser sua filha”, mas que era preciso ter a experiência de ir para então viver aquilo que ela desejava, e esse pai consente com sua decisão, mas sob uma condição: “De que eu pudesse vir para cá, ao menos de quinze em quinze dias. O que acho que é um bom acordo. É como você disse, ir voar não significa que em algum momento não possa voltar”.

3.1.2 Ser um homem diferente e a impossibilidade de abordar uma mulher

João, de 17 anos, chega à análise por causa de seu impasse quanto ao impossível de ser um homem. Conta de suas dificuldades com o laço social, a começar pelo laço com o Outro familiar, culminando no seu encontro com as mulheres. Na relação com os amigos e as meninas, era inibido, o que lhe fazia sentir “vergonha” e ficar “tímido”, por ser incapaz de “puxar assunto e começar uma conversa com alguém”. Com relação à família, era impaciente, intolerante e explosivo.

Da sua infância, traz histórias de um pai, um homem agressivo, que batia em sua mãe. Histórias de agressões que lhe foram apresentadas pela própria mãe depois de se separar de seu pai. Conta também ter presenciado cenas desse pai batendo em sua madrasta e violentando-a, cenas que lhe causavam nojo. “Lembro de ser criança, de estar deitado na cama com minha madrasta, pois estava doente, e ele chegar bêbado. Deitou na cama sem tomar banho, fedendo, e a obrigou a fazer sexo, sem nem ao menos perceber que eu estava lá. Tinha tanto medo de apanhar que ficava no canto, calado, ouvindo tudo. Não vi a cena, mas lembro dos sons, do barulho, e isso me dá nojo”. Essa cena infantil marca para esse jovem um verdadeiro terror quanto à posição de um homem em relação a uma mulher, fazendo com que os encontros amorosos sejam, para ele, sempre da ordem do impossível.

Diz ter muita raiva do pai e que até mesmo a voz dele o irrita. Tem diversas brigas com o pai buscando uma separação, sem perceber que tal posição é justamente aquela que sustenta sua alienação: “Hoje eu trabalho com ele. Ele mudou, sabe, não bebe mais, e se preocupa comigo. Eu sei que ele tenta ser meu amigo, mas eu não consigo. Tenho ódio dele. Só quero ser diferente dele, tanto que tudo o que vou fazer, eu penso que tenho que fazer diferente dele”.

Em sua necessidade, desesperada, de ser diferente do pai, mantém esse pai no lugar de referência, ao ponto de ser ele a medida de todas as suas condutas. Assim, se, de um lado, do pai extrai a constatação “Isso não é ser um homem”, do outro, esse jovem fica desamparado quanto às coordenadas que poderiam servir para construir um semblante para seu ser de homem.

Quanto à mãe, diz ter um afeto ambivalente. Tem raiva dela por tê-lo mandado morar com o pai, mas não consegue ficar longe da casa dela, primeiro porque sabe que precisa amar a mãe, e segundo, e “mais importante”, porque tem uma irmã mais nova, de quem acredita precisar cuidar e amparar: “Eu sou o único que pode cuidar dela, minha mãe não tem condições, não deu conta nem de cuidar de mim”.

Diz não conseguir sentir o amor de um filho para com a mãe e para com o pai. E, diante da falta de amor, o que resta a esse jovem são suas atuações endereçadas ao Outro familiar, que

marcam sua alienação significativa à posição paterna. Em suas explosões, fica extremamente agressivo — “quando eu vejo, estou bravo, gritando, querendo quebrar tudo”, ao que o analista marca, apontando a alienação ao lugar paterno: “Podemos dizer, tal como seu pai.”.

Nas parcerias amorosas, esse jovem diz “buscar nas meninas ideais” para suprir o que ele não tem com relação aos pais, e, portanto, assume uma postura de oferta desregulada. Oferece todo seu dinheiro e responde a todas as demandas na tentativa de suturar a falta que se instaura no campo do Outro, o que, para ele, seria a garantia do amor de uma mulher. Porém, o que encontra é a dimensão do vazio, marcado pelo desinteresse dessas mulheres, que surge quando o seu ter, aquilo que ele tem e que pode ser ofertado para suprir a falta delas, torna-se insustentável. Esse jovem fica “sem um centavo no bolso”, e não consegue mais sustentar seu lugar daquele que tem a oferecer.

Para esse jovem, marcado pelo “ser diferente do pai”, a solução imaginária encontrada é buscar a cada encontro fazer existir um homem Ideal, aquele que tem, e por isso pode cortejar e atender às demandas das mulheres, mas o que ele percebe é que, quanto ao desejo de uma mulher, não há nenhuma garantia. A cada eleita, uma frustração, a cada novo encontro, a constatação de que “ser um homem é impossível”, ao menos nessa vertente imaginária.

Diante da falta de interesse das mulheres, passa a se sentir culpado, o que desencadeia seus pensamentos ruminantes que localizam sua incompetência fálica, o que faz com que ele insista no contato com essas mulheres — que não o desejam —, tornando-se um “garoto chato”.

Paradoxalmente, se esse rapaz se lança desesperadamente ao encontro com o que ele supõe ser “A mulher”, e encontra ali a marca da inexistência da relação sexual, por outro lado, diante de seu impasse quanto ao tornar-se homem, o que inclui inventar um modo de abordar uma mulher, ele tende a se defender de qualquer possibilidade de encontro com uma mulher.

Algumas garotas às vezes demonstram interesse por ele, dessas ele não quer saber. Para cada “uma mulher” que surge, busca em seus pensamentos defeitos que justifiquem sua recusa para o encontro. Declara que esse comportamento se repete, e que parece só ter interesse por pessoas que o rejeitam, ao passo que “fica irritado” com as pessoas que demonstram por ele um bom afeto. Assim, vai se revelando que, para dar conta do que fazer na parceria amorosa, ele precisará primeiro separar-se do ideal Paterno, pelo qual fica capturado. Como o analista marca, “enquanto o que almejar for ‘ser diferente do pai’, ele nada poderá saber quanto ao que é ser um homem”, o que marca para João a abertura de um enigma que inaugura seu percurso de análise é: “Como fazer para ser um homem, quando tudo o que eu sei foi presenciando o jeito do meu pai?”.

3.2 Tornar-se homem ou mulher, coordenadas teóricas

A pergunta que permeia toda a construção da adolescência enquanto sintoma da puberdade, tal como apontam Stevens (1998/2004; 2013), Solano (1997), Marcos e Mendonça (2018) e Silva e Marcos (2020), seria, em suma, a de como se construir enquanto adulto, homem ou mulher — o que implica a diferença sexual —, tendo em vista que já não se é mais uma criança.

Lembremos que isso já está posto em Freud (1905/1996) desde seu interesse pela sexualidade infantil e pelas transformações inerentes à puberdade com suas implicações psíquicas. É importante lembrar que, nesse texto, Freud marca a puberdade como momento em que as mudanças podem levar a sexualidade rumo a uma configuração final, uma vez que ela passa de seu caráter autoerótico para, então, direcionar-se a uma escolha de objeto amoroso. Até esse momento, não haveria uma distinção do desenvolvimento sexual feminino e masculino, e, mesmo que algo da diferença já se delineasse, sofria a força do recalque e era tratado pelas teorias infantis. Nas palavras de Freud “essa conformidade suprime, na infância, a possibilidade de uma diferença sexual como a que se estabelece depois, na puberdade”. (p. 207)

Trata-se de pensá-la como uma travessia, uma transição (Lacadée, 2011), que, embora só surja na puberdade como um empuxo que leva o sujeito a se arranjar com o sexo, já se delineia desde a tenra infância.

3.2.1 A distinção anatômica e o Édipo: primeiras coordenadas freudianas

Em 1923, Freud escreve o texto *Organização genital infantil*, no qual retoma questões trabalhadas no texto de 1905, acerca dos três ensaios sobre a sexualidade. Se, naquele texto, Freud (1905/1996) dava importância à sexualidade infantil, se localizava que a questão sexual era algo com que o sujeito deveria se haver no período da puberdade, o que se evidencia no texto de 1923 é o fato de que tal questão aparece bem antes, baseada na constatação da diferença anatômica na criança, de tal forma que escreve: “no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse pelos genitais e a atividade genital ganham uma importância dominante, que fica pouco atrás daquela alcançada na maturidade” (p. 239), e a principal diferença seria que na organização genital infantil, “para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do falo [Phallus]” (p. 239).

Ainda nesse momento, Freud (1923/2018c), não consegue avançar para pensar a organização genital nas meninas de forma isolada, o que o faz tomar o menino como principal objeto de estudo. Quanto aos meninos, ele apresenta que:

O menininho percebe certamente a diferença entre homens e mulheres, mas, de início, não tem motivo para relacioná-la com uma distinção entre os seus genitais. Para ele, é natural supor um genital semelhante ao que ele próprio possui em todos os outros seres vivos, humanos ou animais. (p. 239)

Prossegue dizendo que, mesmo que haja esta universalização do falo, representada pela ideia de que todos possuem o mesmo órgão, o que lhe desperta profundo interesse, lançando-o à investigação dessa hipótese, é a criança chegar à descoberta de que o pênis não estaria para todos os seres semelhantes. Tal descoberta que marca, em si, a incidência da diferença anatômica, aparece, segundo Freud (1923/2018c), desde o momento em que o menino se depara com os genitais de uma irmã ou uma colega, o que faz com que ele localize “que se trata aí de algo diferente” (p. 240).

Entretanto, se a descoberta da diferença anatômica se daria a partir do olhar que se lança à menina, Freud (1923/2018c) nos diz, tal como formulado por ele mesmo em 1908 a respeito das teorias sexuais infantis, que isso não é aceito logo de imediato, e que o menino não generaliza tal constatação de forma tão simples, recorrendo, então, a algumas teorias que lhe permitam admitir que, se o pênis falta a algumas meninas, não é para todas.

Não se deve acreditar que a criança generalize sua observação — de que pessoas do sexo feminino não possuem pênis — tão rapidamente e de boa vontade; já lhe pesa a suposição de que a falta do pênis como consequência da castração seja um castigo. Ao contrário, a criança acha que teria perdido o genital apenas as pessoas indignas do sexo feminino, que provavelmente se tornaram culpadas como ela pelas mesmas moções proibidas. Porém, pessoas respeitáveis como a sua mãe conservariam o pênis por mais um tempo. Para a criança, ser mulher ainda não coincide com a falta de pênis. (Freud, 1923/2018c, p. 241)

Se, até aqui, Freud não parecia se debruçar sobre a questão da distinção anatômica pelo lado das meninas, no ano seguinte, em 1924, quando escreve *O declínio do complexo de Édipo*, texto em que ele interroga como se desfaz o complexo de Édipo, ele parece adentrar na questão.

Logo de partida, Freud (1924/2018b) localiza a dissolução do complexo de Édipo como proveniente de dolorosas decepções, e, para explicar, toma a questão tanto do lado dos meninos como das meninas, apresentando distinções importantes.

A menininha, que quer se considerar a amada predileta do pai, vai ter um dia de sofrer um severo castigo da parte dele e se ver lançada para fora do paraíso. O menino, que vê a mãe como sua propriedade, passa pela experiência de vê-la retirar seu amor e seus cuidados e dirigi-los a um recém-chegado. (Freud, 1924/2018b, p. 247)

E prossegue dizendo que, mesmo sem situações especiais que façam incidir uma decepção quanto ao primeiro objeto de amor, seria preciso “que a ausência da satisfação esperada e a continuada privação do filho desejado demovam o pequeno apaixonado de sua

inclinação sem esperança. Assim, por seu fracasso, como resultado de sua impossibilidade interna, o complexo de Édipo seria dissolvido” (p. 247).

A partir desse ponto, Freud (1924/2018b) se detém na relação da ameaça de castração com o complexo de Édipo, fazendo importantes distinções desses processos do lado do menino e do lado da menina, já deixando ali coordenadas dos desdobramentos futuros que culminarão, na vida adulta, nas posições femininas e masculinas.

Do lado dos meninos:

Quanto a criança (o menino) voltou seu interesse ao genital, é traída também pela reiterada manipulação deste, e então precisa passar pela experiência de que os adultos não estão de acordo com essa ação. Apresenta-se a ameaça — mais ou menos clara, mais ou menos brutal — de que lhe será tirada essa parte por ela tão valorizada. Geralmente é de mulheres que parte a ameaça de castração; elas procuram com frequência reforçar sua autoridade, referindo-se ao pai ou ao médico, que, para a sua garantia, irá consumir o castigo. (Freud, 1924/2018b, pp. 248–249)

Dessa forma, há a incidência da ameaça de castração, mesmo que aqui isso não tenha tanto impacto, já que ele não recua diante de seu interesse. Assim, o que verdadeiramente irá fazer efeito, ao potencializar essa primeira ameaça, é, segundo Freud (1924/2018b), a observação do genital feminino, que faz com que ele se convença da falta do pênis em alguém tão semelhante, é por isso que “a perda do próprio pênis se torna imaginável, e a ameaça de castração obtém seu efeito a posteriori” (p. 250).

Diante disso, Freud (1924/2018b) localiza, como consequência, o abandono do investimento de objetos que passam a ser substituídos pela identificação ao pai. “A autoridade parental, ou paterna introduzida no Eu forma aí o núcleo do Supereu, que toma emprestado do pai sua severidade, perpetua a sua proibição do incesto e assim assegura o Eu contra o retorno dos investimentos libidinais de objeto” (p. 251).

Interessa localizar que não se trata de pensar a ameaça de castração e o declínio do Édipo somente baseados na incidência do pai, apresentado pela mãe, a partir da tentativa de proibir o interesse do menino pelo genital, nem mesmo a incidência do pai como agente separador do menino com a mãe. Trata-se de um conjunto de situações que se ligam, até que de fato o menino se convença de que ele pode vir a perder seu pênis.

O primeiro momento de seu interesse pelo genital — primazia do falo —, seguido da ameaça da mãe, respaldada pela autoridade paterna e pela verificação da ausência do pênis na menina, faz com que o menino entenda que ele também poderia vir a perdê-lo. Esse conjunto de experiências é o que faz com que o menino recue, abandone o investimento no objeto materno e se enderece ao pai, Ideal do Eu, núcleo do supereu, de quem recolherá coordenadas

para um dia ser um homem. Isso tudo faz com que Freud (1924/2018b) conclua que, ao menos do lado dos meninos, “o complexo de Édipo sucumbe à ameaça de castração” (p. 252).

Quanto ao lado das meninas, Freud constata que o material se torna “incompreensivelmente — muito mais obscuro e lacunar” (p. 252), mesmo que, no sexo feminino, haja o desenvolvimento do complexo de Édipo, a organização fálica e o complexo de castração.

Suas observações seguem, segundo suas próprias palavras, a formulação de que “A anatomia é o destino” (Freud, 1924/2018b, p. 252), e acrescenta:

O clitóris da menina se comporta, de início, exatamente como um pênis, mas a criança percebe, através da comparação com um coleguinha menino, que ele “ficou muito pequeno” e sente esse fato como um prejuízo e como motivo de inferioridade. Ela ainda se consola durante algum tempo com a expectativa de que mais tarde, quando crescer, ela receberá um apêndice tão grande quanto o do menino. É nesse ponto, então, que se bifurca o complexo de masculinidade da mulher.

Assim, diferente do menino que, ao constatar a distinção anatômica, depois, temerá perdê-lo, a menina, não entendendo sua falta como algo de natureza sexual, tenderá a teorizar que já o teve e que o perdeu pela castração, de modo que:

Ela parece não estender essa conclusão sobre si mesma a outras mulheres adultas, mas atribui a elas, exatamente no sentido da fase fálica, um genital grande e completo, portanto, masculino. Assim se produz a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação. (p. 253)

Freud (1924/2018b) não vai além dessa distinção nesse texto, chegando no máximo a concluir que, no caso das meninas, a renúncia ao pênis, do qual ela foi privada, não é tolerada sem uma compensação, fazendo com que ela desloque do pênis para um bebê. Para o autor, o complexo de Édipo nas meninas culminaria no desejo de receber de presente do pai um filho, e de lhe dar um filho. Dessa forma, “Ambos os desejos, de possuir um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (p. 253).

É interessante constatar que, caso nos detivéssemos somente nessas formulações de Freud para apreender a relação da menina com o complexo de Édipo, o que teríamos, e que foi durante muito tempo difundido assim, é que para solucionar sua falta, à mulher restaria o lugar de mãe. Tal redução à solução feminina deixa claro o quanto esse campo era, para Freud, um ambiente obscuro.

Ainda seguindo os trilhos das formulações freudianas, se, no texto de 1924, ele faz uma primeira aproximação quanto à questão da menina, ele avança um pouco mais no ano seguinte, em 1925, ao escrever *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*,

para dizer da falta de clareza quanto a qual seria a distinção das formações psíquicas da vida sexual das crianças do sexo feminino.

Freud (1925/2018a) retoma a constatação da diferença anatômica e acrescenta que, do lado da menina, tal constatação, que faz com que ela estabeleça uma relação de inferioridade quanto ao menino, deixa a menina vítima da inveja do pênis. Esse será o ponto-chave tomado pelo autor para distinguir o lado da menina e do menino quanto ao Édipo.

Segundo Freud (1925/2018a), quanto à menina, a constatação da castração, que no menino surge como ameaça, faz com que ela saiba que não tem o pênis, porém faz com que ela queira tê-lo. Nesse ponto,

bifurca-se o assim chamado complexo de masculinidade da mulher, o qual, eventualmente, trará grandes dificuldades ao desenvolvimento predeterminado da feminilidade, caso a mulher não consiga logo superá-lo. A esperança de algum dia ter o pênis e assim igualar-se ao homem pode conservar-se até épocas incrivelmente tardias e tornar-se motivo de atos estranhos, incompreensíveis de outro modo. Ou a mulher ingressa no processo que eu gostaria de chamar de recusa, que não parece ser nem raro nem muito perigoso na vida anímica da criança, mas que, no adulto, poderia iniciar uma psicose. A menina se recusa a aceitar o fato de sua castração, reforça a convicção de que, sim, possui o pênis, e é obrigada a conduzir-se na sequência como se fosse um homem. (p. 265)

Assim, Freud (1925/2018a) enumera múltiplas consequências da inveja do pênis. O complexo de inferioridade, que implica em considerar a falta do pênis como uma punição pessoal, os ciúmes e a agressividade, e uma terceira consequência, que responde à questão do abandono da mãe como objeto de amor primordial. Ele afirma que

o afrouxamento da relação terna à mãe como objeto. Não se entende muito bem a concatenação, mas se fica convencido de que, no final, quase sempre a mãe é responsável pela inveja do pênis, por ter trazido ao mundo a criança tão insuficientemente dotada. Comumente, o curso histórico assim se desenrola: logo após a descoberta da desvantagem no genital, aflora o ciúme de outra criança, a quem supostamente a mãe ama mais, com o qual a criança ganhou uma motivação para se soltar da ligação com a mãe. (pp. 266–267)

Freud (1925/2018a) ainda aponta outra consequência, à qual ele centra maior importância. Trata-se da relação da menina com a masturbação, ato que o autor localiza como masculino. Ele localiza que a natureza da mulher não estaria afastada da masturbação e que “a masturbação do clitóris seria uma atividade masculina e que o deslocamento da feminilidade teria como condição a eliminação da sexualidade clitoriana” (p. 267), porém acrescenta que:

na menina, logo depois dos indícios da inveja do pênis, entra em cena uma intensa contracorrente oposta ao onanismo, que não pode unicamente ser remetida à influência da pessoa que cuida da criança. Essa moção é claramente um precursor da onda recalçante que na época da puberdade quer eliminar grande parte da sexualidade masculina, para deixar espaço para o desenvolvimento da feminilidade. (pp. 267–268)

Assim, Freud (1925/2018a) localiza que a inveja do pênis seria a advertência de que a menina não pode competir com o menino, e seria necessário abandonar quaisquer competições com ele, o que faz com que ela, a partir da constatação da diferença anatômica, afaste-se da masculinidade, por vias que levam ao desdobramento da feminilidade, e explica, sem fazer avanços em relação ao ano anterior, que: “Ela abandona o desejo do pênis para colocar em seu lugar o desejo de uma criança, e com essa intenção, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna objeto de ciúme, e a menina se transforma em uma pequena mulher” (p. 268).

Assim, o autor conclui seu texto com a seguinte distinção a respeito do complexo de Édipo e de castração entre os dois sexos:

Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. Essa contradição contém seu próprio esclarecimento, se considerarmos que o complexo de castração sempre opera no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso. A diferença nessa parte do desenvolvimento sexual no homem e na mulher é uma consequência compreensível da diferenciação anatômica entre os genitais e da situação psíquica a ela ligada; ela corresponde à distinção entre castração consumada e mera ameaça de castração. (Freud, 1925/2018a, p. 269)

Em resumo, poderíamos extrair de todo o trabalho de Freud a respeito da distinção anatômica e do romance edípiano, e sua relação com a questão sexual, a seguinte apreensão: é a partir do complexo de Édipo proposto por Freud (1924/2018b) que a questão da diferença sexual começa a se constituir de forma mais consistente. O que acontece nesse momento é que ambos, meninas e meninos, deparam-se com a ausência/presença do falo. O menino, temendo perder o que tem, afasta-se de seu primeiro objeto de amor — a mãe — e busca no pai as coordenadas de como é ser um homem — aqui, a partir dessa relação que se estabelece como tentativa do menino de defender-se da castração, o pai se configura como um Ideal do Eu, ser como o pai, para então ter uma mulher.

Já na menina, o que se passa é um pouco diferente. A menina não teria medo da ameaça de castração; ela já se constata desde cedo como desprovida do pênis. Assim, é tomada pela raiva da mãe, a quem culpa por tê-la deixado desprovida, e vai buscar no pai, estabelecendo com ele uma identificação, pois é ele quem tem o pênis. Enquanto no menino trata-se de identificar-se ao pai, e constituí-lo como Ideal, sob o medo de perder, na menina, haveria um reconhecimento da falta e o aparecimento do desejo de ter o falo. Em suma, o que poderíamos recortar ao final do complexo de Édipo, tanto no menino quanto na menina, é a abertura para ambos, do campo do desejo, da possibilidade de fazer escolhas de objetos, de algum modo, mas não totalmente, desvinculados do romance familiar.

3.2.2 *O Édipo em Lacan: momento de abertura para o tornar-se*

Nas trilhas destas formulações sobre o Édipo, podemos considerar que há uma concordância de Lacan (1957-1958/1999) quanto ao fato de que é na dissolução do complexo de Édipo que o sujeito irá encontrar os recursos simbólicos para se haver com a transição do lugar de criança, rumo ao tornar-se adulto. É a partir do que fica de resto no Édipo — a própria dimensão do desejo — que o sujeito pode vir a se orientar. Na leitura que Lacan faz desse romance, ele nos apresenta alguns giros importantes.

Lacan (1957-1958/1999) indica, por exemplo, que a função do Édipo é normatizadora, não apenas no campo moral ou na relação do sujeito com a realidade, na medida em que aí se pode construir, por meio da significação fálica, um juízo sobre o sentimento de vida, mas também sobre a assunção do sexo.

De acordo com Lacan,

há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. Encontramo-nos, aí, no nível em que o Édipo está diretamente ligado à função do Ideal do eu — ele não tem outro sentido. (p. 171)

Dessa forma, para destrinchar a relação do Édipo freudiano com a assunção do próprio sexo, Lacan (1957-1958/1999) o divide didaticamente em três tempos distintos que se articulam. O primeiro tempo seria aquele marcado pela posição da criança enquanto aquela que busca satisfazer o desejo materno; nesse contexto, ela estaria, portanto, identificada ao falo imaginário da mãe. Não havendo nesse ponto, para ela, uma separação, o pequeno ser vivente estaria inteiramente no campo da alienação.

O segundo tempo seria aquele no qual o pai aparece como privador da mãe. Há, aqui, uma virada quanto à leitura freudiana, na qual o pai apareceria exclusivamente como castrador da criança. O pai, nesse tempo, aponta que há uma lei que não é apenas a da mãe — lei de um desejo insaciável —, de quem possui seu objeto de desejo. Trata-se então de pensar o pai como aquele que proíbe e incide no discurso materno anunciando duas proibições: a do filho quanto à mãe e a da mãe quanto ao filho, seu objeto. Isso acontecendo, a criança sai do seu lugar de falo imaginário da mãe, e abre-se o campo para que a falta possa intervir.

Já no terceiro tempo, o pai intervém como aquele que, por privar a mãe, é o verdadeiro detentor do falo, portanto, o único que pode satisfazer o desejo da mãe. Dessa forma, a mãe poderia ter acesso ao falo via parceria com o homem. Nesse momento, o pai aparece em seu

próprio discurso, portando aquilo que a mãe tanto deseja e que, anteriormente, satisfazia-lhe na relação com a criança.

Lacan (1957-1958/1999) ainda nos mostra que, com a incidência do pai, que é reconhecido pela mãe como o verdadeiro detentor do falo, a lei paterna incide sobre a criança mostrando que, no declínio do complexo, há um “título de posse no bolso” (p. 212) que pode ser passado a ela. Assim, instaura-se o pai como aquele portador dos segredos do desejo. Desse modo, o que se evidencia na metáfora paterna é que ela “leva à instituição de alguma coisa que é da ordem do significante, que fica guardada de reserva, e cuja significação se desenvolverá mais tarde” (p. 201), ou seja, as coordenadas quanto à questão sexual.

Marcos e Silva (2020), retomando essa leitura de Lacan nos mostram que,

após o declínio do Édipo, há o período de latência, no qual ocorre o adormecimento das funções sexuais, mas fica ao menino resguardada a sua potência, que poderá ser despertada na puberdade. O processo edípico, dessa forma, interdita uma parte do gozo ao mesmo tempo em que permite outra por meio da significação fálica. É permitido o gozo fálico cifrado pela castração, e é na puberdade que o sujeito poderá servir-se deste gozo, posicionando-se no campo da sexuação. Portanto, o que Lacan nomeia como título de posse é uma autorização que dá ao adolescente o direito de servir-se da significação fálica quando for convocado para isso. (p. 3)

Assim, se teríamos ao final do Édipo, no menino, uma identificação ao pai como Ideal do Eu, a menina, conforme nos diz Lacan (1957-1958/1999),

não tem que fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à posse da virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está. Sabe onde deve ir buscá-lo, que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica porque uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre um toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres, tem sempre algo de extraviado. (p. 202)

Localiza-se aqui o fato de que as meninas não se defendem da ameaça de castração, tal como o próprio Freud (1924/2018b) sinalizou, mas elas precisam se haver com o fato de serem privadas. Se os meninos encontram no pai uma possibilidade de ter, as meninas precisam buscar nos que têm esse acesso, o que dá a elas um trabalho a mais, pois não há para elas, ao menos a princípio, uma referência predefinida. Poderíamos dizer que enquanto o menino, para tornar-se um homem adulto, precisaria apenas seguir os trilhos de seu Ideal, para as meninas, o trabalho seria mais complexo, pois, como o próprio Lacan (1957-1958/1999) diz, o que lhes é possível é assumir “um certo tipo de feminino” (p. 171), o que não deixa de demarcar que quanto a esse “certo tipo” há sempre um embaraço, que será mais bem trabalhado por Lacan (1972-1973/2008c), no *Seminário, livro 20, mais, ainda*.

Outro ponto interessante de ser localizado na citação de Lacan (1957-1958/1999) é a dimensão de álibi correspondente à feminilidade. Lembremos que enquanto o menino precisa

recorrer ao título de virilidade, a menina não lança mão desse recurso, pois ela sabe exatamente onde o falo está, e, sabendo disso, é nessa direção que ela vai caminhar. Quanto à definição de “álibi”, segundo o dicionário Aurélio (2010), diz de um meio de defesa em que o réu prova sua presença num lugar diferente de onde um delito foi cometido.

E qual seria o delito que faria a mulher ser acusada a ponto de precisar de um álibi? Aquele que diz justamente de sua possibilidade de transitar entre a ausência/presença do falo, o que faz dela não-toda inscrita na função fálica e livre para jogar com ele. Formulação essa que, embora já esteja posta aqui, só será formalizada na década de 1970, momento em que poderíamos representar como “Além Édipo”.

3.2.3 Tornar-se homem ou mulher: do semblante à sexualização

É interessante constatar — com base nos trabalhos de Freud (1923/2018c; 1924/2018b e 1925/2018a), a respeito do Édipo como uma coordenada possível para o tornar-se homem ou mulher, bem como no ensino de Lacan (1957-1958/1999), a respeito da mesma questão — que se do lado do menino, de certo modo, bastaria que ele pudesse identificar-se ao pai como forma de adquirir um título que lhe serviria no futuro como suporte para a posição de homem, do lado da menina, as saídas seriam mais complicadas. Como o próprio Lacan (1957-1958/1999) formulou, o que haveria seria um certo tipo de feminino, demarcando a inexatidão desse lugar.

Podemos formular que o impasse encontrado pelos autores para dizer da posição feminina e do tornar-se mulher está relacionado à leitura que até então predominava, de pensar a diferença sexual primeiro pela via da anatomia, “a anatomia é o destino” (Freud, 1924/2018b, p. 252), e depois pela lógica da identificação ao falo (Lacan, 1957-1958/1999). Ambas as leituras sempre se mostraram insuficientes para contornar o ser de mulher.

Dessa forma, é na década de 1970 que Lacan vai avançar na questão da sexualidade e da partilha sexual. Para tanto, Lacan ministra, em 1971, o seminário *De um discurso que não fosse semblante*, no qual toma a questão sexual com base na noção de semblante e apresenta, pela primeira vez, a formulação enigmática de que “A” mulher não existe, e sua relação com o não-todo.

3.2.3.1 O semblante

De acordo com Silva (2019), a articulação que Lacan faz da diferença sexual baseada nos semblantes consiste em sua proposta de pensar a ordem simbólica, aquela ligada ao sentido, agora como uma ficção. A partir de então, aquilo que antes era o sentido, o simbólico, passa a

ser pensado como ficção, invenção particular, que não exclui a dimensão do Outro, como forma de fixar o sujeito na realidade. E pensando em termos da partilha sexual, o que se evidencia a partir daqui é que os caracteres sexuais são definitivamente insuficientes para dizer o que seria um homem ou uma mulher — o que já se constatava nas tentativas anteriores tanto do Freud, quanto do próprio Lacan —, restando ao ser falante servir-se do discurso.

Quanto ao semblante, o dicionário o define como aparência, ou expressão da fisionomia, a cara, a face e o rosto. Trata-se, então, de um aspecto ou da aparência de alguma coisa (Michaelis, 2022), em suma, podemos extrair que o semblante diz de algo que parece alguma coisa, o que não implica a dimensão da verdade inequívoca. Portanto, há aí o simbólico e o imaginário articulados ao real do sexo. Silva (2019) nos lembra que o mesmo termo, na psicanálise lacaniana, estaria perto da noção de verdade e comportaria, ao mesmo tempo, a face da verdade e da mentira — um parecer ser, sem poder afirmar por completo que de fato é.

Assim, Lacan (1971-1972/2009) afirma que o semblante seria um sinal de algo, mesmo que não se saiba ao certo de que — e se refere às imagens de um meteoro, um arco-íris e um trovão como semblantes —, trata-se de um sinal que expressa algo para alguém. Aqui, cabe ainda localizar que, ao introduzir o trovão na série de exemplos, ele retira a relação direta, poderia se pensar, do semblante com o imaginário. Embora haja uma relação, ela é não-toda.

Brousse (2012) corrobora a noção de semblante dizendo que, uma vez localizado no nível da aparência, torna-se essencial para tratar da clínica da sexualidade humana. De acordo com a autora, “Vivemos em um mundo de semblantes porque vivemos em um mundo de linguagem, e, por conseguinte, a sexualidade humana é assunto de semblante, e a questão do desejo passa pela do semblante” (p. 9). É interessante extrair dessa passagem de Brousse, a relação que ela estabelece entre os semblantes, a linguagem e o desejo, o que sustenta a proposta de Lacan (1971-1972/2009) de que, nela, estaria em jogo a dimensão da ficção como uma face da verdade.

Brousse (2012) ainda sustenta que, dessa maneira, o semblante estaria para o real, tal como a máscara estaria para o feminino, uma vez que a máscara é o que pode vir a recobrir a dimensão do feminino — a inexistência de A mulher. Tal como encontramos nas passagens sobre o Édipo, de que haveria na menina a possibilidade de seguir identificada ao tipo masculino e viril como possibilidade de tamponar a ausência do falo, ou mesmo de substituir a inveja do pênis pelo desejo de ter um filho, o semblante seria aquilo que recobriria o vazio de significação, portanto o real como aquilo que aponta a insuficiência do simbólico. O semblante seria, em si, uma maneira, servindo-se do discurso e dos significantes, de apreender, ou de no mínimo contornar a dimensão do real.

Voltando à questão da sexualidade, Lacan (1971-1972/2009) ainda traz outro ponto importante de ser colocado. Ao dizer que o inconsciente freudiano não tem nada de biológico, e ao deixar evidente que o órgão sexual não pode dizer tudo sobre a partilha sexual, caberia, no que tange ao tema, utilizar mais o termo relação sexual do que sexualidade. Conforme esclarece, a sexualidade tem seu respaldo na biologia.

A identidade de gênero não é outra coisa senão o que acabo de expressar com estes termos “homem” e “mulher”. É claro que a questão do que surge precocemente só se coloca a partir de que, na idade adulta, é próprio do destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres. Para compreender a ênfase depositada nessas coisas, nesse caso, é preciso nos darmos conta de que o que define o homem é sua relação com a mulher, e vice-versa. Nada nos permite abstrair essas definições do homem e da mulher da experiência falante completa, inclusive nas instituições em que elas se expressam, a saber, no casamento. (Lacan, 1971-1972/2009, pp. 30–31)

E ainda continua, no parágrafo seguinte, trazendo que, quanto à partilha sexual, o que se pode encontrar é somente a dimensão do “parecer”:

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante. (p. 31)

Silva (2019) nos esclarece que dar esse sinal à menina de que se é homem significa fazer uso do título viril deixado pelo pai ao fim do complexo de Édipo. Assim, posicionar-se como homem ou mulher exige que se pareça como tal — homem ou mulher — o que só pode se dar em referência à linguagem em forma de semblante. E o que da linguagem funciona aí como forma de semblante?

Lacan (1971-1972/2009) retoma ainda o Édipo freudiano para dizer que o que estaria em jogo ali é a ideia de que o gozo sexual, aquele que diria da relação do homem com a mulher, é impossível, de tal forma que aponta a função do objeto *a*: “por um certo número de contingências orgânicas favoráveis, ele vem preencher, como seio, excremento, olhar ou voz, o lugar definido como o do mais-de-gozar” (p. 32). Lacan localiza o objeto *a* como essencial para o sujeito, justamente em seu caráter de mais-de-gozar.

Lacan (1971-1972/2009) ainda prossegue:

o mais-de-gozar só se normaliza por uma relação que se estabelece com o gozo sexual, exceto que esse gozo só se formula, só se articula a partir do falo como seu significante. Alguém escreveu, um dia, que o falo seria o significante que designaria a falta de significante. Isso é um absurdo, nunca articulei tal coisa. O falo é, muito propriamente, o gozo sexual como coordenador, como um semblante, como solidário a um semblante. (pp. 32–33)

Silva (2019) nos lembra que, antes desse momento do ensino de Lacan, o falo era o que coordenava a sexuação, ele era central no romance edipiano, na medida em que, a partir da presença ou da ausência imaginária do falo materno, a castração e o Édipo se ordenavam regulando o gozo, instaurando um gozo permitido e um gozo proibido, aquele concernente ao incesto e à relação sexual com o objeto primordial.

Quanto à relação do falo como esse regulador da partilha, Lacan (1971-1972/2009) acrescenta:

A verdade com a qual não há um desses jovens seres falantes que não tenha de se confrontar é que existe quem não tenha o falo. É uma dupla intrusão na falta, porque existe quem não o tenha e, ainda por cima, essa verdade faltava até então. A identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem ou mulher, mas em se levar em conta que existem mulheres, para o menino, e existem homens, para a menina. E o importante nem é tanto o que eles experimentam, o que é uma situação real, permitam-me dizer. É que, para os homens, a menina é o falo, e é isso que os castra. Para as mulheres, o menino é a mesma coisa, o falo, e ele é também o que as castra, porque elas só adquirem um pênis, e isso é falho. No começo, nem o menino nem a menina correm riscos, a não ser pelos dramas que desencadeiam; por um momento, eles são o falo. É esse o real, o real do gozo sexual enquanto destacado como tal: é o falo. Em outras palavras, o Nome-do-Pai. (p. 33)

Dessa forma, para Silva (2019), seria o falo como um semblante que definiria a posição do sujeito em relação ao desejo e à castração. A autora afirma que:

No lado homem, todos estão submetidos à castração, já no lado mulher, não há essa universalidade. Assim, esses dois modos diferentes de lidar com a castração importam diferentes modos de gozo: o gozo fálico e o gozo feminino. Talvez seja preciso dizer que ser biologicamente homem ou mulher não significa nenhuma relação predeterminada ao gozo sexual. (p. 66)

Quanto à relação entre homem e mulher, Lacan (1971-1972/2009) ainda indica que, na partilha sexual, a mulher estaria no lugar de hora da verdade para um homem, o que implica aí a castração que ela lhe impõe. Para o autor, é a mulher que percebe que há uma equivalência entre o gozo e o semblante, justamente porque ela joga livremente entre a ausência e a presença do falo. Dessa forma, podemos considerar que é a partir da relação que um homem pode estabelecer com uma mulher que ele saberá se o falo está apto a lhes significar como homem, e aqui pode-se encontrar todo o problema para alguns jovens adolescentes que buscam, na parceria com uma mulher, verificar sua posição de homem — tal como trabalhamos no fragmento “Ser um homem diferente”.

Lacan (1971-1972/2009) faz a seguinte afirmação:

Se falei em hora da verdade, é por ser a ela que toda formação do homem é feita para responder, mantendo contra tudo e contra todos o status do seu semblante. É certamente mais fácil para o homem enfrentar qualquer inimigo no plano da rivalidade do que enfrentar a mulher como suporte dessa verdade, suporte do que existe de semblante na

relação do homem com a mulher. Na verdade, que o semblante seja aqui o gozo para o homem é uma indicação suficiente de que o gozo é semblante. É por estar na interseção desses dois gozos que o homem sofre ao máximo o mal-estar da relação que designamos como sexual. (pp. 33–34)

No que tange à mulher, Lacan (1971-1972/2009) diz que o fato de ser ela a saber o que seria disjuntivo no gozo e no semblante, e que ambos só se equivalem numa dimensão de discurso, o que faz dela ser a verdade do homem, faz com que ele — o homem — se lance no “cherchez la femme [busquem a mulher, ou procurem a mulher] . . . ou seja, que, para ter a verdade de um homem, seria bom saber quem é sua mulher” (p. 34), busca essa que nunca chega ao seu objetivo, pois ela “tem uma enorme liberdade com o semblante” (p. 34).

É isso, conforme localiza Silva (2019), que faz com que Lacan afirme que é impensável dizer *A mulher*, pois não se pode dizer todas as mulheres, enquanto um conjunto. Entretanto, dizer que ela — A mulher — não exista não significa que o lugar dela não existe, mas esse lugar permanece essencialmente vazio, o que não impede que algo possa ser encontrado ali. O semblante entra aqui com a função de velar o nada, e não é à toa que sempre se tentou cobrir a mulher com o véu. O véu é o primeiro semblante, e “é possível dizer que as mulheres são cobertas porque A mulher não pode ser descoberta” (Miller, 2012, p. 65), sendo preciso inventá-las.

3.2.3.2 A sexuação

Como vimos, na década de 1970, Lacan passou a tratar a questão da diferença e da partilha sexual pela via do discurso e do semblante, o que representou o desprendimento do tornar-se homem ou mulher estritamente da questão anatômica e do complexo de Édipo. Vale lembrar que, como já trabalhado, a lógica do ser homem ou mulher, tal como ancorada no romance edipiano, tem seu fundamento na ameaça de castração, como bem fica claro nos trabalhos de Freud (1924/2018b; 1925/2018a), e evidente nas palavras de Lacan (1957-1958/1999):

Aquilo de que se trata no complexo de castração nunca é articulado e se faz quase completamente misterioso. Sabemos, no entanto, que é dele que dependem estes dois fatos: que, de um lado, o menino se transforme em homem, e do outro, a menina se transforme em mulher. Em ambos os casos, a questão do ter ou não ter é regida — mesmo naquele que, no fim, tem o direito de tê-lo, o varão — por intermédio da castração. Isso supõe que, para tê-lo, é preciso que haja um momento em que não se tem. Não chamaríamos o que está em jogo de complexo de castração se, de certa maneira, isso não pudesse estar em primeiro plano que, para tê-lo, primeiro é preciso que tenha sido instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo. (pp.192–193)

Até esse momento, o que encontrávamos era uma ideia de que a menina estaria submetida à falta fálica, e, por isso, seria preciso identificar-se àquele que tem, na tentativa de ter/ser o falo do Outro, e o menino, por ser submetido à ameaça de castração, teria o pai no lugar do Ideal do Eu, identificando-se aí para, quem sabe, vir a ser um homem tal como ele. Entretanto, nessa citação de Lacan, encontramos o fato de que isso que se passa no complexo de castração nunca é totalmente articulado, fazendo-se quase sempre misterioso, o que já nos aponta rumo ao fato de que, quando se trata de ser homem ou mulher, nem mesmo o Édipo pode dizer tudo; nesse aspecto há um mistério. Podemos dizer que, sobre o ser homem ou mulher, ninguém sabe muita coisa, principalmente, e justamente porque os semblantes que contornam e sustentam essas posições estariam sempre fadados a fracassar em algum momento.

Afastando-se do Édipo, Lacan dá seu primeiro passo para pensar as posições de homem e de mulher enquanto semblantes, enquanto posições articuladas ao discurso, já nos mostrando que, quando se trata da linguagem e do semblante, não haveria uma equivalência entre esses dois termos (Lacan, 1971-1972/2009). E por não haver equivalência, por um não complementar o outro, ele formula a expressão não há relação sexual, a começar pelo *O Seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante* (Lacan, 1971-1972/2009), passando pelo *Seminário, livro 19, ... ou pior* (Lacan, 1971-1972/2012), até chegar no *Seminário, livro 20, mais, ainda* (Lacan, 1972-1973/2008c). Ainda em 1972, no período entre *O Seminário, livro 19* e *O Seminário, livro 20*, ele ainda escreve o texto *O aturdido*, no qual, pela primeira vez, ao tratar da relação do dizer com a não relação sexual, advertindo, inclusive, que o discurso do analista deve visar apontar a impossibilidade dessa, propõe o termo sexuação.

Conforme Bessa (2012), ao propor o termo sexuação, Lacan busca formalizar a impossibilidade da relação entre os sexos partindo de quatro fórmulas proposicionais, pelas quais ele localiza a partilha sexual baseado em dois modos de gozo: o gozo fálico e o gozo não-todo fálico. Dessa forma, é válido considerar que a proposta de Lacan com a sexuação é apontar que ela — a sexuação — nomeia um real não dado preliminarmente pela anatomia, nem mesmo pela linguagem. O atributo natural e o atributo simbólico da pertinência a um sexo através das identificações e dos semblantes nada podem dizer sobre como o sujeito consente em se colocar na posição masculina ou feminina (Francesconi, 2014).

Isso significa dizer que a sexuação não é uma invenção de Lacan para apontar o que seria um homem ou uma mulher, mas para situar como cada ser falante, por meio de suas identificações e semblantes, posicionam-se quanto ao sexo e jogam na partida sexual. A sexuação, nesse sentido, diz mais como operam os sujeitos, no que diz respeito aos modos de lidar com a inexistência da relação sexual, do que como cada um faz para situar-se enquanto

homem ou mulher — esse ponto, tal como já tratamos, é sempre da ordem de um enigma para o qual não há uma resposta predeterminada.

Quanto aos modos de gozo, os quais Lacan formula como orientação para pensar a sexuação, Soler (2005) os tem como uma nova aposta do autor:

Essas fórmulas, ditas da sexuação, atestam e explicam o que constatamos todos os dias, ou seja, que a regência das normas do Outro detém-se, por assim dizer, ao pé da cama. Em se tratando de corpos sexuados, a ordem instaurada pelo discurso revela-se incapaz de corrigir a desnaturação do falasser, não tendo outra coisa a oferecer senão o semblante fálico. Essas fórmulas escrevem a distribuição dos sujeitos entre duas maneiras de se inscrever na função fálica, que nada mais é que a função do gozo na medida em que, por obra da linguagem, ela fica no âmbito de uma castração. (p. 138)

Vale lembrar que embora tais fórmulas tenham sido introduzidas em 1971, é no *Seminário 20, mais, ainda*, escrito em 1972-1973, que podemos extrair suas maiores consequências, tanto enquanto fundamentação teórica quanto coordenadas clínicas. Contudo, é importante localizar que, embora elas tragam grandes avanços para pensar a questão sexual, é ainda em torno da lógica fálica que as coisas se desenrolam, ao menos para localizar o lado dos homens, pois como Lacan (1960/1998b) mesmo coloca “não há virilidade que a castração não consagre” (p. 742). E o que se extrai daí é que não há como fugir do falo, porém, a novidade, e é aí que está toda a originalidade do trabalho de Lacan, está na posição feminina, pois é baseado nela que ele localiza que, mesmo havendo o gozo fálico, existe ainda um gozo que vai além dele, pois não há um todo que se reduza à lógica fálica.

De acordo com Silva (2019), essa nova via introduzida por Lacan (1972-1973/2008c), a respeito de um gozo distinto experimentado na posição feminina, desloca a mulher da posição, tão difundida até então, do campo de uma falta em relação ao falo, para a ideia de um suplemento. Bessa (2012) ainda nos lembra que a ideia da mulher em relação à falta ficou colocada nas formulações de Freud, de tal modo que ele “acreditou que a saída da feminilidade seria a maternidade, ou seja, ele fez uma aproximação muito estreita entre a mãe e a mulher, sem diferenciá-las. Foi uma tentativa de Freud de cernir o ser da mulher a partir da falta fálica” (p. 76). É Lacan, ainda segundo essa autora, que aponta que existiria um campo da satisfação na mulher que não é mediado pelo falo, nem mesmo quando se trata da maternidade, pois, quanto ao desejo de uma mãe, há algo que diz respeito à vertente da mulher.

Levando em consideração que o falo não consegue drenar todo o gozo de uma mulher, Lacan (1972/2003c; 1972-1973/2008c) constata que há um gozo que uma mulher pode experimentar que não advém de uma perda, de um menos-de-gozar, instaurado ao fim do complexo de Édipo. Dessa forma, considerar que “o gozo feminino pode não passar pela castração é colocá-lo na vertente do suplemento, ou seja, do não subordinado à lógica do todo,

do completo. O suplemento aponta para um a mais, sem que o todo esteja aí implicado” (Bessa, 2012, pp. 77–78).

Isso, inclusive, já teria sido demarcado por Lacan (1971-1972/2009) ao tratar dos semblantes, quando ele coloca que, do lado da mulher, encontra-se um não-todo, referindo-a ao infinito, o que significa que não se trata de um conjunto incompleto, no qual faltaria uma peça, um elemento — o falo —, mas sim um conjunto aberto, impossível de ser fechado.

De acordo com Bessa (2012),

Uma vez que o não-todo, a partir da lógica, diz respeito a um sem limites, tanto o caráter enigmático quanto esse princípio da degradação do sujeito feminino perdem força. Se for pela via da falta fálica que se tenta definir o feminino, ele terá sempre essa face de enigma, de ser inferior. Caso se siga a orientação de Lacan em abordá-lo pelo não-todo referindo ao sem limites, chega-se mais perto dos fenômenos que acontecem na sexualidade feminina, pela via do suplemento. (p. 78)

É a constatação de um gozo não submetido por completo à mediação fálica que faz com que Lacan (1972-1973/2008c) no *Seminário 20*, cujo título carrega o significante “mais”, que poderíamos dizer, compreende o “a mais” do gozo feminino, proponha a tábua da sexuação dividindo-a em dois lados: lado homem (gozo fálico) e lado mulher (gozo não-todo fálico). A tábua da sexuação foi, como já mencionado, o modo encontrado por Lacan (1972-1973/2008c), para dizer da partilha sexual não mais em termos de ausência/presença do falo, mas como posições de gozo, ou seja, como cada ser falante irá se arranjar com a dimensão do impossível que marca a relação sexual.

Ainda em tempo, Bessa (2012) corrobora a afirmação de que a tábua é um novo modo de dizer da partilha sexual com base no gozo, ao apresentar, em seu trabalho, a virada que Lacan propõe a respeito do falo. Lembremos que, de início, o falo era pensado em termos significantes, mas, após a década de 1970, passa a ser considerado nos termos de função. De tal modo que:

Abordar o falo como uma função $f(\Phi x)$ é pôr em relevo que sua especificidade consiste na relação do ser falante com o gozo. Isso quer dizer que há uma função de gozo ligada à castração, ela determina um modo de gozar particular para cada sujeito. Porém não se deve esquecer que, na função fálica, ainda persiste a vertente da lei simbólica — sob a forma de interdição — consequência da castração enquanto perda de gozo. (Bessa, 2012, pp. 79–80)

Portanto, como já mencionado, se ser homem e mulher, a partir da década de 1970, consiste na construção de semblantes, e se a relação entre esses dois termos no jogo sexual passa a ser pensada em termos de modos de gozo, interrogar sua natureza só é possível através do que se escreve, ou não, e de como se escrevem essas relações. É por isso que Lacan (1971-1972/2009) lançou mão da lógica formal, pois ela oferece recursos para esclarecer que essa relação é impossível, justamente porque a linguagem se mostra insuficiente para dar conta dela.

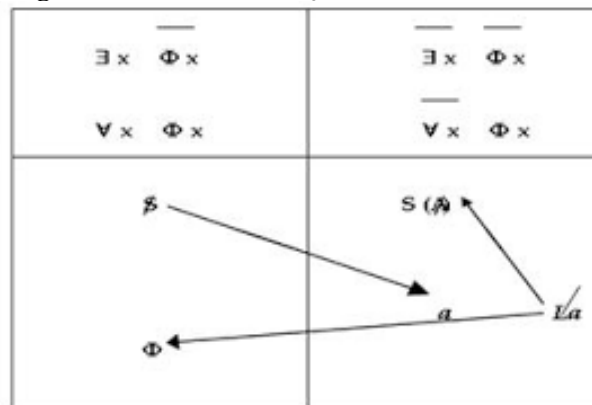
Conforme Lacan (1971-1972/2009),

no momento de dizer que a linguagem não dá conta da relação sexual, perguntemo-nos precisamente em que ela não dá conta. Ela não dá conta porque, com a inscrição que é capaz de comentar, não consegue fazer com que essa inscrição seja o que defino como inscrição efetiva do que seria a relação sexual, na medida em que ela relaciona os dois polos, os dois termos que se intitulam homem e mulher, sendo esse homem e essa mulher sexos respectivamente especificados pelo masculino e pelo feminino... em quem, em quê? Num ser que fala, ou, dito de outra maneira, um ser que, habitando a linguagem, extrai dela um uso que é o da fala. (p. 123)

Assim, Lacan toma a impossibilidade da relação entre os sexos, e da insuficiência das formulações de Freud de que a dissimetria entre os sexos seria pontuada com base na falta fálica e na relação primária da menina com sua mãe, para formular sua tábua que compreende, de um lado, o gozo fálico, e, do outro lado, o gozo não-todo fálico. Dito de outra maneira, de um lado, o necessário, o gozo fálico, aquele que se orienta pelo ter, e do outro, o contingente, pois é não todo remetido ao falo, carece de um suplente, que, nas palavras de Borsoni (2015, p. 152), “é alguém que é chamado quando o que está designado falta e ao mesmo tempo pode estar lá ou não”.

Feitas essas considerações, vamos apresentar a tábua.

Figura 2 Tábua da sexuação



Fonte: Lacan, 1972-1973/2008c, p. 84.

O esquema de Lacan (1972-1973/2008c) apresenta o quadro dividido em quatro partes compostas de símbolos, setas e letras. Na parte superior, temos a formalização matemática da lógica proposicional aristotélica através dos quantificadores existencial (\exists) e universal (\forall). Silva (2019) destaca que uma proposição significa uma sentença que nega ou afirma alguma coisa, e, no caso da tábua de Lacan, são quatro: a universal afirmativa, a particular negativa, a universal negativa e a particular afirmativa. O símbolo \forall significa “para todos” e o símbolo \exists , “existe”, já o traço em cima dos quantificadores indica uma negação.

Já a parte inferior, segundo Lacan (1972-1973/2008c), diz respeito ao que ele adverte ser chamado de forma inapropriada de “a humanidade, no que ela se repartiria em identificações sexuais” (p. 86). Portanto, se na parte superior teríamos a posição masculina (lado esquerdo) e a posição feminina (lado direito), pelas quais localizamos como se opera a função fálica para o ser falante, e que divide a dimensão do todo e do não-todo, na parte inferior, encontramos as coordenadas que nos ajudam a ler como cada sujeito, estando ele na posição feminina ou masculina, assume sua posição sexuada e seus modos de gozar dessa posição, bem como os impasses e as soluções que cada ser falante pode encontrar para dar conta da inexistência da complementariedade entre os sexos.

De acordo com Bessa (2012), na tábua, o “falo é uma função Φx , e o sujeito se articula a essa função a partir das fórmulas dos quantificadores” (p. 81), e, conforme Lacan (1972-1973/2008c) “quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro” (p. 85). Ainda de acordo com Silva (2019), os quantificadores ligados à função Φx (fálica):

indica[m] que é da função fálica que se trata no ato sexual, sendo na medida em que isso se dá que devemos nos perguntar como os dois parceiros se diferem. Isso revela que essa função domina os dois, ou seja, ambos estão submetidos ao falo, mas é o modo como cada um ali se inscreve que irá marcar uma diferença. (p. 70)

Nesse sentido, caberia, portanto, investigar se Todo x ($\forall x$), Alguns x ($\exists x$) satisfazem ou não a função fálica (Silva, 2019). Dessa forma, poderíamos ler a divisão de Lacan baseado na seguinte lógica, conforme nos indicam os trabalhos de Bessa (2012) e Silva (2019):

- Universal afirmativa - $\forall x \Phi x$: para todo x é verdadeiro que a função fálica se inscreva.
- Universal negativa: $\forall x \overline{\Phi x}$: não existe um x para o qual a função fálica não se inscreve.
- Particular negativa - $\exists x \overline{\Phi x}$: existe um x para o qual a função fálica não se inscreve.
- Particular afirmativa: $\exists x \Phi x$: para não-todo x , a função fálica se inscreve.

3.2.3.3 Lado homem da sexuação (lado esquerdo da tábua): o apego ao falo

Lacan (1972-1973/2008c), quando retoma as quatro fórmulas proposicionais na parte de cima da tábua, duas à esquerda e duas à direita, explica que a linha inferior da parte esquerda indica que seria pela função fálica que “o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função Φx é negada” (p. 85), e é nesse limite que a função fálica é negada, ou seja, é quando ela é interdita que encontramos a função do pai enquanto agente da negação.

Assim, “O todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse Φx , o nega integralmente” (Lacan, 1972-1973/2008c, p. 85). É possível localizar o

pai nessa exceção, tendo em vista que, desde o Édipo, ele é aquele que, para o pequeno ser vivente, seria o portador da lei, responsável por inserir um limite e impor um menos de satisfação. Esse ainda é o pai apresentado por Freud (1913[1912]/1996k), no mito do totem e tabu.

O pai, nesse mito, era aquele que poderia gozar de todas as mulheres, de forma ilimitada, e, portanto, impunha um menos aos filhos, até que esses, tomados pelo desejo de ocupar o lugar do pai — lugar Ideal —, assassinam-no. Freud (1913[1912]/1996k) localiza nesse mito o aparecimento do sentimento de culpa, buscando aí as bases para formular seu conceito de supereu. Assim, entende-se que é somente a partir desse ao menos um que faz a exceção que se pode fundar a regra que faz conjunto. O lado homem, então, é marcado por esse ponto em que existe “pelo menos um para quem isso não funciona, essa história de castração” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 35). É por existir esse ao menos um que o todo do homem pode existir, ao menos pela forma do Ideal, logo, é por haver a possibilidade de pensar o todo homem que o semblante pode se sustentar.

Lacan (1972-1973/2008c) demonstra o lado homem — lado esquerdo — no segundo nível da tábua, dizendo que escreveu \$, e o Φ “que o suporta como significante . . . que entre todos os significantes, esse significante do qual não há significado, e que, quanto ao sentido, simboliza seu fracasso” (p. 86). Com isso, o psicanalista busca localizar que, do lado homem, o sujeito se dirige ao parceiro enquanto objeto a , causa de desejo, inscrito do lado direito da tábua.

Assim, temos o sujeito localizado no lugar de \$, endereçado ao parceiro como causa de seu desejo (a) sustentado pelo Φ , e isso implica considerar que há algo da fantasia em jogo, tendo em vista que os dois símbolos (\$ e Φ) não indicam “outra coisa senão fantasia. Essa fantasia, em que o sujeito é preso” (Lacan, 1972-1973/2008c, p. 86). Ao se dirigir ao lado direito da barra, o sujeito toma seu objeto causa de desejo como falo, e tal como ele o expressou no ano anterior: “Ficar em ereção . . ., ter uma ereção por uma mulher, há que chamá-lo por um nome, afinal significa dar-lhe a função de x , significa tomá-la como falo” (p. 68). Significa, em outras palavras, que há algo do gozo fálico experimentado pelo homem ao tomar a mulher como sua parceira, como seu objeto a .

Quanto a isso, Miller (2015) formula que no homem há a predominância do gozo fetichista, na medida em que, para que ele faça uma parceria, é preciso que o outro tome a forma do não-todo. Assim, o modo de gozo do lado masculino exige que sua parceira responda a um modelo fetichista, e “isso pode ir até a exigência de um pequeno detalhe, de um pequeno detalhe pequeno a ” (p. 95). Quanto a isso, Bessa (2012) pontua que do lado homem, sendo o gozo

regido pela função fálica — que ocorre porque há o lugar daquele para qual a castração não incide —, o sujeito ficaria capturado pelo gozo masturbatório, “um gozo que se obtém com o órgão” (p. 86).

Tal formulação se sustenta na própria localização que Lacan (1972-1973/2008c) faz desse gozo, “o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão” (p. 14), e da fantasia. Isso faz com que ele designe o gozo do homem como “gozo do idiota” (p. 87), “um gozo que só passa pelo outro enquanto objeto *a*, enquanto meio de gozar com seu próprio corpo. E é ainda, segundo Miller (2015), um gozo que pode ser sustentado pelo silêncio” (p. 95).

Essa localização é interessante, pois é comum escutar na clínica como os homens, ao falarem de seu interesse pelas parceiras, localizam algo do corpo delas que chama sua atenção ao ponto de lhes causar excitação. Eles acreditam que o gozo consiste em experimentar o corpo dessas mulheres. Uma jovem moça dá notícias de como esses homens gozam. Ela, ao dizer de um rapaz com quem começou a manter contato, e com quem teve um único encontro sexual, comenta suas conversas por mensagens de WhatsApp. Nessas conversas, o rapaz lhe diz que tem algo nela que o deixa louco, e que isso faz com que ele queira encontrá-la de novo — eles se conheceram por aplicativos de encontros e moram em cidades diferentes. Essa moça conta que esse homem lhe diz que, ao vê-la nas fotos e videochamadas, conversar com ela lhe provoca excitação, o que lhe deixa com o pênis ereto. Ele tece comentários sobre sua beleza, seu corpo e como ele a deseja.

Nesse breve recorte, temos o \$ (localizado no lado esquerdo da tábua) endereçando-se à sua parceira, objeto causa de desejo, objeto *a* (localizado no lado direito da tábua). Esse rapaz crê que sua satisfação está nessa mulher, crê que o gozo se localiza no corpo dela, e não deixa de tecer elogios para conquistar sua causa de desejo. Entretanto, Lacan (1972-1973/2008c) nos esclarece que quando um homem crê que pode abordar uma mulher, ele na verdade estaria abordando a causa de seu desejo, aquilo que ele nos apresenta a partir do objeto pequeno *a*, que se articula entre a fantasia e o objeto, que, estando no campo do Outro, é meio de satisfação. O homem, ao endereçar-se a uma mulher, goza, na verdade, dela enquanto objeto causa de desejo. Nesse breve recorte, é menos a mulher, e mais o objeto causa de desejo, que provoca o gozo do órgão que se trata.

Bessa (2012) acrescenta que:

É nisso que consiste dizer que, caso ele acredite que goza do corpo de uma mulher, é porque ele a coloca nesse lugar de objeto-causa de seu desejo. Colocar a mulher como objeto-causa de desejo é acreditar que se pode extrair do corpo da mulher o objeto *a*. O

homem goza de seu fantasma $\$ \Leftrightarrow a$, que, no quadro da sexuação, está representado por: $\$ \rightarrow a$. (p. 86)

Lacan (1972-1973/2008c), ainda com relação a esse lado em que se alinha o homem, afirma que:

A gente se alinha aí, em suma, por escolha — as mulheres estão livres de se colocarem ali se isto lhes agrade. Todo mundo sabe que há mulheres fálicas, e que a função fálica não impede os homens de serem homossexuais. Mas é ela também que lhes serve para se situarem como homens, e abordar as mulheres. Para o homem . . . ao menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher, ou, dito de outro modo, de que ele faça amor. (p. 78)

3.2.3.4 Lado mulher da sexuação (lado direito da tábua): o embaraço quanto à inexistência da mulher

Quanto ao lado mulher da tábua, Lacan (1972-1973/2008c) alega que aborda a questão que Freud deixou em aberto “O que quer uma mulher?” (p. 86), lembrando que não se poderia dizer “a mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ela se anuncia pelo não-todo, não pode se escrever” (p. 86). O psicanalista acrescenta que “tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o que dá testemunho a experiência analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que apontei como o não-todo no que se refere ao gozo fálico” (p. 14).

De saída, já notamos uma diferença no quadrante superior. Lá, não encontramos o lugar da exceção, lugar onde haveria um que pudesse representar a castração ao sujeito. O pai não opera para as meninas como ameaça de castração. Freud (1924/2018b; 1925/2018a) já havia nos ensinado que a mulher já entra na lógica como castrada, portanto, no lado da mulher, não existe este representante do pai totêmico que instauraria uma possibilidade quanto ao tornar-se. Assim, se no lugar do lado homem, onde o pai opera, há o $\exists x \overline{\Phi x}$ (Existe um ser falante para o qual a função fálica não se escreve), no lado da mulher, o que iremos encontrar é $\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$ (Não existe um ser falante para o qual a função fálica não incida), ou seja, não há a exceção pela qual um grupo de mulheres possa ser fundada.

De acordo com Lacan (1972-1973/2008c), do lado esquerdo:

vocês têm a inscrição da parte mulher dos seres falantes. A todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade — atributos que restam a determinar — inscreve-se nesta parte. Se ele se inscreve nela, não permitirá nenhuma universalidade, será não-todo, no que tem a opção de se colocar na Φx ou bem de não estar nela. (p. 86)

Conforme Brousse (2012) nos explica, embora Lacan possa considerar que tudo gire em torno do gozo fálico, o que implica considerar que o ser falante funciona pela lógica da castração, alguns deles respondem a outra lógica. E é nessa lógica que Lacan (1972-1973/2008c) localiza o lado da mulher, no qual vemos que não há a universal afirmativa do lado mulher (para todo ser falante a função fálica se escreve), já que não existe uma mulher que faça exceção à norma fálica. Disso se deduz que não há um grupo de mulheres (Silva, 2019, p. 72). Lacan (1971-1972/2009) já nos apresentou, A mulher, e esse “A”, uma definição que sirva de exemplo para todas as outras, não existe — A mulher não existe. Dessa forma, ao serem escritas pela lógica, $\overline{\exists x \Phi x}$, evidencia-se que elas não estão inseridas totalmente na função fálica, o que não implica dizer que elas não se sirvam do falo (Lacan, 1972/2003c).

Dito isso, Lacan (1972-1973/2008c) explica:

Quando eu escrevo $\overline{\forall x \Phi x}$ esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido não-todo, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto que define a ... a o quê? — a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher, pois . . . por sua essência ela não é toda. (pp. 78–79)

O que Lacan (1972-1973/2008c) designa é que: “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo mais” (p. 80), e continua, “Há um gozo dela, desse ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta — isto ela sabe” (p. 80). Isso significa dizer que existe, nas mulheres, uma lógica suplementar à norma fálica, pois, se fosse uma lógica complementar, ainda estaríamos no campo do todo (Silva, 2019).

Miller (2016) ainda nos adverte que, quanto ao não-todo lacaniano, é preciso considerar que não se trata de um “todo amputado de uma das partes que lhe pertence. O não-todo quer dizer que não se pode formar o todo. É um não-todo de inconsistência e não de incompletude” (p. 19). É isso que esclarece a hipótese de Lacan de que A mulher não existe, pois não existe esse universal da mulher, e, portanto, ela não responde à lógica universal.

A respeito disso, para Lacan (1971-1972/2012), “O universal só faz surgir para a mulher a função fálica, da qual ela participa” (p. 101), mas isso por si só não universaliza a mulher, uma vez que ela está fundada no não-todo, o que significa dizer que ela encerra em si “um gozo diferente do gozo fálico, o gozo dito propriamente feminino, que não depende dele em absoluto. Se a mulher não é toda, é porque seu gozo é duplo” (p. 101).

Bessa (2012) ainda nos adverte que, desse modo, o gozo feminino não se torna civilizado pelo gozo fálico, sendo um gozo que vai além dele. É esse gozo que vai além que designa o gozo suplementar. Ele é suplementar porque não há um representante que o satisfaça, ele sempre pede um mais, ainda. Tal formulação da autora nos ajuda a entender o porquê de Lacan (1972/2003c) dizer do ilimitado da demanda de amor de uma mulher como reivindicação desse gozo a mais, e “mesmo que se satisfaça a exigência de amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira” (p. 467). Uma vez que as mulheres estariam não-todas inscritas na posição fálica — vejamos a tábua, pois nela verificamos que a saída fálica é uma delas —, conseqüentemente, há algo de seu ser de mulher que não é significantizável.

Lacan (1972-1973/2008c) indica que a mulher tem uma fundamental relação com o Outro barrado, já que ela tem uma relação com o significante do Outro, mas na medida em que não há Outro do Outro, pode ser representado assim: $S(\bar{A})$, ou seja, ela tem relação com um significante que faltaria ao Outro que pudesse lhe dizer o que é uma mulher. O psicanalista afirma que “É, entretanto, o que está escrito lá no quadro com aquela flecha partindo do \bar{A} . Esse \bar{A} não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com $S(\bar{A})$, e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com Φ ” (p. 87).

Podemos entender essa duplicidade do gozo feminino da seguinte maneira: primeiro, não há um significante que diga o que é ser mulher, portanto, a mulher não existe (\bar{A}). Diante disso, temos duas saídas possíveis. Uma é o endereçamento ao falo Φ , na qual localizamos a posição histórica, enquanto uma tentativa de dar conta do feminino pela via da identificação fálica, na relação que uma mulher pode ter com a maternidade, enfim, a relação que o ser falante estabelece com tudo que visa reduzir seu ser de mulher ao falo, seja pela via do ter, seja pela via do ser o falo do Outro.

A outra possibilidade é o endereçamento ao $S(\bar{A})$, ao significante que falta também ao Outro, onde ela acaba se deparando com sua solidão; encontramos isso na relação da mulher com a mãe, na medida em que é no lugar da mãe que ela vai buscar coordenadas quanto ao ser mulher, e também na relação de uma mulher com a Outra, que, segundo Lacan (1951/1998c; 1955-1956/1988) em sua leitura do caso Dora, é o lugar que ocupa a Senhora K para a jovem. Mulher que, por ser aquela que Dora supõe capturar o desejo de dois homens — o senhor K e seu pai —, tem consigo o segredo sobre o que seria ser uma mulher. Nada mais do que uma suposição.

Essas duas saídas não são lineares, elas ocorrem simultaneamente, o que significa dizer que a mulher transita livremente entre o lugar onde se encontra com a solidão, com o vazio de significação, o que impõe que ela precise inventar por si só algo sobre o indizível da mulher e o lugar do falo, lugar onde ela tenta tamponar esse vazio.

De acordo com Silva (2019), esse gozo que poderia ser uma essência da mulher, no entanto, não lhe permite criar uma identificação feminina a partir dele, não permite formar um grupo das mulheres que poderiam se especificar por esse gozo, pois, como já mencionado, “o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira da solidão” (Lacan, 1972/2003c, p. 467).

É pelo fato de a mulher ser parceira da solidão que encontramos toda a relevância que Lacan dá à duplicidade de sua parceria amorosa. Voltando a tábua, verificamos que, quanto à sua sexualidade, a mulher se liga ao falo, e ao S(A), ao gozo suplementar, que ultrapassa o artifício da máscara. De acordo com Silva (2019), uma consequência importante da ligação da mulher com o S(A) e com a ausência de um significante feminino é que o amor aparece como uma insistência. A mulher encontra, no amor, uma forma de especificar-se como uma, nem que seja como uma mulher de um homem, “é também por isso que é como única que ela quer ser reconhecida pela outra parte: isso é mais que sabido” (Lacan, 1972/2003c, p. 467).

Se para o homem o gozo fálico é silencioso, isso significa que ele não passa necessariamente pelo amor, o que está em jogo é o objeto fetiche, mas isso, no entanto, não nega a possibilidade do amor do lado masculino. Para a mulher, o valor do amor é outro, ele é essencial e, nesse sentido, diríamos que a posição erotomaníaca da mulher na parceria amorosa é elevada ao máximo. O gozo feminino não-todo exige que seu objeto fale, ele é tecido no amor. “O ser sexuado dessas mulheres não-todas passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica da fala” (Lacan, 1972-1973/2008c, pp. 16–17). Assim, o que está do lado da mulher é a exigência da fala de amor. Como postulado por Miller (2015), por mais que o gozo passe pelo corpo, esse corpo não faz uma unidade, de forma que a palavra de amor se torna uma exigência, e ele afirma que “segundo o axioma: para gozar é preciso amar; isso é verdadeiramente uma exigência do lado feminino, e eu poderia escrever a sequência: falar, amar, gozar” (p. 97).

3.3 Adolescência eternizada: uma solução para o impossível de tornar-se

Tal como propõe Lacan (1964/2008a), a operação de separação, que implica na abertura para o desejo e na construção dos próprios ditos, e, porque não dizer, na possibilidade da apropriação de uma posição enquanto homem e mulher adultos, envolve, num primeiro

momento, consentir com um certo afrouxamento daquilo que é ofertado e dito do lugar do Outro — os pais, por exemplo, os primeiros representantes do mundo simbólico. Isso deixa o sujeito imerso no novo mundo que se abre, de modo a ficar por conta própria, mas nem tanto, quanto à invenção de soluções para dar conta daquilo que, desde sempre, não possui uma resposta inequívoca: a questão sexual e como se arranjar com seu próprio corpo.

Freud (1907/2018e; 1908/2018d) também já nos advertia que a questão sexual não é algo tão novo para o sujeito que entra na puberdade, pois ela tem seu primeiro aparecimento na infância, a partir da constatação do par, casal, pai/mãe e homem/mulher.

Entretanto, é importante destacar que tal questão surge antes mesmo de tal constatação. Conforme já trabalhado, com base nos textos freudianos a respeito da diferença dos sexos (1923/2018c; 1924/2018b e 1925/2018a), o impasse quanto ao sexual já se delineia no momento do primado do falo, culminando no complexo de Édipo e na ameaça de castração, ou seja, antes mesmo da fase genital, a criança é atravessada pela questão sexual e pela diferença anatômica que, embora nesse momento não surja para ela como um enigma quanto ao ser homem ou mulher, já é algo com que ela precisará se arranjar.

Nesse momento, é a fantasia infantil a responsável pelos contornos possíveis para que a criança dê conta disso, mas só depois, quando o sujeito, não mais criança, é convocado a se haver com um novo lugar no mundo, o que implica na escolha do objeto amoroso e na construção de novas identificações que possam dizer de seu lugar no mundo, é que a questão do homem/mulher retorna — saber esse que se encontra ausente.

Nesse sentido, podemos localizar um certo consenso nas investigações psicanalíticas que concernem à relação da puberdade com a adolescência, a questão de que, quanto ao sexo, não há um saber prévio, e que a adolescência é, em si, uma resposta dada pelo sujeito para os impasses que ocorrem nesse momento (Freud, 1888/1996g; 1905/1996l; Lacan, 1974/2003e; Lacadée, 2011; Stevens, 1998/2004; Barreto, 2004; Ramírez, 2014; Vieira e Vorcaro, 2014; Viola e Vorcaro, 2015; Capanema, 2018; Silva e Marcos, 2020).

Sendo assim, Stevens (2013), propõe que tanto o sintoma quanto a fantasia são chamados por Lacan (1955-1956/1988; 1957-1958/1998a; 1957-1958/1999) de pontos de basta, pontos de estabilização que o sujeito encontra para organizar sua existência. Aliás, podemos nos remeter aos próprios casos freudianos para sustentar essa hipótese.

No caso Hans (Freud, 1909/1996c), podemos ver que sua fobia consiste na construção possível para lidar com os efeitos da incidência da ameaça de castração, apresentada por sua mãe quando ela lhe recrimina pela sua manipulação dos órgãos sexuais. De acordo com Freud (1909/1996c), o interesse de Hans pela diferença sexual, que se dá primeiro pela

universalização do pênis — todos, inclusive sua mãe, teriam pênis —, passando pela descoberta de que sua mãe era desprovida do pênis, o que lhe provocou profundo interesse pelo tema, incomodava seus pais.

Em determinado momento, a mãe, tomada pelo desconforto de que seu filho, além de perguntar também começava a tocar seu membro, ameaçou-lhe: “Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. Aí, como que você vai fazer pipi?” (Freud, 1909/1996c, p. 17), e têm como resposta do filho: “Com meu traseiro” (p. 17). Freud afirma que, embora nesse momento a ameaça não tenha lhe provocado culpa, mais tarde, será o plano de fundo para sua ansiedade e medo de cavalos.

No fragmento clínico da jovem Emma, descrito por Freud (1895/1996j) no momento em que ele trata da compulsão histérica, apresenta-nos, mais uma vez, a incidência do sintoma e da fantasia para tratar os impasses quanto à irrupção do real do sexo. Nesse fragmento, o autor nos apresenta Emma tomada pela compulsão de não conseguir entrar sozinha em uma loja, algo ao qual ela não consegue conferir um sentido.

Emma achava-se dominada, atualmente, pela compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha. Como motivo para isso, [apresentou] uma lembrança da época em que tinha doze anos (pouco depois da puberdade). Ela entrou numa loja para comprar algo, viu dois vendedores (de um dos quais ainda se lembra) rindo juntos, e saiu correndo, tomada de uma espécie de afeto de susto. Em relação a isso, terminou recordando que os dois estavam rindo das roupas dela e que um deles a havia agradado sexualmente. (p. 407)

Nesse texto, Freud (1895/1996j) relaciona essa cena a uma primeira, em que a jovem “esteve numa confeitaria em duas ocasiões para comprar doces, e na primeira o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa. Apesar da primeira experiência, ela voltou lá uma segunda vez; depois, parou de ir” (p. 408). Ele propõe que tal lembrança desperta na jovem seu impasse quanto ao que fazer com o desejo de um homem por uma mulher, que se transformou em angústia, e foi esse o pano de fundo para a construção de seu sintoma.

O caso Dora também nos serve como material de discussão. Nesse caso, apresentado por Freud (1905[1901]/1996f), também discutido por Lacan (1951/1998c), temos Dora, jovem tomada por sintomas de tosse nervosa que ocasionalmente era acompanhada pela perda da voz, embaraçada pelo suposto triângulo amoroso que se desenrolava entre seu pai, o Senhor K., e a Senhora K. A construção da história da jovem, e seu embaraço com o triângulo amoroso, é apresentada por Freud da seguinte maneira:

a Sra. K. cuidara dele (o pai) durante sua longa enfermidade, tendo assim feito jus à sua eterna gratidão. O Sr. K. sempre fora extremamente amável com sua filha Dora, levando-a para passear com ele quando estava em B — e dando-lhe pequenos presentes, mas ninguém via nenhum mal nisso. Dora tratava com o mais extremo carinho os dois

filhinhos dos K., dedicando-lhes uma atenção quase maternal. (Freud, 1905[1901]/1996f, p. 35)

Para Freud, teriam sido tais relações, acentuadas pela fantasia da jovem de que seu pai estivesse tendo um caso amoroso com a Senhora K., além do fato de que ela estaria sendo ofertada como recompensa para o Senhor K., devido seu relacionamento com a esposa, a base para seu adoecimento. O autor ainda traz que tal fantasia se construiu a partir de duas cenas de investidas amorosas do Senhor K. para com a Dora: a primeira, aos 14 anos, um beijo inesperado, e a segunda, aos seus 16 anos, a cena do lago em que o Senhor K. lhe faz propostas amorosas, ou seja, cenas que colocam em evidência o impasse com seu não saber como lidar com a questão sexual.

O ponto que nos interessa nesse caso não é necessariamente a discussão possível a partir do enigma que se apresenta a Dora a respeito da feminilidade, que se desdobra na questão histórica: o que é ser uma mulher?, tal como Lacan (1951/1998c) nos apresenta, mas, mais precisamente, o seu impasse com a questão sexual que lhe aparece, primeiro em sua fantasia do triângulo amoroso de seu pai, a Senhora K. e o Senhor K. e, depois, em seu não saber frente às investidas do Senhor K.

No texto *Intervenção sobre a transferência*, no qual Lacan (1951/1998c) discute o caso de Freud, ele destaca que a questão de Dora se deu a partir da relação que foi criada entre Dora e a senhora K., ou seja, o lugar de mistério que a senhora K. ocupava para Dora. A Sra. K. representava para Dora o mistério de sua própria feminilidade. De acordo com o autor, uma cena relevante na história de Dora se destaca: “É Dora, provavelmente ainda *infans* chupando seu polegar esquerdo, enquanto com a mão direita ela puxa a orelha de seu irmão, um ano e meio mais velho do que ela” (Lacan, 1951/1998c, p. 93). Essa cena representa, para Lacan, uma matriz imaginária, na qual vieram depositar-se as novas situações que Dora encontrou em sua vida, as quais se relacionaram com essa inscrição primeira. Por essa matriz imaginária, Lacan diz que “podemos medir por aí o que significam agora para ela a mulher e o homem” (p. 93).

André (1998) toma essa cena de Dora para dizer que a pequena menina teria “encontrado em seu irmão sua primeira identificação masculina” (p. 148), na qual:

Ela é a menina, gozando de sua oralidade e provocando o desejo do menino ‘sentado tranquilamente do lado dela’? Não estará ela antes identificada com o menino, chupando a menina nela e perguntando o que pode ser a relação do menino e uma menina concebida como um objeto oral? (p. 148)

O que se evidencia nessa passagem é que a matriz imaginária constituída aí concerne ao enigma quanto ao ser mulher, e à saída fálica pela qual se pode optar para dar conta disso. Nessa cena, o enigma sobre o ser da mulher, e o impasse quanto ao que fazer com relação a esse lugar,

abre o caminho para a questão de sua identificação como objeto causa de desejo do “menino”. Há, nessa cena, em outras palavras, o encontro primeiro com a diferença sexual e as coordenadas quanto à sexuação.

Dessa cena, poderíamos recortar dois pontos: uma experiência de satisfação, proveniente do gozo oral, que se dá a partir do encontro de Dora com o próprio corpo (o dedo) e o corpo do irmão (a orelha) o que, em si, também marca algo da diferença sexual que passa a se delinear.

Lembremos de Freud (1905/1996l), quando ele diz que algo da diferença sexual se apresenta desde antes do período da puberdade, mas que é recalçado, voltando à tona somente após o período de latência, na puberdade. Quanto a isso, vale lembrar a própria definição de inconsciente em Freud, enquanto fundado pelo recalque da sexualidade infantil. Cabe lembrar que o recalque não implica no desaparecimento do real do sexo, mas, tal como ocorre no caso Dora, funda uma matriz imaginária, que Freud chama de fixações, que serão a base para os sintomas e os modos de gozo que serão construídos a posteriori (Lacan, 1951/1998c).

Ainda para Freud, tais registros, tais fixações libidinais são oriundas “das atividades e experiências da sexualidade infantil, das tendências parciais abandonadas, dos objetos da infância que foram abandonados” (Freud, 1917[1916]/1996d, p. 363). Vale ainda lembrar que Freud (1908/2018d) escreveu um texto, já trabalhado aqui, tratando exclusivamente a fantasia infantil como a maneira pela qual as crianças tentam dar conta da incidência do sexual. Freud demarca o privilégio e a função da construção da fantasia como o que seria, podemos dizer, uma resposta diante do real do sexo, tal como se localiza a função do próprio sintoma.

André (1998), ainda quanto à cena infantil de Dora chupando seu polegar ao mesmo tempo em que puxava a orelha do irmão, matriz possivelmente na qual se calcavam as situações posteriores que Dora viveu, mostra que existiria uma dialética de três termos sustentada por Dora. O polegar nesse cenário como o terceiro termo que exerce a função de constituir Dora e o irmão aos outros dois termos: como casal homem-mulher.

Esse polegar que Dora se ocupava em chupar é, portanto, uma parte de seu corpo e, ao mesmo tempo em que a aproximava do irmão, realizava também uma separação, já que o polegar é de Dora. É nessa tensão que Dora faz uma parceria sexual e que alguma identificação com o irmão se circunscreve e, porque não dizer, um tratamento para a incidência da diferença sexual.

De acordo com a concepção de Serge André (1998):

Daquilo que Freud nos relata, tiramos duas conclusões: em primeiro lugar, que Dora encontrou em seu irmão sua primeira identificação masculina; depois, que ela manteve

com ele uma relação que se pode dizer ‘sexual’ e cuja especificidade é a de ter sido construída sobre um gozo de tipo oral. (p. 148)

E continua:

A questão de Dora bem poderia ser a seguinte: o que é se tornar uma mulher, se a relação de um homem a uma mulher se reduz à relação de um homem ao seio? E efetivamente os sintomas de Dora — tosse nervosa, afonia, alucinação de um cheiro de fumo — manifestam o apelo à pulsão oral experimentado desde que ela se encontre colocada numa situação de casal. (pp.148–149)

Dessa maneira, os sintomas de Dora, segundo André (1998), apresentaram-se, sobretudo, quando Dora se encontrava em uma situação de par, em alguma parceria. Era uma forma de resposta subjetiva da jovem à determinada situação. De acordo com Lacan (1951/1998c), é possível afirmar que há uma ligação inconsciente realizada por Dora entre sua posição na adolescência e a impressão registrada nela — que implica uma satisfação — baseada em suas relações infantis vividas com o irmão. O que é digno de nota é que essas experiências marcaram o seu inconsciente e a jovem precisa fazer um trabalho psíquico para dar conta desse registro.

Acerca desse ponto, vale lembrar que o próprio Freud (1895/1996j, p. 411) destaca que “cada indivíduo adolescente porta traços de memória que só podem ser compreendidos com a manifestação de suas próprias sensações sexuais”, fato tal que justifica a ideia de que o adolescente traria dentro de si o “germe da histeria”. É importante destacar que, mesmo que ao longo das formulações sobre a neurose, Freud tenha retrocedido até localizar que o núcleo dos sintomas estaria relacionado ao que se passa na infância, a hipótese de que a puberdade seria o momento em que o real do sexo se torna enigmático e embaraçoso para o sujeito se mantém viva. Na puberdade, as teorias infantis já não mais contornam o real do sexo.

Embora não seja na adolescência que encontramos o núcleo do sintoma, é nesse momento do despertar da primavera que o sujeito é convocado a dar conta disso, agora não mais como criança, mas na direção do tornar-se adulto, homem ou mulher. Assim, não se pode negar que a puberdade, e o que se desenrola a partir dela, mantém sua importância na clínica contemporânea.

Nesse sentido, a tese proposta por Lacan (1974/2003e) de que o encontro com o sexo implica em um mal-entendido e de que a sexualidade é o que faz furo no real, do qual ninguém escaparia ileso, abre precedentes para sustentar a afirmação de Stevens (1998/2004) de que a adolescência é um sintoma da puberdade.

É importante localizar algo sobre esse dizer de Lacan — a sexualidade faz furo no real. Como já trabalhado, a puberdade é a marca da irrupção de um real que surge para o sujeito na

saída da infância, mostrando que as identificações e as representações construídas até então não conseguem dar conta de tudo o que se passa em seu corpo pulsional.

A puberdade marca este novo, marca este atordoamento nas identificações que surge, inclusive, pela surpresa e causa espanto, tal como verificamos em situações como: o aparecimento da primeira menstruação em uma menina; a primeira ereção de um menino, ao olhar para o outro sexo; o olhar do Outro, que manifesta um lugar como causa de desejo. Enfim, são fenômenos para os quais esse sujeito que ainda se pensa, poderíamos dizer, como uma criança, não consegue explicar, afinal, quanto a isso que do sexo surge, não há uma resposta.

Diante disso, é preciso que esse sujeito faça novos arranjos para dar conta desse real que surge, caso contrário, ele — o real — pode ficar consistente demais, deixando o sujeito desordenado quanto ao seu sentimento de vida. É preciso que algo faça furo nesse real, para que seja possível suportá-lo, e encontrar novas amarrações para a vida que se abre.

De acordo com Fuentes (2018), quando Lacan aponta que o essencial da sexualidade é que ela faz furo no real, ele, diferente de Freud que a levava para todos os lados, a restringe ao encontro com o Outro sexual, encontro sempre impossível. Assim, há um deslocamento da pulsão como representante da sexualidade, uma vez que o parceiro em jogo é sempre o objeto a , como substituto da causa de desejo, ou o próprio $S(A)$ enquanto marca da ausência de uma representação toda, e de onde parte o gozo feminino. Cabe então ao sujeito buscar uma satisfação ignorada, arrebatante, marcas daquilo que não há. Essa busca só se dá, como já trabalhado, pela via da fantasia, da ficção e dos semblantes, ou seja, das invenções que cada um pode fazer para dar conta desse impossível do encontro sexual, e que amortece o impacto do real. Aqui, a fantasia, o significante, o discurso, que sustentam a construção dos semblantes, buscam apreender algo do real indizível.

A sexualidade, e as invenções referentes a ela que dizem da articulação do simbólico (sentido) e do imaginário (corpo), é o que pode reduzir esse real, ao menos um pouco, sem nunca conseguir extingui-lo. A sexualidade perfura o real sem afetá-lo demais. Assim, se para Lacan (1973/2003g) no texto *Televisão*, “o impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém” (p. 531), poderíamos dizer que, no confronto com o real do sexo, o adolescente possa produzir ficções, que, entretanto, somente podem recobrir parcialmente o furo no real. O sujeito adolescente é convocado a elaborar respostas para o mal-estar provocado pela irrupção do real e pela perda das referências de identificação construídas na infância (Lima, et al., 2016).

Aqui, podemos sustentar que a adolescência, sintoma da puberdade, busca bordejar, fazer um furo no real, principalmente se tivermos em mente a compreensão de que o sintoma

seria o que faria as vezes de um regulador, de uma estabilização (Stevens, 2013). Assim, a adolescência seria o que o sujeito poderia construir para dar conta do real do sexo, que agora se impõe de maneira mais direta, e do enigma do que é ser um homem ou mulher, enfim, um ser adulto que precisa se arranjar com sua posição sexual.

Esse real do sexo, segundo Stevens (2013), ao qual a adolescência tenta responder, apresenta-se, sem dúvida, pelas transformações corporais que impõem uma nova imagem, mas também pela inevitável constatação de que a linguagem, as teorias construídas anteriormente, não conseguem dar conta de estabilizar e organizar sua posição no mundo.

Há, então, para Stevens (2013), uma certa desorganização quanto à sua própria existência, ou, como Recalcati (2004) e Capanema (2018) nos mostram, um desenlaçamento nos registros real, simbólico e imaginário — a mudança no corpo, as exigências da cultura e os recursos simbólicos para organizar um lugar no mundo já não se enlaçam como antes, possibilitando um modo de funcionar. Assim, para Stevens (2013), o que ocorre aí é um abalo no sentimento de vida do sujeito

A concepção de sentimento de vida do sujeito é colocada por Lacan (1957-1958/1998a) a partir de sua leitura do caso Schreber, baseado no livro escrito pelo próprio Schreber: *Memórias de um doente dos nervos*, sobre o qual Freud se debruçou em 1911. Nesse texto, Lacan se detém na subjetividade do delírio schreberiano, tendo como premissa a ineficiência da metáfora paterna como responsável por produzir a significação fálica — responsável pela construção de uma organização, de um sentido de vida propiciado pelo simbólico. Segundo o autor, a metáfora paterna, aquela que representa a incidência do Nome-do-Pai, do simbólico, cumpre a função de metaforizar o desejo materno e de possibilitar um juízo de existência para o sujeito.

Nesse texto, Lacan (1957-1958/1998a) expõe que no caso em questão haveria a forclusão do Nome-do-Pai, ou seja, a carência desse significante, representante do simbólico, que possibilitaria que o sujeito pudesse construir um sentido de existência, uma significação fálica. Assim, “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (p. 565) representaria, para o autor, o momento de ruptura daquilo que até então serviria de organizador do lugar do sujeito no mundo, e, portanto, perturba seu sentimento de vida.

Miller (2010) retoma essa mesma expressão cunhada por Lacan (1957-1958/1998a), ao apresentar sua formalização a respeito da psicose ordinária. Nesse texto, ele nos orienta que se deve procurar, nesses casos de psicoses — que se caracterizam pelas sutilezas com que se apresenta o desencadeamento psicótico —, os menores indícios, uma vez que se trataria de uma

clínica delicada, da desordem no sentimento de vida. Quanto a esse termo, ele ainda esclarece que:

A desordem se situa na maneira como vocês experimentam o mundo que os cerca, na maneira como experimentam seu corpo e no modo de se relacionarem com suas próprias ideias. Mas qual é esta desordem, já que também os neuróticos a experimentam? Um sujeito histérico experimenta essa desordem em relação com seu corpo, um sujeito obsessivo a experimenta em relação às suas ideias. Que desordem é essa que atinge ‘a junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito’? Ela é muito difícil de formular. (Miller, 2010, p. 411)

Um ponto interessante é que, embora tanto Lacan (1957-1958/1998a) quanto Miller (2010) tomem esse termo para discutir a questão da psicose, na citação acima, encontramos a constatação de que o neurótico também a experimenta. Desse modo, podemos entender essa desordem no sentimento de vida, tal como Stevens (2013) nos apresenta, pela irrupção do real da puberdade, a qual o sujeito adolescente experimenta, e com a qual precisa se virar. Dessa maneira, Marret-Maleval (2017) nos indica pensar a junção mais íntima como um enodamento singular do que comanda a vida para um sujeito com o sentimento de vida que ele tem dela. Trata-se, então, de pensar a adolescência como um momento em que o sujeito tenta construir um novo enlaçamento entre o imaginário: seu corpo; o simbólico: ser mulher/homem; e o real: não há saber sobre o sexual.

A respeito desse tema, Stevens (2013) nos ajuda a pensar a adolescência como uma possibilidade de estabelecer um novo enlaçamento que ordene o sentimento de vida do sujeito e nos aponta o seguinte:

Aqui estão os dois pontos a partir dos quais o real surge novamente neste momento na existência, e então os púberes têm que reconstituir sintoma e fantasia, quer dizer, modificar os precedentes, adaptá-los, ou têm que construir alguns novos. É o que chamamos adolescência. É o momento em que o sujeito busca uma resposta sintomática. Digo sintomática, não patológica. O sintoma é uma produção positiva, estabilizante. Pode se transformar em patológica quando começa a incomodar o sujeito. Portanto, a adolescência é o momento de constituição de um novo sintoma e de reorientação da fantasia. (p. 3)

Assim, se a adolescência diz deste momento de reorientação, Stevens (2013) ainda nos traz a instigante interrogação sobre sua saída dela. É preciso, para a criança ao entrar na puberdade, a construção da adolescência, e seria preciso, então, uma saída, aquilo que implicaria no tornar-se adulto. Mas nos adverte que, embora nos interroguemos sobre a saída, é preciso ter em mente que isso nem sempre é possível.

Cada um de nós conhece pessoas que passaram completamente da idade e que são completamente adolescentes. A questão é, então, saber como se sai dela. Quando não se sai, a adolescência se prolonga, e ela se prolonga frequentemente com sintomas de um novo tipo, novo na história social: toxicomanias, violência, etc. (Stevens, 2013, p. 3)

De acordo com Stevens (2013, p. 4), na adolescência, seria necessário que se estabelecesse essa reorientação, esse novo enlaçamento que possibilitasse a construção de um sentimento de vida, ou seja, que essa imagem corporal que muda, provocando embaraços, na medida em que não se sabe como operar com ela, seja reenlaçada ao simbólico a partir da apropriação que o sujeito pode fazer de seu corpo, e do que fazer com seu sexo. Entretanto, isso nem sempre é possível, e a transição delicada na qual se encontra o adolescente torna-se insuportável, o que desemboca na angústia e leva, muitas vezes, às passagens ao ato suicida (Lacadée, 2011).

Ainda quanto às saídas da adolescência, Stevens (2013) nos diz que haveria duas: uma saída dita normal, ou seja, neurótica, na qual o sujeito se orienta para o Ideal do Eu, que corresponde àquela na qual a função paterna faz seu papel e permite que o sujeito, não sem embaraços, possa se direcionar a uma articulação de significantes na construção de um semblante: escolha de um nome, de uma profissão, de um ideal, de uma mulher ou de um homem. Escolhas essas que são, em si, escolhas de um sintoma com sua envoltura significativa que permite ao sujeito adolescente situar-se no mundo.

Para Stevens (2013),

o Ideal do Eu é a escolha de um sintoma que tem uma envoltura significativa e que estabiliza as relações do sujeito com seu sentimento de viver, mas também no marco da realidade na qual vive. A escolha de uma profissão faz parte do marco da realidade. É isto a saída da adolescência; de fato vemos que os adolescentes que andam bem, saem da adolescência aos vinte anos, ou seja, mais ou menos rápido, tendo feito essa série de escolhas. Porém, disse Lacan, o Ideal do Eu se constitui a partir do que ele chama função paterna. (p. 6)

A segunda saída, ou melhor dizendo, aquela que não se opera, fixando o sujeito nessa zona, nem adulto, nem infantil, no vazio de significações (Lacadée, 2011), funda-se no tempo em que o pai se encontra em declínio, e o sujeito vai constatando a inexistência do Outro. Trata-se, segundo Stevens (2013), de pensar um prolongamento da adolescência:

onde estes sujeitos são, frequentemente, levados a escolher um modo de gozo que evite a questão sexual: trata-se da escolha da toxicomania e também da anorexia/bulimia; ambas jogam com o consumo, com o vazio e o pleno; mas ambas, como sintomas, se caracterizam como um gozo que possui um aspecto autista, ou seja, que pode ser obtido sozinho, sem o Outro — não completamente, porque é necessário pelo menos o vendedor de drogas. (p. 8)

3.4 Fragmentos clínicos

Como vimos, a partir do que coloca Lacan (1964/2008a), a respeito das operações de alienação e de separação, e tal como nos indicam os trabalhos de Freud (1905/1996l) sobre a puberdade, bem como os de comentadores que separam, e discutem, a puberdade em relação à

adolescência (Miller, 2020; Capanema, 2018; Recalcati, 2004), se, em um primeiro momento, para ter um lugar no mundo, a criança precisaria se identificar, ou seja, se alienar à cadeia de representações ofertadas pelo Outro familiar, é preciso, em um segundo tempo, o da puberdade, no qual localizamos a adolescência, é necessário que ela possa se separar e caminhar na direção de novos contornos para seu ser e para seu corpo.

Isso porque as identificações, que até então serviam como coordenadas para a criança, na puberdade, se enfraquecem e já não mais conseguem ancorar o sujeito no mundo. Na puberdade, à beira de um vazio de significações, o sujeito precisará inventar para si uma resposta de como operar nesse novo lugar, a partir de um ser adulto, sobre o qual nada se sabe (Miller, 2020; Lacadée, 2011; Stevens, 1998/2004; Stevens, 2013).

Seria preciso ainda localizar que, mesmo que essa separação do Outro ocorra, ela não é completa, uma vez que a própria proposta de Lacan (1964/2008a) é a de demonstrar que o sujeito não pode ser pensado disjunto do campo do Outro. Dessa forma, o sujeito se constitui a partir do campo do Outro materno e paterno, do romance familiar no qual está inserido, e, ao se separar, precisará se ancorar no Outro social, da cultura, no qual, então, poderá encontrar recursos para construir seus semblantes que lhe permitam decidir-se por uma posição sexuada.

Entretanto, verificamos na clínica que nem sempre essa tarefa se mostra possível, fazendo com que alguns sujeitos eternizem sua adolescência como forma de amarração frente ao impossível do tornar-se. Dois fragmentos clínicos nos apontam esse ponto singular em que a adolescência se prolonga (Stevens, 2013), pois sua saída significa se haver com um real que parece não poder ser subtraído, ao menos um pouco, a não ser sem o encontro com o discurso analítico.

3.4.1 *“Não me vejo como uma mulher. Para mim, ainda sou uma adolescente.”*

Trata-se do fragmento clínico do trabalho analítico com Nadja, jovem de 22 anos, que ensina ao analista sobre as dificuldades quanto ao tornar-se adulto, e que busca no sintoma sustentar sua posição adolescente como tentativa de estabilização frente ao abalo no sentimento de vida propiciado por sua delicada transição.

Nadja possui um caráter melancólico, caracterizado por sua certeza de que é incapaz de seguir em direção a um curso superior e a uma posição profissional. Traz em seu discurso que seu destino é a morte, o que ela realiza, em vida, a partir da sensação de um corpo “pesado” e mortificado, ficando incapaz de sair da cama ou do sofá. Foi criada pela avó materna desde seu nascimento, pois sua mãe biológica, na época com 19 anos, não queria renunciar à sua “vida de mulher” para assumir sua criação. De seu pai, só tem notícias transmitidas por sua avó, de que

ele “não presta pra nada”, o que não provoca na jovem qualquer enigma, mas aponta sua identificação ao “nada”, advindo daí.

Aos 15 anos de idade, em uma briga com a mãe, ouve: “Eu deveria ter te matado antes de você nascer. Você não presta”. Alienada ao discurso materno, essa jovem acredita não prestar para nada, diz não ter força de vontade de fazer nada. Sente “preguiça” e “sono”, o que a faz ficar sempre na cama vendo séries, imersa no nada, que a representa no desejo materno e também está ligado ao lugar do pai. Assim, sustenta uma posição de procrastinação sem fim, ou mesmo rompe com quaisquer obrigações e responsabilidades exigidas pelo Outro.

Embora queira fazer cursinho para passar no vestibular e estudar ciências sociais e políticas em uma Universidade Federal, pois, como acredita, essa seria a única maneira de se livrar da insuportável convivência familiar, ela procrastina até desistir. Faz a matrícula, começa a se organizar montando agenda e planners, mas é com o depois que ela opera, revelando, assim, que não se trata do desejo, mas de uma tentativa de solução para se separar daquilo que, do Outro, lhe invade — a presença exigente de que ela precisa se comportar como adulta.

Deixa tudo para começar no início do dia, no início da semana, no início do mês. Sempre que algo inesperado surge, e a impede de começar tal como idealizado, marca uma nova meta, esperando “a hora certa de começar”. Passa o dia na cama vendo filmes, desenhos e séries, o que a impede de se ocupar das responsabilidades domésticas, educacionais, profissionais, de tratamento e de saúde. Sua procrastinação vai, pouco a pouco, revelando a falta de recursos para operar com o mundo simbólico e construir um novo lugar no mundo. Ela procrastina não as atividades, mas sua própria posição de sujeito no mundo.

Quanto ao início de seu adoecimento, conta que se deu na saída do ensino médio, quando se viu “exigida” a decidir-se por uma faculdade. Antes disso, possuía amigos, não tinha tantas preocupações com seu corpo e se divertia muito. Concomitante à saída do ensino médio, têm seu primeiro encontro sexual que segundo ela “foi repugnante”.

Diz que seu melhor amigo havia começado a namorar, e por medo de perdê-lo, e sabendo que ele tinha interesse por ela, resolveu entregar-se a ele, ocupando, assim, o lugar de objeto de gozo do Outro. Faz sexo com o rapaz, buscando uma garantia de não ser abandonada. O nojo, primeiro do rapaz, mas que retorna sobre seu próprio corpo, foi o afeto que lhe tomou, e tomava consistência a cada vez que ela repetia seu ato, até que esse insuportável fez com que ela mesmo rompesse a relação.

Conta ainda que, durante o cursinho, começou a sentir que as pessoas a olhavam e lhe criticavam, pois não tinha o mesmo cuidado com a aparência que as outras meninas tinham — “Eu não era como elas. Elas eram mais felizes.” —, e que diante disso passou a não conseguir

mais ficar em sala de aula. Encarna o “nojo” da relação sexual com o amigo em seu próprio corpo e desenvolve uma grande insatisfação com sua aparência, fixando-se na ideia de que precisa ser magra. Passa a se recusar a comer, o que se contrapõe à sua fome voraz “por coisas gostosas”.

Sempre que se sentia mal por não conseguir emagrecer, era tomada pelo excesso de gozo que lhe fazia sentir nojo de si mesma, e buscava na automutilação um esvaziamento, bem como tomava remédios “para dormir até ficar melhor”. Situação que, após uma ingestão exagerada de remédios, acarretou uma internação psiquiátrica e um laudo com diagnósticos tais como: depressão maior, anorexia, bulimia e transtorno borderline.

No encontro com o analista, que lhe convidou a falar sobre seu insuportável, Nadja, oscilando entre o dizer e a recusa, pois “falar só faz se sentir pior”, consegue romper com os atos que colocam seu corpo e sua vida em risco. Troca as mutilações e os remédios pela fala, e consente em suportar, sob transferência, o difícil de dizer, pois segundo ela “Aqui, quando eu falo, as coisas ficam menos pesadas”. O primeiro efeito de seu percurso de análise, foi, segundo ela, “Não querer mais morrer todos os dias, só alguns”.

Em um determinado momento de seu tratamento, após dizer várias vezes dos excessos de demandas de sua avó para que ela estudasse, cuidasse de si e da casa, o analista calcula a necessidade de impor uma barra sobre a exigência vinda do Outro que fazia com que Nadja sustentasse sua posição de recusa cada vez menos flexível. Assim, em uma sessão conjunta com ela e a avó, o analista demarca que era preciso parar de querer por ela, sendo importante esperar o tempo no qual ela mesma poderia encontrar uma forma de se ocupar do que queria: “Ela não era mais uma criança e sim uma mulher, é preciso parar de tratá-la como se fosse incapaz”.

As consequências desse ato do analista aparecem em sessões posteriores, que abriram um novo caminho na direção do tratamento. “Ser mulher é muito difícil, mas não significa dizer que eu sou uma mulher”, e complementa: “Foi estranho você dizer aquele dia que eu era uma mulher, pois ainda me sinto como uma adolescente”. Ela, então, passa a dizer das dificuldades quanto ao ser mulher, pois exige uma série de cuidados tais como lavar o cabelo, cuidar dos pelos do corpo, usar maquiagem e alcançar uma beleza que, para ela, é impossível. Para além do ser mulher, para Nadja, o impossível é fazer uma separação do Outro e construir uma posição singular enquanto mulher e, conseqüentemente, enquanto um sujeito adulto.

Conta que nunca teve ninguém com quem falar sobre isso, e muito menos que a ajudasse nesse processo, anunciando que seu impossível se articula à inexistência de um Outro que lhe fosse solidário quanto aos semblantes de mulher. Lembra de sua primeira menstruação, no início de sua puberdade, aos 12 anos, quando apareceu uma secreção e ela não soube o que

estaria ocorrendo com ela: “Me senti desesperada”. Relata ter sido uma colega quem lhe disse do que aquilo se tratava. Nadja não se recorda de ter conversado isso com a avó ou com a mãe, e diz que nunca aprendeu nada sobre isso. Conta do aparecimento de espinhas, momento em que o médico receita o anticoncepcional, e fica sem entender o que seria isso, e por que precisava tomar aquilo.

Lembra que, mais velha, surgiram os pelos no corpo, os quais ela aprendeu com algumas colegas que deveria descolorir. Ela era criticada, pois eles não paravam de crescer, tornando-se evidentes ao ponto de causar estranhamento. Diz que se levantava as 4h30 da manhã para lavar o cabelo, e que isso tudo era muito difícil e “sem sentido”, até um dia dizer: “Hoje eu não vou fazer isso, vou fazer isso amanhã”, frase que vira o slogan de Nadja para representar sua eterna adolescência, que passa, agora, a ocupar o lugar central de seu dizer em análise. Nadja sai “da morte certa como destino”, para tentar construir um modo singular de lidar com o difícil de tornar-se... Aposta que ela consente em fazer, amparada pelo seu analista que, segundo ela, “respeita o tempo e não desiste”.

3.4.2 “Onde eu errei?” *Quando ser um homem não dá certo*

Este fragmento diz do trabalho analítico de Paulo, rapaz de 24 anos, atravessado pelo diagnóstico de bipolaridade desde seus 18 anos. Paulo ensina como seu modo melancólico de gozo, no que tange às exigências do Outro social, que alternando com atos impulsivos e compulsivos, prolonga sua adolescência como forma de se arranjar com o abalo de seu sentimento de vida inerente ao impossível de ser um homem adulto.

No primeiro momento de seu encontro com o analista, Paulo diz de como as coisas têm sido difíceis para ele, e de como fica pensando “o tempo todo” que não dá conta de nada. Conta do curso de graduação em Direito, o qual abandonou por não conseguir seguir com os estudos devido à pandemia, e de seu trabalho, na empresa da família, que era para ele “muito difícil”, pois o pai, com quem trabalha diretamente, é “cabeça dura” e não aceita nada que venha dele.

Fala também de suas compulsões, a alimentar que lhe fez engordar muito, e a de comprar que lhe fez ficar “muito endividado e dependente dos pais”, bem como sua incapacidade de se relacionar que fez com que ele passasse a se isolar no quarto. Diz ter tomado muitos remédios para dormir, o que faz como resposta sintomática toda vez que sente que “o dia está difícil”, o que lhe impede de seguir com suas obrigações. Demarca sua vontade de ganhar seu próprio dinheiro e de sair da casa dos pais, pois sua mãe “é muito preocupada e não dá espaço”, mas defende-se disso sustentando sua profunda apatia para com as atividades que lhe possibilitariam seguir rumo à sua independência. A polaridade ganhar dinheiro para sair da casa dos pais/apatia,

revelam que, para Paulo, a saída da adolescência não é uma tarefa simples, o que faz com que ele permaneça no lugar do objeto de cuidado da mãe.

Seu estado depressivo se instaurou a partir de duas situações com as quais ele não conseguiu lidar e que demarcaram para o rapaz que ser do sexo masculino, sustentar-se na lógica fálica, ter o lugar paterno como Ideal não fornecem quaisquer garantias quanto a ser um homem. A primeira, o falecimento de seu avô paterno, homem que ele tinha como referência masculina importante, fez desaparecer o lugar de onde recolhia os significantes que lhe permitiam construir o lugar do homem: “Era meu amigo, meu companheiro, minha referência. Ele sempre me ensinou tudo, e era com ele que eu conversava”. Conta que quando o avô morreu, ele perdeu “a direção”.

A segunda situação ocorreu pouco tempo depois do falecimento do avô, momento em que o rapaz já não tinha mais onde recorrer para dar conta do lugar do homem, principalmente no que tange à relação com uma mulher, uma vez que seu pai só lhe ensinou que “era preciso trabalhar pra ter dinheiro”. Tal situação foi, para ele, “a mais complicada”, e marcou em definitivo a ausência de garantia em sustentar o lugar de homem na lógica fálica.

Fala de um relacionamento com uma menina, um pouco mais velha que ele, pela qual esteve “perdidamente apaixonado”. Diz que essa jovem queria sair da casa dos pais, exigindo que ele fosse “responsável” e a assumisse como mulher. Como ele a estava namorando, resolveu atender à sua demanda. Primeiro, levando-a para morar nos fundos da empresa do pai, o que não funcionou, pois os pais “se metiam muito na relação”. Buscando sustentar um lugar viril para uma mulher, alugou um apartamento para que ela fosse morar, porém, ainda alienado ao desejo materno de uma mãe que queria lhe ajudar, permaneceu morando com os pais e indo ficar com a namorada todos os dias.

Em determinado dia, após ter ido a um bar com uns amigos para assistir um jogo de futebol, foi visitá-la. Chegando ao apartamento, deparou-se com ela na cama com um outro homem. A respeito disso, ele comentou: “Naquele momento eu apaguei. Só sei que me contaram que eu comecei a quebrar as coisas no apartamento, que eu bati no outro cara, desci as escadas e destruí o carro dele. Minha ex-namorada ligou para minha mãe pedindo socorro. Só acordei quando minha mãe chegou lá com meu pai”.

Conta que essa cena lhe causou um grande prejuízo, e que depois tentou voltar com a namorada, mas ela não o quis, dizendo que ele não era homem. Paulo conta que se sente muito arrependido do que aconteceu, que não sabe o que houve com ele, que “foi muito”, e que não sabe por que ela o teria traído, pois sempre fez de tudo por ela.

Durante o tempo desse primeiro momento do trabalho, o analista buscou balizar com Paulo suas dificuldades, tentando lhe possibilitar dizer sobre seu mal-estar. O trabalho foi conduzido durante alguns meses, ao que Paulo conseguiu minimamente se localizar e consentir com o fato de que nem sempre era possível “dar conta de tudo”.

A interrupção desse primeiro momento do tratamento se deu após uma intervenção em que o analista, buscando afrouxar os ideais fálicos muito consistentes e que o sustentavam capturado no fantasma do impossível, apontou com humor que ele precisaria pegar mais leve, pois ele não era nenhum “Homem de Ferro” para ser tão duro consigo mesmo e seguir sem alguns obstáculos. O analista aponta que nem o Homem de Ferro poderia ser considerado homem, pois ele seria em si uma armadura artificial que escondia um homem frágil, portanto, ser homem tinha algo da fragilidade.

Após isso, Paulo decide interromper o tratamento dizendo que a mãe estaria com problemas financeiros e que ele agora queria assumir a própria vida, e que voltaria quando pudesse pagar, o que ocorreu meses depois com uma chamada do rapaz dizendo que era hora de retomar o tratamento.

O segundo momento é marcado por Paulo dizendo como as coisas ainda continuavam difíceis, como ainda se achava inferior a todo mundo, mas que tentou encontrar maneiras de resolver essa sensação durante o tempo sem análise. Começou a fazer atividade física e dieta, perdendo 20 quilos; conseguiu assumir o trabalho com o pai, e, mesmo isso sendo complicado para ele, conseguiu regularizar suas dívidas, começando, inclusive, a cursar a faculdade de enfermagem.

Segundo ele: “Entendi que gosto de ajudar, você mesmo uma vez me disse que eu me sacrificava muito para não deixar ninguém sofrendo, e isso em nome de quê? Fui em uma benzedeira, e ela me ajudou a entender que eu poderia transformar isso em algo que me beneficiaria, então resolvi fazer enfermagem, cuidado das pessoas, e ainda tenho uma profissão”, o que demonstra sua tentativa de ancoragem, sem com isso renunciar a seu modo de gozo, ou mesmo responsabilizar-se por ele.

Quanto ao recurso imaginário da dieta e do emagrecimento, diz que achou que ficaria mais confiante, o que não aconteceu, e que ainda tem dificuldade de se relacionar com os outros, pois se sente inseguro, apontando que sua estratégia permanecia sendo o isolamento como maneira de não se responsabilizar por seu impasse, e manter-se capturado na posição infantil que recebe os cuidados maternos.

Fala de sua exigência consigo mesmo, por se ver como uma exceção — menos homem — ao estabelecer uma relação especularizada com o conjunto dos homens que representam

agora, para ele, o que é ser um homem: “Nunca faço o suficiente”. Ainda com base na relação imaginária com “Os homens”, fica na pressa para sair da casa dos pais, pois “Como um cara de 24 anos ainda mora na casa dos pais?”. Diz que, mesmo se ocupando das tarefas de casa, crê que precisa sair da casa dos pais, pois está “para trás” em comparação aos outros homens da sua própria idade, que já têm curso superior, já moram sozinhos, ou estão casados e morando com os pais.

O analista faz duas marcações, a primeira, demonstrando espanto, ao lhe perguntar se realmente achava que um homem que casa, mas precisa morar com os pais, era um ideal de homem para ele, ao que ele responde que não tinha pensado por esse lado, até porque ele mesmo havia tentado fazer isso, mas que automaticamente sempre pensa que o outro homem é melhor.

Na segunda marcação, o analista pergunta se tudo isso que ele estava dizendo era para que ele se sentisse mais seguro. Paulo responde que sim, e que queria voltar a ser o cara que era antes de tudo isso que aconteceu. Retoma a cena da traição e o fato de não ter conseguido lidar com ela, dizendo que na época tinha apenas 18 anos, “era uma criança tentando ser homem”. Recorda também o falecimento de seu avô, que era sua referência e seu melhor amigo. Diz que fica tentando entender onde errou, onde o analista intervém: “Então o que você está tentando dizer esse tempo todo é que sua grande questão é como ser um homem?”, ao que ele responde confirmando: “Eu não sei como ser um homem”.

Paulo mostra sua tentativa de saída da puberdade rumo ao ser um homem adulto, pela fantasia fálica, advinda dos ideais paternos, de ser tudo para uma mulher. Tornar-se homem, segundo seu romance familiar, diz da posição de um homem que trabalha para sustentar uma mulher, e pode atender todas as suas demandas. Entretanto, a contingência, logo de saída, aponta o furo da relação sexual. A traição de sua namorada demarca que não há, pautando-se na lógica fálica, como fazer existir a relação sexual, o que ocorre da maneira mais desvelada possível e lhe faz recuar de sua posição sexuada. O que surge daí é a descrença no falo e a desmotivação quanto ao que poderia, para esse sujeito, fazer-lhe homem.

Paulo eterniza sua adolescência, fazendo dela seu sintoma particular, sustendo-a no gozo da compulsão. Mantém-se na posição de idealizar uma posição masculina que fica cada vez mais distante e impossível. Assim, Paulo se mantém na posição fálica, porém na posição de menos. Paulo se mantém no lugar de exceção como um menos. É deste lugar de menos que ele se vale para sustentar sua adolescência eternizada.

SIDERAÇÕES (NEM TÃO) FINAIS: NOVAS PERSPECTIVAS QUE SE ABREM

A partir da virada no ensino de Lacan, que se deu nos anos 1970, pudemos localizar que a construção de uma posição sexuada, bem como das coordenadas quanto ao tornar-se adulto, vai além daquilo que propunha a noção edípica, e que Lacan retomou com base em sua conceituação da Metáfora Paterna. Isso não significa dizer que o Édipo esteja dispensado, mas ele não consegue alcançar tudo o que diz respeito à questão. O tornar-se, trabalhado ao longo desta pesquisa, diz da invenção que cada ser falante pode construir para dar conta da impossibilidade da relação sexual, e da maneira como irá se arranjar com o gozo. Ser adulto, homem ou mulher, posicionar-se de forma sexuada, consiste em inventar um contorno para o que não há.

Quando Lacadée propõe que a puberdade é uma delicada transição, pudemos localizar que, se essa transição é delicada, ela o é, pois o que marca esse momento é, de um lado, a saída da infância e, do outro, a irrupção de um novo para o qual o sujeito não foi preparado: o que fazer quanto ao sexo. É interessante notar que Freud, em suas formulações sobre a diferença sexual, tentou dar conta disso com base na relação da criança com os pais, formulando o complexo de Édipo e a ameaça de castração, que teria como resultado a identificação ao falo. Lacan também caminhou por aí ao escrever o lado homem da sexuação, aquele no qual o pai opera com exceção e o gozo estaria sustentado no falo.

Porém, mesmo tendo o pai no campo do Ideal e o falo como uma possibilidade de arranjo, meninos e meninas em nada estão preparados para o que virá a acontecer na puberdade, e muito menos depois dela, na vida adulta. Localizamos que há a dimensão do gozo que o falo se mostra incapaz de drenar, bem como o fato de que ser adulto vai além do que é posto pelo Ideal, e pelo que o gozo fálico consegue contornar. É esse além do gozo fálico que se localiza no lado feminino da sexuação. Lacan, ao escrever as fórmulas da sexuação, mostra-nos que, em ambos os lados, há sempre um embaraço com a não relação sexual, seja do lado homem, no qual o gozo fálico se mostra insuficiente para dizer o que seria um homem, seja do lado feminino, no qual, mesmo servindo-se do falo, esse não pode dizer da mulher, o que não significa que ela não se sirva dele.

Isso fica evidente quando retomamos a peça *O despertar da primavera*, escrita em 1890 pelo dramaturgo alemão Frank Wedekind, pela qual constatamos que o “despertar” consiste justamente na emergência do enigma sexual para o sujeito, e do qual ele nada sabe. Os casos freudianos, aos quais recorreremos aqui, também nos deram notícias de que, quanto ao sexual, o sujeito só pode responder pela via fantasmática e sintomática. Aliás, foi um achado perceber que os casos freudianos aqui apresentados tratavam de sujeitos que produzem seus sintomas a partir do impasse quanto à incidência deste novo da puberdade.

Em suma, as formulações freudianas se mostraram insuficientes para amparar a clínica psicanalítica quanto a essa transição delicada, e, portanto, foi Lacan que, mesmo sem ter o tema da puberdade como ponto de maior interesse, pôde, por meio de suas formulações, principalmente quanto ao gozo e ao feminino, dar-nos coordenadas que permitissem ler o impasse da adolescência.

A grande novidade introduzida por Lacan foi tomar o enigma sobre a mulher, tão presente e persistente na psicanálise, para realizar um desdobramento importante, o que implicou no giro que nos ajuda a pensar a sexuação não somente pelos Ideais, mas por um gozo mais além do falo. Lacan partiu da tão presente dificuldade de simbolização da posição feminina e nos ensinou que, não havendo uma inscrição da diferença sexual no inconsciente, dizer da mulher a partir de uma categoria universal seria uma tarefa impossível. Nem mesmo o inconsciente oferece coordenadas para que o sujeito se instale numa posição sexual, seja como homem ou mulher. Aliás, constatamos que o inconsciente é justamente marcado pelo que desse enigma não encontra tratamento na linguagem.

O ponto em que chega Lacan (1972-1973/2008c) é o de considerar, baseado na tese freudiana da ameaça de castração, que assumir uma posição sexual, que implica em decidir-se por um objeto amoroso, mesmo que de forma precária, não se dá sem a incidência do Outro, representado pelas identificações paternas e maternas. Ao formular a tábua da sexuação, Lacan ensina que a tomada de uma posição sexual não é um processo linear e não se dá sem alguma desordem, e a escolha se daria em termos de identificação e também quanto ao gozo que está em jogo que independe até mesmo da posição sexual. Em outras palavras, trata-se, na tábua da sexuação, de pensar como cada um pode lidar com o falo, bem ou mal, tendo em vista que ele cumpre um papel organizador. Mas isso não significa dizer que ele possa dar conta de tudo, portanto, é um “mal necessário”.

Ainda é interessante extrair que, mesmo formulando essa divisão quanto aos modos de gozo masculino e feminino, Lacan deixa claro que isso não serve de coordenada quanto ao que seria um homem ou uma mulher, e muito menos poderia dizer como ser um sujeito adulto. As tábuas orientam a leitura de como os seres falantes podem operar, em termos de gozo, no encontro sexual, a partir de uma posição masculina (fálica) e uma posição feminina (não-toda fálica) independente da identidade sexual. Tal perspectiva aponta como os sujeitos gozam com base no falo, ao passo que vai além dele, ao localizar que há algo do gozo que não é drenado pelo falo, introduzindo assim uma dimensão suplementar.

É o gozo, e não os semblantes construídos a partir do que se recolhe do discurso, que permite os sujeitos, não totalmente, construírem uma identificação quanto à posição sexual a

que Lacan se refere na sexuação. Assim, não se trata de uma repartição pautada no binário homem e mulher das categorias de gênero. O verdadeiro é que, seja lá como o sujeito se engancha no seu semblante, ele pode operar tanto do lado feminino quanto do lado masculino do gozo. Portanto, teríamos posições de gozo — masculino e feminino —, mas, quanto à tarefa de tornar-se adulto, homem ou mulher, o ser falante só tem a linguagem e os semblantes para se servir, o que, mesmo fazendo algum contorno ao real, não faz com que ele deixe de embaraçar os sujeitos.

Assim, localizamos que, diante do embaraço dos semblantes que não podem sustentar o sujeito na realidade, há o sintoma da puberdade que diz justamente da possibilidade de fazer uma metáfora ao real do sexo e ao impasse quanto ao tornar-se adulto.

A pesquisa nos revelou que, contrariamente ao estabelecido pela psicologia do desenvolvimento, não se pode pensar a adolescência como o período da vida entre a infância e a vida adulta, pois o que ela revela é que há um impasse para o sujeito no que tange à sua relação com o sexual. A adolescência, para além de ser um “período”, é uma resposta que o sujeito pode construir para dar conta do que, da vida adulta, apresenta-se como impossível: a responsabilidade por sua posição sexuada e por seus modos de gozo. Se a sexualidade, segundo Lacan, faz furo no real, podemos constatar que a adolescência é o momento em que o encontro do sujeito com esse furo se atualiza.

Assim, baseado no que foi recolhido em nossa pesquisa, é pertinente pensar a adolescência como a resposta sintomática que o sujeito constrói para “apaziguar” a angústia do encontro com o real do sexo, mas que, contudo, pode lhe manter capturado no tempo de compreender que se prolonga infinitamente. E é também interessante constatar que, embora ser homem e mulher não signifique o mesmo que ser adulto, ambos os lugares se encontram entrelaçados, de forma que poderíamos afirmar que ser adulto significa responsabilizar-se por sua posição enquanto homem ou mulher, e tal responsabilização, às vezes, mostra-se impossível para alguns, e a adolescência vêm dar contorno a isso.

Esse tempo de compreender, o qual defendemos que a adolescência prolonga, é apontado por Lacan, ao formular a questão do tempo na psicanálise e na direção do tratamento. Ele lança mão do sofisma dos três prisioneiros para localizar três tempos que podemos articular aos nossos achados: o instante de ver, que compreende a irrupção de um real que abala as identificações que estabilizam o sujeito e o fixam na realidade; o momento de compreender, momento necessário, em que o sujeito pode, a partir do enigma, construir uma resposta ficcional que faça furo no real e lhe possibilite novos arranjos para o abalo do tempo anterior; e o momento de concluir, no qual, a partir de um novo enlaçamento e de um saber singular, o sujeito

pode se lançar rumo a uma posição decidida, que implica em uma posição ética de responsabilidade por seu modo de gozo, e, portanto, autorizar-se quanto adulto.

Lacan expõe que, no tempo de compreender, o sujeito não está só, é preciso que ele se articule ao que vem do Outro. Na adolescência, o sujeito se serve dos semblantes disponíveis para construir sua posição, semblantes que, sendo produzidos pelo discurso, advêm da relação com o Outro. Porém, a observação, a identificação ao campo do Outro, só pode oferecer algumas coordenadas, não sendo possível uma resposta inequívoca e que garanta um saber todo — só é possível uma suposição, pela qual o sujeito pode se decidir e se lançar ao tempo seguinte.

Afirmamos, ainda, que as operações de alienação e de separação, localizadas na pesquisa como chaves de leitura para os impasses da adolescência, localizam-se no tempo de compreender. Nesse tempo, então, o sujeito dá voltas, precipita-se, atua e retorna ao lugar do enigma. Verificamos isso na adolescência, quando o sujeito “experimenta” modos de gozo, se lança na “experimentação” quanto ao ser adulto, a partir do que recolhe no mundo. Entretanto, nem todos os semblantes disponíveis no campo do Outro são suficientes para lhe autorizar a uma posição: não há saber que lhe garanta uma resposta definitiva.

Assim, seria no tempo de compreender que o encontro com um analista poderia dar contornos às invenções adolescentes. Em uma análise, mais do que colocar o corpo em jogo na experimentação, o sujeito é convidado a falar de sua posição adolescente e de seus impasses quanto ao tornar-se adulto. Os fragmentos clínicos apresentados demonstram que nesse encontro é possível apaziguar a angústia que faz o corpo se agitar, bem como possibilitar ao sujeito construir recursos únicos para dar conta de sua angústia, ao passo que pode lhe permitir formular uma questão, um enigma sobre o real que lhe atravessa.

Ainda em tempo, Lacan, na década de 1970, começa a demarcar o declínio da instância paterna, isso representa que aquilo que vem do pai, a ameaça de castração, já não mais assombra os seres falantes (Rosa, 2019), e restaria investigar o que impactaria o ser falante, se já não é mais o pai, e qual seria a incidência disso no que tange à questão da posição sexuada, tendo em vista que, até então, era em torno do pai que ela girava.

O que se extrai do ensino de Lacan é que os modos de gozo, tal como colocados na sexuação, não estariam ligados no laço com o pai e a mãe, mas na constatação de que há uma impossibilidade de complementariedade entre o sujeito e o objeto — não há um objeto capaz de satisfazer o sujeito. Não há, para o ser falante, já que não há a diferença sexual no inconsciente, nada que faça uma ligação direta entre os dois polos binários: homem/mulher.

No que tange à relação entre os seres, no máximo, há a linguagem, pela qual se pode construir semblantes, mas a linguagem é sempre falha, portanto, o que não cessa de não se

inscrever é a inexistência da relação sexual. Esse aforismo cunhado por Lacan, e trabalhado ao longo de nossa pesquisa, atesta para o fato de que o falo não é senão um operador do qual o sujeito dispõe para equacionar as questões da diferença sexual e do gozo, embora não todas, pois não deixa de evidenciar o fracasso da relação sexual, bem como o fracasso dos semblantes para fixar o sujeito numa posição adulta.

Verificamos isso na própria tábua da sexuação. De um lado, o do homem, há o sujeito amparado no falo buscando sua causa de desejo, no outro lado, o feminino. Fazer da mulher objeto causa de desejo é, segundo Lacan, o modo de gozo fetichista do homem, o que implica em não ter que se haver com a castração, mas fazer dela uma forma de sustentar o gozo fálico, gozo do órgão. Do lado da mulher, ser causa do desejo de um homem não dá conta de tudo o que diz respeito à mulher, pois há um gozo experimentado por ela que vai além disso.

Ainda verificamos, pelos fragmentos clínicos apresentados, que, quanto ao tornar-se adulto homem ou mulher, haveria sempre algo da solidão em jogo, seja para os homens ou para as mulheres. Se o pai já não funciona mais como Ideal e se, quando algumas vezes opera, funciona como um Ideal impossível, ou como o que o sujeito rechaça, concluímos que, quanto ao tornar-se adulto, homem ou mulher, há algo da solidão com o qual o ser falante precisaria se arranjar.

Rosa (2019) afirma que, na contemporaneidade, há um modo cada vez mais fluido na maneira como os sujeitos operam com a diferença sexual; segundo a autora, tal constatação nos convoca a ir além da diferença formulada com base nos universais definidos atributivamente, ou seja, “Nesse contexto, a teoria dos conjuntos articulada ao Há-Um [Yad’lun] nos leva, mais além das identificações, ao campo da sexuação” (p. 112).

Brousse (2013) corrobora essa ideia, tomando a dimensão da solidão para argumentar que o Um não se funda mais na exceção paterna, tal como aquele que serviu a Lacan para construir a linha superior da tábua, do lado esquerdo (lado homem) e que possibilitaria a construção de um universal que definisse a posição do todo. Assim, a autora coloca que a regulação contida nessa fórmula fica em questão, concluindo que, “atualmente, os uns estão, cada um e cada uma, absolutamente sós” (Rosa, 2019, p. 99).

Diante disso, caberia pensar a escolha sexual, não apenas pelo viés da falta fálica e da castração, pois, como já trabalhado, na tábua, há a dimensão do gozo que vai além do falo. Como coloca Brousse (2013), pensar a escolha sexual além do falo, já que ele não responde nem mesmo ao lugar do homem, que dirá ao da mulher, é pensar “um sistema simbólico que responde à falta como um modo de gozo” (Rosa, 2019, p. 104).

Diante disso, constatamos que, na puberdade, há uma atualização do encontro com o furo feito pela sexualidade, o que significa dizer que esse real que irrompe da puberdade precisaria ser furado pela construção de uma posição sexuada, caso contrário, haveria um real consistente demais e impossível de ser enfrentado. Portanto, o sujeito aí é tomado por um desarranjo em seu mais íntimo sentimento de vida (Lacan, 1957-1958/1999) e encontra-se solitário quanto aos novos arranjos a serem construídos. A adolescência, tomada como sintoma, vem responder a isso, funcionando como uma amarração que permite ao sujeito, por meio de suas identificações imaginárias com o grupo, amarrar-se no mundo e fazer um furo nesse real.

Verificamos a necessidade de se pensar, no que tange à adolescência, uma leitura da emergência da questão sexual, o que implica na escolha sexual, na construção dos semblantes quanto ao ser homem ou mulher, e na maneira como cada um poderá construir uma posição adulta, pois essas se mostraram ser as tarefas com as quais os adolescentes precisam se haver na saída da puberdade. Os fragmentos clínicos, assim, nos mostraram que, muitas vezes, tal tarefa parece impossível, de tal maneira que há uma procrastinação no sintoma da adolescência.

Isso implica em dizer que, na contemporaneidade, a falta da regulação que anteriormente era imposta pelo falo e pelo Pai deixa o torna-se adulto, homem ou mulher, cada vez mais conturbado. O sujeito adolescente, em sua solidão, parece ter mais dificuldades para romper com esse sintoma, pois o que marca a subjetividade de nossa época, a partir da década de 1970, é o movimento apontado por Rosa (2019) como desedipianização e queda do falocentrismo, ocorrido no meio da civilização atual. Quanto a isso, é importante esclarecer que questionar a centralidade do falo não implica em dizer que ele se torna dispensável como operador lógico da sexualidade, da sexuação e do gozo.

O questionamento da centralidade do falo contribuiu para o que verificamos nos relatos extraídos do consultório sobre o declínio da queda do lugar do adulto como autoridade, o que incide também no fato de que os semblantes, quanto ao tornar-se adulto, parecem ficar cada vez mais inconsistentes, não ofertando a segurança de outrora. Se, antes, ser adulto poderia representar, no mínimo, assumir uma identificação sexual pela via do Ideal, com o declínio da autoridade paterna, percebe-se que até isso se encontra enfraquecido.

As consequências disso, tal como nossa pesquisa mostrou, é o que podemos resumir na seguinte expressão: na puberdade, se o sujeito, para sair dela, precisa dar conta de sua posição sexuada e, para tanto, constrói a adolescência como um sintoma que oferece uma amarração para seu sentimento de vida, a saída da adolescência, e o autorizar-se enquanto homem ou mulher adulto, torna-se, para esses sujeitos, impossível.

Uma das questões que surgem no desenvolvimento desta pesquisa é: diante do impossível quanto ao dizer-se ou assumir-se enquanto homem ou mulher, e quanto ao ser adulto, quais respostas sintomáticas encontramos quanto à escolha sexual? Embora não tenhamos passado por aí, Rosa (2019) faz alguns comentários que nos convidam a um novo ponto de discussão: o apagamento da escolha sexual e uma posição sexual a partir do mais-de-gozar, o que ela chama de (in)diferença sexual. Isso ficará para investigarmos em uma próxima pesquisa.

Rosa (2019) traz em seu trabalho alguns fragmentos clínicos de mulheres que, em algum momento de suas vidas, remeteram-se a parcerias amorosas homossexuais, não pela escolha, mas como resposta pautada no mais-de-gozar. A autora ainda afirma, quanto a essas mulheres, ser possível localizar uma “(in)diferença quanto à identidade sexual. A diferença sexual não gera questionamentos ou angústias quando se trata do sexo do parceiro e também não retorna sobre o sujeito na forma de uma pergunta sobre a sua própria identidade sexual, homem ou mulher” (p. 112). Seria possível constatar a incidência dessa (in)diferença sexual como resposta cada vez mais constante na contemporaneidade, e pensar o tornar-se adulto para além de uma posição sexuada?

Um ponto importante de ser constatado, e isso também foi possível extrair de nossa pesquisa, é que o que separa a criança do adulto não é nem a idade cronológica e nem mesmo a puberdade — lembremos que ela marca a saída da infância e a incidência da irrupção do real do sexo. Se pudermos dizer que a puberdade marca alguma coisa, é isto: o enigma quanto ao sexual. A adolescência, portanto, não é um antes da vida adulta, tanto que encontramos sujeitos que constroem seu sintoma, que faz furo no real, que se prolonga até o que a psicologia do desenvolvimento, e o Outro social, já consideraria como vida adulta.

Assim, podemos localizar que o ser adulto envolve decidir-se por uma posição sexuada e construir os semblantes que nomeiem o real do sexo, o que significa, portanto, assumir uma posição ética de responsabilizar-se por seu gozo — algo que a adolescência procrastina. Quanto a isso, Laurent (2003) nos ajuda em nossa consideração propondo que o adulto é o sujeito que foi até o fundo de um desejo e encontrou seus restos, a causa que o anima. Assim, tal como formula Lacan (1967/2003a), o adulto seria aquele que não desconhece a causa de seu desejo, aquele que soube extrair do furo da estrutura a sua sustentação do desejar e a certeza de seu ato.

Será que há adultos nos dias de hoje? O que verificamos, e que sustentamos com base nos fragmentos clínicos, é que a subjetividade de nossa época tem sido marcada por sujeitos cada vez mais desresponsabilizados, se é que não podemos dizer irresponsáveis, quanto ao seu gozo, que têm, em seu ato, pura demanda endereçada ao outro, ou, ao contrário, renunciam ao

seu ato, deixando seus corpos tomados pelo peso do estado melancólico, ficando impossibilitados de movimentar-se em direção a invenções singulares.

Será que precisaríamos constatar e concordar com a formulação lacaniana (1967/2003a) ao dizer a expressão “criança generalizada” em oposição ao adulto? Quando Lacan formula essa expressão, ele nos diz que se não existisse “gente grande” seríamos todos crianças, e esse termo “criança generalizada” designa justamente a questão do gozo e da responsabilidade subjetiva por ele. Assim, se podemos extrair algo disso em nossa pesquisa, poderíamos formular nos seguintes termos: se não há adultos, pois ser homem ou mulher e posicionar-se na partilha sexual enquanto ser sexuado torna-se uma tarefa impossível ao sujeito, há a “adolescência generalizada”.

Percebemos, pelos fragmentos clínicos apresentados, que há sujeitos que não se autorizam de sua posição sexuada, e isso se dá por vários motivos: porque permanecem alienados aos significantes paternos, seja pela via do Ideal impossível, ou pelo rechaço; de qualquer forma, é da alienação que se trata. E há também aqueles que se encontram diante do impossível porque, quanto a esse real que surge, não há um furo que amorteça, que possa amarrar o sentimento de vida e abrir um caminho para invenções.

Seja como for, podemos interpretar isso à luz do que Lacan (1974/2018, p. 188) formula em seu seminário *Os não-tolos erram*: “O ser sexuado não se autoriza senão de si-mesmo . . . e de alguns outros”. Esses sujeitos que eternizam a adolescência não se autorizam e não são autorizados enquanto seres sexuados.

Outro ponto importante é que com esse novo giro, que inclusive corrobora nossos achados, ao passo que aponta um mais além de nossa pesquisa, fica evidente que não há essência de homem e de mulher, e, para posicionar-se enquanto sexuado, não se pode partir de uma definição pautada no todo, no falo e na exceção, para, então, verificar-se como cada um se instaurou nela — autorizar-se de uma posição sexuada, não significa ser homem ou mulher (Rosa, 2019). Assim, ao invés de concluir, abrimos um novo campo de investigação posterior, que visa interrogar “Como pensar a autorização quanto à sexuação em tempos de inexistência de ‘alguns outros’? E, em tempo, quais respostas encontramos na contemporaneidade que visam possibilitar ao sujeito uma amarração no mais íntimo sentimento de vida?”. Pergunta que marca um novo instante de ver.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Knobel, M. (2003). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Editora Artmed.
- Aguiar, W. M., Bock, A. M., & Ozella, S. (2007). A orientação profissional com adolescentes: Um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In A. M. Bock, M. G. Gonçalves, O. Furtado (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 163–178). Cortez.
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Jorge Zahar.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Silva, C. M. F., Malaquias, J. V., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2003). A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(3), 669–679. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000300002>
- Aurélio, B. H. F. (2010). *Dicionário*, 5a ed. Editora positivo.
- Barreto, C. (2004). O despertar sexual na adolescência. *Curinga*, 20(1), 117–121.
- Bessa, G. L. P. (2012). *Feminino: Um conjunto aberto ao infinito*. Scriptum Livros.
- Borsoni, P. (2015). Homem e mulher: o real da não relação. In G. G. Gorski, & M. J. S. Fuentes, *Leituras do seminário ... ou pior de Jacques Lacan*. Escola Brasileira de Psicanálise.
- Brousse, M.-H. (2012). O que é uma mulher? Entrevista com Marie-Hélène Brousse. *Latusa Digital*. 49(9), 1–39. <https://xdocs.com.br/doc/o-que-e-uma-mulher-latusadigital-2012-m-h-brousse-lo1vvm76lzow>
- Brousse, M.-H. (2013). L'homosexualité féminine au pluriel ou quand les hystériques se passent de leurs hommes de paille. In S. Harrison, *Elles Ont choisi: les homosexualités féminines* (pp. 21–35). Éditions Michèle.
- Capanema, C. A. (2018). *Enlaces e desenlaces na adolescência* (Coleção Sala de Espera). Scriptum.
- Castellar, C. (1989). Psicanálise e adolescência: considerações teórico-técnicas. In C. Castellar, & L. A. Freitas, *Crise da adolescência: visão psicanalítica*. Rocco.
- Castro, J. E. (2010). O método psicanalítico e o estudo de caso. In J. O. Moreira, & F. K. Neto (Orgs.), *Pesquisa em psicanálise: transmissão na Universidade* (pp. 24–35). EdUEMG.
- Cavalcanti, R. C. (1988). Adolescência. In N. Vitiello et al., *Adolescência hoje* (pp. 5–27). Roca.
- Cole, M., & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Artmed.
- Cunha, C. F., & Lima, N. L. (2012). Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* 15(4). <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400004>

- DaMatta, R. (2009). Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, 6(1), 7–29. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132000000100001>
- Diniz, M. (2018). O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. In T. Ferreira, & A. Vorcaro (Orgs.), *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita* (pp. 111–128). Autêntica Editora.
- Fuentes, M. J. S. (2018). Desencanto da sexualidade. *Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise*. <https://ebp.org.br/sp/orientacao-desencanto-da-sexualidade/>
- Francesconi, P. (2014). Sexuação. In O. Machado, & V. Ribeiro (Orgs.) *Um real para o século XXI* (pp. 349–351). [Scilicet] Associação Mundial de Psicanálise. Scriptum.
- Freud, S. (1974). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 75–281). Imago. (Trabalho original publicado em 1930.)
- Freud, S. (1989). Um estudo autobiográfico. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 13–92). Imago. (Trabalho original de 1925[1924].)
- Freud, S. (1996a). A etiologia da histeria. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 187–215). Imago. (Trabalho original publicado em 1896.)
- Freud, S. (1996b). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 281–288). Imago. (Trabalho original publicado em 1914.)
- Freud, S. (1996c). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 13–136). Imago. (Trabalho original publicado em 1909.)
- Freud, S. (1996d). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 361–378). Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1916].)
- Freud, S. (1996e). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 243–244). Imago. (Trabalho original publicado em 1910.)
- Freud, S. (1996f). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 15–116). Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1901].)
- Freud, S. (1996g). Histeria. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 75–94). Imago. (Trabalho original publicado em 1888.)
- Freud, S. (1996h). O interesse educacional da psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 190–192). Imago. (Trabalho original publicado em 1913.)

- Freud, S. (1996i). Parte II. Psicopatologia. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 401–443). Imago. (Trabalho original publicado em 1886-1889.)
- Freud, S. (1996j). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 335–468). Imago. (Trabalho original publicado em 1895.)
- Freud, S. (1996k). Totem e Tabu. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13–20). Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912].)
- Freud, S. (1996l). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (V. 7, pp. 117–217). Imago. (Trabalho original publicado em 1905.)
- Freud, S. (2018a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, (1958-1939) *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes Trad., pp. 259–276). Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 7.) (Trabalho original publicado em 1925.)
- Freud, S. (2018b). O declínio do Complexo de Édipo. In S. Freud, (1958-1939) *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes Trad., pp. 247–258). Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 7.) (Trabalho original publicado em 1924.)
- Freud, S. (2018c). Organização genital infantil. In S. Freud, (1958-1939) *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes Trad., pp. 237–246). Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 7.) (Trabalho original publicado em 1923.)
- Freud, S. (2018d). Sobre as teorias sexuais infantis. In S. Freud, (1958-1939) *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes, Trad., pp. 95–116). Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7.) (Trabalho original publicado em 1908.)
- Freud, S. (2018e). Sobre o esclarecimento sexual das crianças (Carta aberta ao Dr. M. Furst). In S. Freud, (1958-1939) *Amor, sexualidade, feminilidade* (M. R. S. Moraes, Trad., pp. 31–94). Autêntica Editora. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 7.) (Trabalho original publicado em 1907.)
- Garrod, A., Smulyan, L., Powers, S., & Kilkenny, R. (1995). *Adolescent portraits: Identity, relationships, and challenges* (2a ed.). Allyn and Bacon.
- Gomes, P. D. S. (2018). *Adolescentes e internet: o risco como aposta* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B77EZ7/1/disserta__o_patricia_da_silva_gomes_ppgp.pdf
- Grossman, E. (1998). La adolescencia cruzando los siglos. *Adolescencia Latinoamericana*, 1(2), 68–74.
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Ágora* (Rio J.), 4(1), 85–101. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000100006>

- kimmel, D. C., & Weiner, I. B. (1998). *La adolescencia: una transición del desarrollo*. Ariel.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência* (C. R. Guardado, & V. A. Ribeiro, Trad.). Contra Capa Livraria.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. (Texto estabelecido por J.-A. Miller, A. Menezes, Trad., 2ª ed.) Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1955-1956.)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1969-1970.)
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (D. D. Estrada, Trad.). Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1956-1957.)
- Lacan, J. (1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537–590). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958.)
- Lacan, J. (1998b). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 734–745). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960.)
- Lacan, J. (1998c). Intervenção sobre a transferência. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 214–225). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1951.)
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1957-1958.)
- Lacan, J. (2003a). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 359–368). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967.)
- Lacan, J. (2003b). Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 369–370). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969.)
- Lacan, J. (2003c). O aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 448–497). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972.)
- Lacan, J. (2003d). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 29–90). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1938.)
- Lacan, J. (2003e). Prefácio a “O despertar da primavera”. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 557–559). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974.)
- Lacan, J. (2003f). Proposição de 9 de outubro de 1967. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 248–264). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967.)
- Lacan, J. (2003g). Televisão. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 508–543). Zahar. (Trabalho original publicado em 1973.)
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1962-1963.)
- Lacan, J. (2008a). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1964.)

- Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1968-1969.)
- Lacan, J. (2008c). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1972-1973.)
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante*. Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1971-1972.)
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972.)
- Lacan, J. (2018). *O Seminário, livro 21: Os não-tolos erram/Os nomes do pai* (F. Denez, & G. C. Volaco, trad. e org.). Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1974.)
- Laurent, E. (2003). *Hay un fin de análisis para los niños*. Colección Diva.
- Le Breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência* (A. M. C. Guerra, et al. Trad.). Editora Puc Minas.
- Lima, N. L., Santos, A. P., Rezende, A. O., Melo, C. M., Cerqueira, F., & Araújo, R. S. (2016). A eliminação das diferenças entre os sexos: uma leitura psicanalítica. *Psicologia em Revista*. <https://downloads.editoracientifica.org/articles/200901419.pdf>
- Limeira, V. M., Costa, M. C. S., & Rodrigues, S. M. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Subjetividades*, 17(1), 68–78.
- Marcos, C. (2018). A escrita do caso clínico em psicanálise: uma lógica não-toda. In T. Ferreira, & A. Vorcaro (Orgs), *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita* (pp. 97–109). Autêntica Editora.
- Marcos, C. M., & Mendonça, R. L. F. (2018). Adolescência e diferença sexual: o lugar do ato. *Estilos clin.*, São Paulo, 23(1), 175–190. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i1p175-190>
- Marret-Maleval, S. (2017). A junção íntima do sentimento de vida. *Opção Lacaniana online* 8(23). http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/A_juncao_intima_do_sentimento_de_vida.pdf
- Melvin, L., & Wolkmar, F. R. (1993). *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência* (3a ed.). Artes Médicas.
- Mendonça, R. L. F. (2017). *Gravidez na adolescência: uma resposta ao outro?* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_MendoncaRL_1.pdf
- Mezêncio, M. S. (2004). Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. *Psicologia em revista*, 10(15), 104–113.
- Michaelis. (n.d.). *Seblante*. In *Michaelis dicionário on-line*. Recuperado 29 maio 2022 de: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=semblante>

- Miller, J.-A. (2010). Efeito de retorno à psicose ordinária. *Opção Lacaniana online*, 1(3).
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf
- Miller, J.-A. (2012). Mulheres e semblantes. In H. Caldas, A. Murta, & C. O. Murta (Orgs.), *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico* (pp. 49–90). Scriptum.
- Miller, J.-A. (2015). *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Zahar.
- Miller, J.-A. (2016). Uma partilha sexual. *Opção lacaniana online*, 7(20).
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf
- Miller, J.-A. (2020). En dirección a la adolescencia. In J.-A. Miller, *De la infancia a la adolescencia*. Paidós.
- Millot, C. (2001). *Freud antipedagogo* (A. Roitman, Trad.). Jorge Zahar.
- Peres, F., & Rosenburg, C. P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública. *Revista Saúde e Sociedade*, 7(1), 53–86.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12901998000100004>
- Pisetta, M. A. M., & Besset, V. L. (2011). Alienação e separação: elementos para discussão de um caso clínico. *Psicologia em Estudo*, 16(2), pp. 317–324.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/TgF3k89LtYpb58spCgR78Ws/?format=pdf&lang=pt>
- Ramírez, M. E. (2014). Apresentação do livro: “Despertar da adolescência. Freud e Lacan leitores de Wedekind”. *Opção Lacaniana online* 5(15), pp. 1–19.
http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Apresentacao_do_livro.pdf
- Recalcati, M. (2004). *La última cena: anorexia y bulimia*. Ediciones Del Cifrado.
- Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora? Um estudo lacaniano sobre as histerias*. Edição da autora.
- Roy, D. (2019). Quatro perspectivas sobre a diferença sexual. *Cien Digital*, 23.
<https://ciendigital.com.br/index.php/2019/11/17/quatro-perspectivas-sobre-a-diferenca-sexual/>
- Pimenta Filho, J. A. (2004). Adolescentes, qual transição hoje? *Curinga*, 1(20), 117–121.
- Sabino, F. (1979). *O grande mentecapto*. Record.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Faria, M., & Silves, E. F. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227–234, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Silva, T. L. (2019) *Ato e feminino: o que nos ensinam Madeleine Gide e Medeia?* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_SilvaTL_1.pdf
- Silva, T. L., & Marcos, C. M. (2021). Adolescência e feminilidade na Peça O Despertar da Primavera. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36410>

- Solano, E. (1997). *1ª Conferência: Qual o real em questão no momento da adolescência? Qual o real em jogo na puberdade?* Arquivos da Biblioteca EBP, (1), 7–52.
- Soler, C. (2005). Éticas sexuadas. In C. Soler. *O que Lacan dizia das mulheres* (V. A. Ribeiro, Trad., pp. 136–148). Zahar.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (2a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Curinga*, 20, 27–39. (Conferência original feita em 1998.)
- Stevens, A. (2013). Quando a adolescência se prolonga. *Opção Lacaniana online*, 4(11). http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf
- Vieira, A. A., & Vorcaro, A. M. R. (2014). Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. *Psicologia USP*, 25(2), pp. 144–154. <https://doi.org/10.1590/0103-6564A20135113>
- Viganó, C. (1998). *O despertar difícil*. Associação Médica de Minas Gerais (Transcrição da conferência, inédito).
- Viola, D. T. D., & Vorcaro, A. M. R. (2015). O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicol. USP*, 26(1), pp. 62–70, 2015. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130037>
- Vorcaro, A. M. R. (2018). Transmissão e saber em psicanálise: (in) passes da clínica. In T. Ferreira, & A. Vorcaro (Orgs.), *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita* (pp.111–128). Autêntica Editora.
- Wedekind, F. (1973). *O despertar da primavera*. Estampa. (Trabalho original publicado em 1891.)